# RELATORIO

APRESENTADO

## AOS ACCIONISTAS DA COMPANHIA DO MUCURY

NO DIA 10 DE MAIO DE 1860

PELO DIRECTOR DA COMPANHIA

**THEOPHILO BENEDICTO [illegible]TTONI**

*RIO DE JANEIRO*

Typ. do Correio Mercantil, rua da Quitanda n. 55

1860

SENHORES ACCIONISTAS.

Negocios de interesse vital para a nossa companhia jazêrão largo tracto de tempo paralysados nas publicas estações.

Em crise como se achava a companhia a discussão e a publicidade só podião ser prejudiciaes.

Por isso, de accordo com o nosso digno presidente, o Exm. delegado do governo de Minas, espacei a vossa reunião.

Esperava até os ultimos momentos poder annunciar-vos ter encontrado justiça no governo imperial.

Enganava-me! e hoje dolorosamente affectado venho trazer-vos desanimadoras communicações.

A protecção do governo imperial, sob cujos auspicios a companhia tem caminhado, foi-nos completamente retirada.

Nossas colonias forão anarchisadas por agentes da repartição geral das terras publicas e pelos colonos da Associação Central de Colonisação.

E as concessões feitas pelo corpo legislativo, quaes tinhão sido solemnemente reconhecidas no tempo do ministerio Abaeté, de quem tinhão recebido principio de execução, forão completamente annulladas pelo Exm. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz.

Por mais extraordinarias que vos pareção estas proposições, asseguro-vos que vo-las demonstrarei cabalmente no decurso deste relatorio.

## Capital addicional

São de publica notoriedade os esforços que emprego ha dous para tres annos afim obter o capital addicional de 1,200:000$ que me havieis autorisado para levantar e que era indispensavel para o complemento da nossa empreza.

A demora talvez não sorprenda se se tender que o negocio tinha de correr os bancos administrativos e parlamentares.

E' sabido que no Brasil os negocios que teem de passar pelos cadinhos administrativos especialmente fazem tal numero de evoluções e despendem tanto tempo em cada uma que, neste ponto, nenhum paiz do mundo nos leva ás lampas.

E infelizmente quanto mais se estuda menos se acerta.

Sabeis pelo meu relatorio do anno atrazado que as supplicas da companhia, acolhidas benignamente na camara quatriennal, só dependião do placet do senado.

A camara dos anciões não illudiu a minha expectativa, e no primeiro mez de sessão estava convertida em lei, sendo approvada tal qual passou na camara dos Srs. deputados, a seguinte

RESOLUÇÃO

*Decreto n. 1,011 de 8 de junho de 1859*

« Hei por bem sanccionar e mandar que se execute a resolução seguinte da assembléa geral legislativa:

« Art. 1.º O governo fica autorisado a proporcionar á companhia de commercio e navegação do Mucury os meios de obter por emprestimo contrahido dentro ou fóra do imperio um capital addicional nunca maior de 1.200:000$, e a garantir os respectivos juros e amortização, comtanto que estes não excedão a 7 % annualmente, e guardadas as disposições dos §§ 1º e 3º do art. 1º do decreto n. 912 de 26 de agosto de 1857.

« Art. 2.º O governo fica tambem autorisado a fazer quaesquer outras concessões que forem indispensaveis, para o fim de serem dispensados os privilegios concedidos por disposições geraes ou provinciaes e especialmente a isenção por 80 annos de quaesquer impostos sobre as mercadorias que forem exportadas ou importadas pelas estradas ou em barcos da companhia, sujeitando, porém, as concessões que fizer em virtude deste artigo á approvação da assembléa geral legislativa.

« Art. 3.º Ficão revogadas todas as disposições em contrario. »

São claras e terminantes as disposições desta resolução.

Assim o entendeu o ministerio de 12 de dezembro, e o Exm. Sr. conselheiro Sergio de Macedo limitou-se, quanto ao contrato que decorria do art. 1º, a insinuar-me que na proposta incluisse de preferencia a idéa de emittir dentro do imperio obrigações da companhia com a garantia do governo, visto como, não tendo de levantar-se na occasião outros fundos na praça de Londres, em nome ou com a garantia do governo, faria máo ver ir lá pedir quantia tão diminuta.



Em tudo o mais nos achámos de perfeito accordo.

Quanto ao art. 2º, S. Ex. manifestou o desejo de que se tratasse de sua execução no mesmo contrato, afim de que, me dizia S. Ex., a gratidão pelo grande favor do art. 1º obrigasse a companhia a ser mais moderada nas suas condições relativas ao art. 2.º Como era de prever, entrei nas vistas de S. Ex., e, apenas se me insinuou quaes erão os privilegios de que na opinião do governo a companhia devia abrir mão, a tudo acquiesci, como vereis da proposta que lereis no appenso (A).

Ahi ficou consignada da maneira a mais concludente a intelligencia ligada ao art. 1º na parte da garantia dos 7 %.

Sobre este objecto não se suscitou a menor dissidencia e ao contrario o Exm. Sr. conselheiro Sergio de Macedo me fez a honra de communicar que o consultor da repartição, o Exm. Sr. Dr. João Manoel Pereira da Silva, havia abundado em esclarecidos desenvolvimentos para demonstrar que as condições da proposta estavão de accordo com a doutrina da lei. Já assim o tinha entendido um digno chefe de secção que de ordem de S. Ex. havia discutido comigo as bases do contrato.

Não havendo duvida acerca do art. 1º, os debates se estabelecérão no terreno do art. 2.º

Em compensação da cessão dos privilegios, eu propunha que á companhia fossem concedidos os favores constantes das quatro clausulas do art. 6º da proposta. — Vide appenso (A).

Parece que o Exm. Sr. consultor approvára as clausulas 2ª e 4ª e que achava durissimas a 1ª e 3.ª

Temendo que as formulas burocraticas embaraçassem a boa vontade do ministro: exigindo remedios promptos as circumstancias da companhia, que já lutava com um deficit de 150:000$: sendo de mister recomeçar os trabalhos suspensos, sob pena de ver desanimar a população do Mucury e mesmo retirar-se, com grave prejuizo da companhia: expliquei como pude ao Sr. conselheiro Sergio de Macedo a posição da companhia.

S. Ex. compenetrou-se do estado das cousas, e, pondo em execução o art. 1º, habilitou-me para receber incontinenti a quarta parte do capital garantido.

Se S. Ex. tivesse alguma duvida acerca da proposta que discutiamos no que toca ao art. 1º, querendo tirar a companhia dos apuros em que estava, S. Ex. lhe mandaria fazer um emprestimo fluctuante, marcando as condições do reembolso no caso de que não se levasse a effeito o que estava decretado no art. 1º da resolução.

Mas S. Ex. não fez isso; ao contrario expediu á companhia da estrada de ferro de D. Pedro II o seguinte aviso:

« Setima secção. — Rio de Janeiro, ministerio do imperio, em 27 de junho de 1859.

« Autorisando o art. 1º do decreto n. 1,011 de 8 de junho do corrente o governo para proporcionar á companhia de commercio e navegação do Mucury os meios de contrahir por emprestimo 1,200:000$, fica V. S. autorisado para fazer um emprestimo até a quantia de 300:000$ áquella companhia, por conta dos capitaes da estrada de ferro, garantindo o governo os respectivos *juros e amortização, na fórma do sobredito art. 1º do citado decreto, junto por cópia.*

« Deus guarde a V. S.—*Sergio Teixeira de Macedo.*—Sr. presidente da directoria da estrada de ferro de D. Pedro II. »

Já se vê que, se a companhia da estrada de ferro de D. Pedro II tivesse capitaes de sobra, ou mesmo se julgasse que os poderia levantar para o futuro com mais vantajosas condições, a companhia do Mucury, por virtude da autorisação supra, de que na mesma data se lhe deu conhecimento em aviso do ministerio do imperio, podia ter consolidado a quarta parte do capital addicional decretado, negociando com a estrada de ferro ou com outra qualquer entidade que quizesse e pudesse fazer o emprestimo. Evidentemente os 300:000$ se punhão á sua disposição com as condições que havião sido formuladas. — Appenso (A).

O contrato, pois, do art. 1º era um facto consummado, e S. Ex. o Sr. conselheiro Sergio de Macedo tanto assim o entendeu que mandou consultar a secção do conselho de estado acerca das condições propostas sómente no que diz respeito ao art. 2.º

Nestes termos, como o que era essencial estava concluido e convinha adiantar os trabalhos da companhia, e especialmente aproveitar a estação secca para o alinhamento da estrada do Alto dos Bois, e como por outro lado a realização dos 300:000$ tornasse folgado o cofre da companhia, resolvi não perder tempo.

E, deixando na côrte procuração para se assignar o contrato já ultimado relativamente ao art. 1º, e tambem o do art. 2º, no caso de ser aceita a minha proposta, parti para o Mucury, para emprehender os trabalhos projectados, tão tranquillo como se houvessem já ficado na caixa da companhia os 1,200:000$.

E, despedindo-me dos amigos, lhes declarei que não voltava ao Rio de Janeiro emquanto os carros de Philadelphia não estendessem até Minas-Novas, Capellinha e Piedade a sua linha de trafego.

Neste espirito, apenas cheguei ao Mucury expedi circulares para o interior, convocando a diversos empreiteiros para em outubro com-



parecerem com trabalhadores em Philadelphia, garantindo a todos o jornal de 1$500 emquanto não fizessemos ajustes sobre empreitadas.

Conhecido como se acha actualmente o terreno entre Philadelphia e o Alto dos Bois, o alinhamento está, por assim dizer, feito, e a 1ª secção, subindo pelo valle de Santo Antonio até as suas cabeceiras, em termos de começar-se. Os mezes de agosto e setembro empreguei em rectificar por mim proprio informações que tinha e estudos do Sr. R. Schlobach, percorrendo logares onde não ha a mais insignificante vereda, e pude verificar que de Philadelphia até a Capellinha, primeira povoação fóra da mata, o terreno se presta do modo o mais feliz á construcção de uma estrada de rodagem com as mais favoraveis declividades.

Verifiquei tambem que, assim como do Alto dos Bois a Minas-Novas existe o bello ramal (estrada antiga) que segue 11 leguas por uma chapada e campina ao lado direito do rio Fanado, e que vai até a cidade, dividindo as aguas deste rio das do Capivary e Bom-Successo, semelhantemente do Alto dos Bois á Capellinha, e seguindo da Capellinha até a importante povoação da Piedade, na margem do Jequitinhonha, cerca de 20 leguas acima do Calháo, segue outro caminho de 13 a 14 leguas por uma chapada igual na margem esquerda do rio Fanado, e que nas ultimas 10 leguas de campinas vai sempre tendo á vista Fanado do lado direito e o Itamarandiba do lado esquerdo. Para trabalharem carros do Alto dos Bois até a Piedade bastão insignificantes melhoramentos nas estradas existentes até a Capellinha, sendo que da Capellinha á Piedade (10 leguas) trabalhão carros, e podem, tirados por bestas, sem o mais insignificante melhoramento, galopar sem perigo.

Encantado com estas maravilhas que se desenvolvião a meus olhos, eu afiancei aos habitantes da Capellinha, bem como aos de Minas-Novas e da Piedade, que neste anno de 1860 lá terião as fazendas que importão do Rio de Janeiro, em carros não interrompidamente desde Santa Clara, 57 leguas distante da Piedade.

Em consequencia destes compromissos principiei em Philadelphia a estrada nova para o Alto dos Bois, que nas primeiras leguas tem de ser commum com a do Calháo. Esperava os empreiteiros para começar o serviço em grande, e assim realizar as promessas que havia feito ao commercio da Capellinha, de Minas-Novas e da Piedade, bem certo de que a mudança ministerial, que se realizára dous dias depois da minha partida do Rio de Janeiro, em nada podia affectar a companhia do Mucury.

No emtanto a nomeação dos novos ministros não devia tranquillisar-me. Eu via com pezar posta á margem na organisação do ministerio toda a sombra de influencia da provincia de Minas, e assim, não havendo no gabinete ministro que representasse os interesses mineiros, eu devia prever tempestades contra a companhia do Mucury. Não era ministro

um nobre deputado que sem conhecer o Mucury se havia prestado complacentemente a repetir na camara quantas informações lhe erão suggeridas contra a companhia por occasião da discussão da lei do emprestimo?

Mas eu descansava na boa fé dos contratos. Apezar de não haver escriptura assignada, o emprestimo dos 1,200:000$ não estava fóra de questão e já em principio de execução? Continuei, pois, nos preparativos para os trabalhos, e com elles me occupava energicamente, quando, em dias do mez de outubro, recebo a estranha communicação de que o ministerio de 10 de agosto não estava na intenção de respeitar o que fôra tratado pelo seu predecessor, e que, fazendo dependente o art. 1º, que já tinha principio de execução, do art. 2º, eliminava deste a indemnisação que ahi se decreta em troca da cessão que se exige dos privilegios da companhia.

Vendo posto em duvida tudo quanto já estava discutido, resolvido, e em parte executado, julguei prudente suspender os serviços começados.

Minha resolução causou estranheza em Philadelphia, porque, para não tocar o alarma, eu guardei comigo as noticias que tivera.

Então esperava dissolver facilmente as objecções que apparecião.

Pouco durárão as minhas illusões. Chegado ao Rio de Janeiro tive conhecimento das intenções do governo.

Do alto do seu querer o Exm. Sr. Ferraz fazia abstracção de tudo quanto estava tratado, bem que não estivesse assignado, e, cortando com um traço de penna a disposição principal do art. 2º, propunha-se a nada conceder em compensação dos privilegios cuja cessão exigia.

Debalde ponderei que o art. 2º apenas autorisava um contrato, e que portanto dependia do accordo das partes. As suas palavras não são susceptiveis de duas intelligencias, não teem a menor amphibologia: « O governo fica tambem autorisado a fazer outras quaesquer concessões para o fim de se obter a cessão dos privilegios da companhia. »

« A lei está mal redigida, » se me respondia!

« A redacção do decreto não exprime com fidelidade o pensamento. Dominou na discussão a idéa que dava-se autorisação para o emprestimo, objecto do art. 1º, afim de que cessassem os privilegios excessivos da companhia. »

E no emtanto o decreto foi redigido na camara dos deputados, e lá não só não dominou como nem appareceu a idéa de fazer dependente o art. 1º do 2.º

Como a maioria de votos é quem decreta as leis, se a letra e doutrina destas se devessem subordinar á intenção dos legisladores, devia tomar-se em consideração tanto a intenção dos que fallárão como a dos que votárão silenciosos, e a cada vez que se désse antagonismo entre as



disposições de uma lei e o discurso de um dos deputados ou senadores que a houvessem votado dever-se-hia correr o escrutinio para verificar-se o que devia prevalecer, se a letra e doutrina, se o discurso do legislador.

Nem é exacto que tal idéa dominasse nas discussões do senado, pois que a resolução passou por grande maioria, e sómente dous nobres oradores aventárão esse pensamento de subordinar o art. 2º ao art. 1.º E mais que fossem.

No presente caso tenho razões para affirmar que foi a idéa da lei redigida com toda a fidelidade na camara dos Srs. deputados que mereceu a approvação da maioria da augusta camara dos Srs. senadores.

Ao menos é certo que, suscitada tal idéa de subordinar o art. 2º ao 1º, e fallando-se em propor uma emenda, mais de um nobre senador desejou ouvir-me particularmente a respeito, e eu tive a honra de ponderar a esses nobres senadores que com tal restricção a companhia não aceitava o favor.

E nem podia aceitar, porque era manifestamente a sua ruina. Com effeito dava-nos o art. 1º os meios de levar a effeito a empreza que faz objecto das operações da companhia.

Mas se, abertas as estradas de que depende a companhia para começar a funccionar regularmente, não pudessemos lançar os direitos de barreiras consagrados nos privilegios provinciaes que temos, se cessasse o exclusivo da navegação do rio e pudesse qualquer fazer concurrencia á companhia, que vantagens ficarião á mesma companhia de receber agora 1,200:000$ para os ir empregar em uma empreza que deixa de ser sua pela cessão dos privilegios? E o que é que indemnisaria de seu capital primitivo despendido ha tantos annos e de que a companhia nem o mais modico juro tem recebido?

Mas emfim, por claro que me parecesse o direito da companhia, comprehende-se que quanto o permittisse a existencia della o unico partido a tomar seria o de nos sujeitarmos ás exigencias do governo.

Assim, conscio de que não estávamos no caso de tratar como de potencia a potencia, procurei quanto foi possivel entrar na ordem das idéas do Exm. Sr. Ferraz, e por insinuação de S. Ex. formulei nova proposta alargando o circulo dos privilegios de que a companhia cedia.

A discussão versou especialmente sobre o art. 2º, do qual eu já concordava que, contra a sua letra e espirito, se fizesse dependente a concessão do art. 1.º

Acerca do art. 1º sómente me disse o Exm. Sr. Ferraz que, não se dando os motivos pelos quaes o Exm. Sr. Sergio havia preferido que a companhia levantasse o capital emittindo obrigações no imperio, S. Ex. achava melhor que o governo mandasse levantar o emprestimo no estrangeiro.

Concordando eu nesta modificação do contrato, parece que S. Ex. expediu as ordens para se levantar o emprestimo dos 1,200:000$ da companhia, e sou mesmo informado que effectivamente se levantou e que já foi remettido para o Brasil.

Ora, é evidente que o ministro só por virtude do contrato com a companhia podia mandar contrahir o emprestimo.

Tal ordem prova sómente o que já está dito e provado, isto é, que o contrato relativa ao art. 1º, bem que não estivesse lavrado e assignado, estava perfeito e acabado.

O dinheiro que está no thesouro pertence á companhia tanto como o das entradas que fizerão os accionistas, e é por uma escandalosa prepotencia que estamos privados do que é nosso. Dos prejuizos, perdas e damnos que estamos soffrendo o responsavel é o Exm. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, que das alturas do seu poder escarnece do nosso bom direito.

Era isto no mez de dezembro. Quinze dias depois S. Ex. teve a bondade de annunciar-me que tudo podiamos concluir, porque S. Ex. tinha carta branca para assim o fazer.

Esta asserção ficou demonstrada com a exhibição do decreto imperial que devia acompanhar as condições que iamos estipular, e que S. Ex. me apresentou assignado.

Sua Magestade o Imperador, como é sabido, viajava então pelas provincias do norte, e muito de proposito cito o facto, bem que um tanto excepcional, porque tal qual é prova as benevolas intenções que erão de presumir em Sua Magestade o Imperador, em relação á companhia do Mucury. De antemão Sua Magestade o Imperador havia dado o seu beneplacito a todos os favores que nas condições se devião annexar ao decreto que o Exm. Sr. Ferraz achasse de justiça ou de equidade.

S. Ex. já tinha tambem sobre a mesa, formuladas em minuta, as condições do contrato que iamos estipular, e me disse que podiamos passar ao art. 2º, para combinarmos as condições a respeito, visto como *sobre o art. 1º não havia questão.*

Apezar do conceito em que devia ter a boa-fé e a intelligencia de S. Ex., pedi licença para lêr a parte do contrato relativa ao art. 1º, sobre que S. Ex. já tinha voltado pagina, e, com grande assombro meu, deparei com condições inteiramente diversas das que eu tinha formulado, e que estavão aceitas pelo illustrado antecessor de S. Ex e pelos seus auxiliares officiaes.

Na minuta que S. Ex. formulára, em vez de um capital addicional com garantia de juros, á semelhança do da estrada de ferro de D. Pedro II, achei sómente a concessão de um emprestimo, cujos juros e amortização



devia a companhia pagar, quer tivesse renda quer não, sujeitando-se mesmo a juros dobrados sempre que não fosse pontual no pagamento.

Esta disposição estava substituida ao art. 3º da minha proposta, por virtude da qual, e na fórma da lei, se estipula, como vereis do appenso (A):

« Que, em consequencia da garantia, sempre que os lucros da empreza não se elevassem a 7 % o governo forneceria a somma necessaria para completar-se a quota de 7 % no capital addicional levantado por emprestimo. »

Comprehendereis, á vista da exposição antecedente, a sorpreza que me devia causar este incidente.

O que no meio de tudo mais baralhava minhas idéas era a impassibilidade com que S. Ex. o Sr. conselheiro Ferraz por sua vez se maravilhava da minha admiração, assegurando-me que nunca lhe tinha passado pela idéa outra solução para o art. 1.º

Esta inesperada modificação nos favores concedidos era ainda mais grave nas circumstancias actuaes.

Quando requeri ao corpo legislativo a garantia para o novo capital da companhia eu tinha toda a confiança de que fosse nominal aquella garantia, porque assim o augurava a prosperidade sempre crescente da empreza.

Mas a paralysação dos trabalhos mais necessarios, em razão de estar esgotado o capital da companhia, as duvidas sobre o bom exito final da pretenção que ha tres annos se debate contra a inercia habitual do paiz official, contra a má vontade de uns e a competencia interesseira de outros, e finalmente a anarchia que ás colonias do Mucury levárão os commissarios estrangeiros nomeados pela repartição das terras publicas, em que depois fallarei, todas estas causas havião contribuido para que a nossa empreza tenha estes dous annos retrogradado consideravelmente.

Demais, é sabido que a empreza do Mucury foi planejada na intenção de que as suas vias de communicação substituissem em maxima parte a penosa, difficil e arriscada navegação do Jequitinhonha.

Sem querer fazer parallelos nem entrar nos motivos do procedimento de quem quer que seja, registro sómente que a navegação do Jequitinhonha teve recentemente diversos favores do poder geral e da assembléa provincial da Bahia, que devem importar uma reducção nos fretes pelo Jequitinhonha do valor de 70:000$ annuaes.

A tanto montão as subvenções e auxilio de braços que foi dado áquella navegação.

São 70:000$ annuaes, que, regularisadas as vias de communicação do Mucury, terá a companhia de diminuir na sua renda, para poder fazer concurrencia vantajosa com o Jequitinhonha.

E o governo, que por estes atos impossibilita para época mais proxima o augmento na renda da companhia do Mucury, por uma contradição inexplicavel, visto que se não deve suppor-lhe a intenção de abafar esta companhia, pretende não somente cercear os nossos privilegios, como escassear os favores que o corpo legislativo nos concedeu!

E, além dos outros golpes, a pretexto de execução do art. 2º, quer o governo substituir a garantia de 7 %, que nos foi concedida, por uma fiança ou endosso para as letras da companhia, e ainda isto com as condições mais onerosas e odiosas que se podem imaginar.

Pague a companhia os juros e amortização do emprestimo, quer tenha renda, quer não! Sem se lembrar o ministro que, empregado o capital como já está resolvido que o seja, se a companhia não tiver renda, como é provavel que não tenha nestes primeiros annos, á vista da situação nova que a perversidade nos tem creado, não ha donde tirar dinheiro para tal pagamento.

E, se não puder pagar a importancia dos juros e amortização, pague juros dobrados por cada anno que ficar em falha! Mas sabe qualquer que dinheiro com taes condições só o toma aos usurarios e cambistas quem está arruinado e por vergonha ou por qualquer outro sentimento quer adiar a manifestação da sua desgraça.

Receber com taes condições os 900:000$ que nos são devidos, e que nos são devidos para formarem um capital addicional com a garantia de 7 %, fôra abandonar direitos adquiridos, para ir imitar o devedor arruinado, que recorre ao triste expediente, que o não salva, de tomar emprestado, qualquer que seja o premio que lhe exijão.

Mais valeria fazer da necessidade virtude, e entregar desde já ao governo as estradas, os armazens, as terras, embarcações e mais pertences da companhia. Tinha-se ao menos o merito da generosidade e poupava-se o incommodo da administração, emquanto se empregava esse capital, que traria sem duvida beneficios para o publico, mas á custa da ruina da companhia.

Em consequencia, declarei desde logo ao Exm. Sr. Ferraz que não podia sujeitar-me a taes condições, nem abria mão do direito que tinha a companhia de completar o capital addicional, conforme o contrato, que, como expuz, já estava em principio de execução.

E, cumpre notar, ainda que nos afastemos do terreno dos direitos adquiridos, em que com tão boas razões me encastellei, ainda que não tivessemos por nós a fé dos contratos e a obrigação em que os ministros presentes estavão de realizar o que o Exm. Sr. conselheiro Sergio de Macedo tinha tratado, facil me foi demonstrar a nenhuma consistencia e fundamento da interpretação que o Exm. Sr. Ferraz pretendia dar ao art. 1º da lei de 8 de junho.



Com effeito, o art. 1º contém tres partes. — Na 1ª autorisa o governo para proporcionar á companhia os meios de levantar por emprestimo, dentro ou fóra do imperio, um capital addicional até 1.200:000$. Na 2ª autorisa a concessão da garantia de juros e amortização, comtanto que esta garantia não exceda a 7 % annualmente. Na 3ª se ordena ao governo que na execução desta lei guarde as disposições dos § 1º e 3º do art. 1º do decreto de 26 de agosto de 1857, isto é, que o governo ou faça o emprestimo por si ou dê á companhia os meios de levanta-lo, e que os juros e amortização não excedão a 7 %, que é a garantia concedida na 2ª parte deste mesmo artigo.

Suppondo que o art. 1º se limitasse á 1ª parte, o governo estava autorisado para armar a companhia com aquelles meios que fossem necessarios para que a companhia contrahisse um emprestimo de 1,200:000$; mas, note-se bem, não é um simples emprestimo, porém um emprestimo que logo se converte em capital addicional. Ora, para obter-se este emprestimo, com os meios que o governo devia proporcionar, o menos que o governo poderia conceder fôra endossar as apolices, letras ou obrigações que a companhia emittisse para levantar no paiz ou no estrangeiro aquella somma.

Neste caso, se o governo, por virtude do endosso, fizesse o pagamento em todo ou em parte dos juros e amortização, teria o direito de rehave-los da companhia no tempo e pelo modo que fosse estipulado no respectivo contrato.

Se garantia quer dizer fiança, estava ella concedida nesta primeira parte do art. 1.º

Mas o legislador não concedeu sómente o endosso ou fiança do governo para que a companhia pudesse levantar o emprestimo. Na 1ª parte do art. 1º está a concessão do emprestimo: mas concedeu-se tambem (parte 2ª do art. 1º) a garantia dos juros e amortização dos 1,200.000$, comtanto que as duas parcellas sommadas dos juros e amortização não excedessem a 7 % annualmente. Dizer-se que a taxa de 7 % mencionada nesta parte do artigo sómente serve para marcar o limite de que não devia exceder o juro e amortização sommados é accusar a lei de ociosidade ou redundancia, porque essa limitação vem na parte 3ª, quando se determina que o emprestimo se fará guardadas as disposições do § 3º da resolução de 26 de agosto de 1857, relativo á estrada de ferro de D. Pedro II, e a disposição desse § 3º é sómente *que o juro e amortização do emprestimo concedido por aquella lei não excedão a* 7 %. Portanto, na 2ª parte não se trata de marcar o limite do juro e amortização do emprestimo, porém de conceder a garantia de 7 % como está concedida á estrada de ferro de D. Pedro II e a outras emprezas.

Se a lei não marcou o numero de annos da garantia ou da amortiza-

ção é porque, concedendo o levantamento de um capital real de 1,200.000$ e marcando a taxa annual do juro e amortização, ficava, conforme a natureza do problema, indeterminado o prazo da amortização, que viria a ser o numero de annos necessarios para, sem excederem aos 7 % annuaes os juros e amortização, obter-se a somma de 1,200:000$.

A significação da phrase garantia de juros em lei, na qual se trata de levantar capital para uma companhia, só a nossa inexperiencia nestas materias póde desculpar que seja ainda objecto de controversia.

A significação technica da phrase garantia de juros, phrase que naturalisámos em as nossas leis copiando-a da legislação européa, é clara, unica e terminante. A garantia de juros dos capitaes das companhias, ou levantados por acções ou por emprestimos, como em geral pelo terço o são nas companhias francezas, é a animação que o governo dá ás mesmas companhias, assegurando-lhes que, no caso de não se elevarem a um certo limite e durante um certo numero de annos os rendimentos das mesmas companhias, o governo completará a renda estipulada, que é maior ou menor, conforme a taxa dos juros nos respectivos paizes, conforme as maiores ou menores difficuldades que as companhias teem de superar.

Na lei de 26 de junho de 1852, por exemplo, no § 6º do art. 1º, se diz que o governo *garantirá* á companhia até 5 %, e no art. 11 do contrato de incorporação da companhia se estipula que, se a companhia vender acções com premio, este se abaterá no capital que tem *juros garantidos*, de sorte que as expressões garantia de juros, juros garantidos e outras ficárão por demais explicadas e conhecidas na legislação brasileira.

Pelo seu contrato a companhia da estrada de ferro de D. Pedro II, que se incorporou por virtude da citada lei de 26 de junho de 1852, só podia levantar o capital com *juros garantidos ou garantia de juros* emittindo acções; mas, como a companhia reconhecesse que encontraria embaraços se persistisse em levantar por esse modo o capital com *juros garantidos ou garantia de juros*, pediu que lhe fosse permittido levantar por meio de um emprestimo a terça parte do seu capital, com *garantia de juros*, que o governo proporcionasse os meios de contrahir o emprestimo directamente ou por intermedio do mesmo governo, dentro ou fóra do imperio. E' o que foi concedido á companhia da estrada de ferro de D. Pedro II pela lei de 26 de agosto de 1857.

Como a companhia da estrada de ferro de D. Pedro II já tinha direito adquirido á garantia de juros, por isso na lei de 26 de agosto de 1859 apenas se consignou a permissão de levantar por emprestimo uma parte do seu capital, sem fallar em garantia de juros, por ser isso desnecessario.

A lei de 26 de agosto impoz como unica limitação que se levantasse esse emprestimo de modo que se não augmentassem os onus a que o



thesouro estava sujeito para com a companhia, ou por outra, que os juros e amortização do emprestimo não excedessem a 7 % annuaes, que é o que tinha a companhia, a saber: 5 % por parte do thesouro, e 2 % por parte da provincia do Rio de Janeiro. Na lei de 26 de agosto concedeu-se que uma parte do capital se levantasse por emprestimo, mas não se concedeu garantia de juros, porque a companhia da estrada de ferro já a tinha.

Com a companhia do Mucury o caso era differente. Como não tinha capital com juros garantidos, e o corpo legislativo queria conceder-lhe este favor para o novo capital que se ia levantar, não se limitou nem se podia limitar ás prescripções da lei de 26 de agosto de 1857, que autorisou o emprestimo para a estrada de ferro. O corpo legislativo, além de conceder o emprestimo como o concedêra á estrada de ferro, decreta que esse emprestimo fará parte do capital da companhia, e concede a esse capital addicional a garantia de juros (7 %). E' o que se vê na 2ª parte do art. 1º da lei de 8 de junho de 1859 nas palavras « a garantir (o governo é autorisado) os respectivos juros e amortização, comtanto que estes não excedão a 7 % annualmente. »

Leia-se attentamente a 3ª parte do art. 1º da nossa resolução, e ver-se-ha como o legislador foi previdente em favor da companhia do Mucury.

Como as concessões feitas na 1ª e na 2ª parte do artigo ainda deixárão a companhia na contingencia de sómente, além da garantia, receber do governo o endosso para as suas apolices, letras ou obrigações, quiz a lei, como a respeito da estrada de ferro de D. Pedro II, que o governo pudesse emittir em apolices da divida publica, no paiz ou no estrangeiro, o capital addicional da companhia do Mucury, com a unica limitação de que o juro e amortização não excedessem a 7 %, que era a taxa da garantia concedida na 2ª parte do art. 1.º Assim fez extensivos á companhia do Mucury os favores que nos §§ 1º e 3º do art. 1º da lei de 26 de agosto de 1857 se concedêrão á companhia da estrada de ferro de D. Pedro II, isto é: § 1º, que o governo possa levantar por si o emprestimo; § 3º, que os juros e amortização não excedão a 7 %, que é a taxa da garantia concedida á estrada de ferro, igual á que a 2ª parte do artigo concede á companhia do Mucury.

Tudo isto me parece tão claro, tão terminante, tão irrecusavel, que por certo vós estareis admirando de que eu tanto tempo vos tome com a explicação do que, no meu modo de entender e no vosso por certo, explicado está.

Mas, tendo sido a intelligencia do art. 1º da lei objecto de variadas controversias, e, segundo sou informado, de pareceres contraditorios de

secções do conselho de estado, julguei do meu dever tratar deste assumpto com mais algum desenvolvimento.

Cuido ter demonstrado:

1.º Que a companhia do Mucury tem um direito perfeito a levantar o capital de 1,200:000$, de que deve tirar 300:000$ para pagar á estrada de ferro.

Que as condições deste contrato são as do appenso (A) na parte que se refere ao art. 1º, que já teve principio de execução.

2.º E, quando assim não fosse, que a intelligencia do artigo não póde ser outra senão a que consta da paraphrase do appenso e proposta.

Protestei pelo nosso direito em um e em outro caso perante S. Ex. o Sr. ministro interino do imperio, e, não podendo convencer a S. Ex., assentei de appellar para o ministro effectivo da repartição, que então viajava pelo norte com Sua Magestade o Imperador.

Neste comenos tive certeza de que o itinerario de Sua Magestade o Imperador no seu regresso á capital do imperio se faria pelo canal interior dos Abrolhos, e, portanto, que forçosamente a esquadra imperial teria de passar em frente e á vista do nosso armazem de S José de Porto-Alegre.

Ao mesmo tempo os jornaes da Bahia, bem ou mal informados, annunciavão que Sua Magestade o Imperador vinha na intenção de demorar-se na provincia do Espirito-Santo e que visitaria as colonias do Mucury.

Bem que estas noticias não tivessem nenhum caracter official, comprehendeis o que cumpria fazer.

Corri a toda pressa para o Mucury, afim de que, dada a feliz eventualidade, pudesse eu preencher o grato dever de apresentar alli meus respeitos a Sua Magestade o Imperador, e de proporcionar a tão augusto visitante os meios ao meu alcance que pudessem suavisar os incommodos de tão penosa viagem.

Tudo puz em movimento desde S. José de Porto-Alegre até a cidade de Minas-Novas, a cujas autoridades participei ser possivel que tamanha honra nos coubesse, afim de que não perdessem a occasião, se ella se désse, de virem offerecer ao monarcha o tributo de suas homenagens.

Eu seguira do Rio de Janeiro no vapor *Mucury* em viagem de máo agouro para a companhia, porque o seu desfecho foi o naufragio do vapor nas pedras de Guaraparim.

Tinha eu feito escala pela Victoria a pedido do Exm. presidente da provincia, e alli soube de S. Ex. que Suas Magestades Imperiaes terião de tocar no Mucury e Caravellas, segundo a S. Ex. escrevêra o Exm. Sr. ministro do imperio.

Dispostas as cousas como foi possivel em S. José de Porto-Alegre,



para que a recepção de Suas Magestades Imperiaes naquella aldêa revelasse, ao menos, a satisfação de que estava possuido o director da companhia do Mucury, fui pessoalmente annunciar em Caravellas a provavel visita de Suas Magestades Imperiaes, firmado na informação extra-official que dera o Exm. Sr. presidente do Espirito-Santo.

Retive em Caravellas o vapor *Mucury*, para conduzir as autoridades e mais pessoas gradas que comigo quizessem ter a honra de acompanhar a esquadra imperial da barra para a cidade, e dahi para S. José de Porto-Alegre.

Honra e proveito estava eu contando tirar da augusta visita. A honra de recebe-la, e o proveito de que o Mucury fosse conhecido pelo chefe da nação.

Parecia-me que, se Sua Magestade o Imperador, pelos olhos de seu digno ministro do imperio, visse os milagres que com o mesquinho capital de 1,200:000$ a companhia tem alli operado, a nossa momentosa empreza obteria o apoio valioso, franco e decisivo de que carece e de que é digna.

As esperanças erão lisongeiras por demais, porém desvanecêrão-se todas na tarde do dia 25 de janeiro, na barra de Caravellas, e com mais presteza do que o fumo dos vapores da esquadra imperial, que deslisou-se veloz por aquelles mares e rapida desappareceu no horizonte.

Mal nos foi dado avista-la!

Parecendo-me claro que S. Ex. o Sr. ministro do imperio acompanhou a Sua Magestade o Imperador para o fim de estudar as necessidades das localidades visitadas, e habilitar-se para aconselhar a corôa, deve ser-me licito deplorar que o Mucury não fosse visitado.

Muito havia que estudar nesses logares; a colonisação nacional e estrangeira do Mucury, as questões que se prendem á existencia da companhia, a creação de uma alfandega em Caravellas e uma nova divisão de provincias por aquelle lado.

Estes assumptos, se os interessados tivessem a fortuna de que fossem estudados por Sua Magestade o Imperador, por intermedio do seu ministro do imperio, sem duvida amadurecerião muitos lustros mais cedo.

Não tendo podido chegar á falla com S. Ex. o Sr. conselheiro Almeida Pereira, nem em Caravellas, nem no Mucury, vim obter a primeira audiencia de S. Ex já restituido ao Rio de Janeiro e á secretaria do imperio.

Reclamei de S. Ex o complemento da execução do art. 1º da resolução de 8 de junho de 1859, já levada a effeito em parte pelo Exm. antecessor de S. Ex., e offereci-me para terminar a negociação entabolada quanto ao art. 2.º

Tinha-se-me dito que o conselho de estado fôra novamente consul-

tado sobre a questão Mucury, mas então o Exm. Sr. conselheiro Almeida Pereira me assegurou que não havia entre os papeis senão a primitiva consulta da secção do imperio, de que já fallei. Soube mais com grande prazer que S. Ex. estava de perfeito accordo comigo quanto á intelligencia do art. 1.º

Mas S. Ex. o Sr. Almeida Pereira, tendo noticia de que outra era a opinião de seu Exm. collega da fazenda, me fez a honra de declarar que levára o negocio ao conselho dos ministros. Na audiencia immediata tive de reconhecer que S. Ex. o presidente do conselho, creando um novo direito administrativo, tinha avocado o negocio para o ministerio da fazenda, e que ouvira a respeito as secções reunidas da fazenda e do imperio, bem que nesta repartição tivessem permanecido os papeis relativos ao objecto. Se todas as informações e documentos fossem presentes ás secções reunidas, em vez de quesitos abstractos, talvez outro e diametralmente opposto fosse o parecer das secções, que ficárão ignorando o estado da questão, não se tendo ao menos chamado sua attenção para o facto capital de estar já o art. 1º em plena execução por parte do ministerio do imperio, que, em vista da proposta do contrato apresentada pela companhia, sem fazer a menor objecção no que toca á garantia de 7 %, havia autorisado o levantamento da 4ª parte do capital addicional, sendo este acto manifestamente absurdo se o ministro não estivesse de perfeito accordo com a companhia sobre as condições com que lhe mandava entregar e ella recebia os 300:000$.

Com que condições recebeu a companhia do Mucury estes 300:000$?

E' pergunta que tenho feito e que ainda não teve resposta.

Por ultima solução S. Ex. o Sr. ministro do imperio, que aliás mostrou-se animado da melhor boa vontade em favor da companhia, teve de encaminhar-me para o ministerio da fazenda, prevenindo-me de que o seu collega insistia nas idéas que anteriormente manifestára, e que tinhão por si a decisão do conselho de ministros.

Esta avocatoria deu-me que pensar. Eu já tinha tido diversas conferencias com o Exm. Sr. Ferraz sem podermos chegar a accordo. Emquanto me conservei no terreno do art. 2º, recusando ceder privilegios sem compensação, nenhuma objecção apparecêra contra a garantia do art. 1º; mas, apenas mostrei-me disposto a fazer concessões no que toca ao art. 2º, appareceu a idéa de substituir-se o capital addicional com garantia de 7 % pelo emprestimo dos juros dobrados. Apenas o Exm. Sr. Almeida Pereira mostrou-se disposto a executar a lei, os papeis forão avocados para a secretaria da fazenda!

Está-me parecendo que, se eu aceitasse o emprestimo dos juros dobrados, outra objecção apparecia, de sorte que a companhia do Mucury não recebesse em caso algum os 900:000$ a que tem direito, e que, se



bem informado estou, já de conta da companhia e com autorisação minha se mandára levantar em Londres.

Em taes circumstancias, como a ultima palavra já estava trocada entre mim e o Exm. Sr. Ferraz, julguei que outro recurso não restava senão esperar os acontecimentos, e, denunciando-vos o facto, para que delibereis o que entenderdes, soltar este brado, bem que inefficaz, contra o ministro da fazenda, o Exm. Sr. Angelo Moniz da Silva Ferraz, que, violando a fé dos contratos, postergando direitos adquiridos e sophismando as leis, causa um damno irreparavel á companhia do Mucury e pratica a mais escandalosa das extorsões.

## Colonisação

### COLONOS IMPORTADOS DIRECTAMENTE PELA COMPANHIA

No meu ultimo relatorio informei que até o mez de outubro de 1858 havia importado, conforme o contrato de 31 de dezembro de 1856, o numero de 1,255 colonos, tendo permittido, de accordo com o governo imperial, que 224 chegados da Ilha Terceira ficassem no Rio de Janeiro.

| | | |
|---|---|---|
| Em consequencia, o numero de colonos levados pela companhia para o Mucury em 1857 e 1858 é de . . . . . | | 1,031 |
| Ditos antes de 1857. . . . . | | 82 |
| | | 1,113 |

Segundo as informações dos relatorios anteriores, estão incluidos neste numero 100 trabalhadores engajados em Potsdam, cujo destino é como segue:

| | | |
|---|---|---|
| Cedidos á provincia do Espirito-Santo para se empregarem no serviço da estrada . . . . . | 11 | |
| Remettidos, para serem processados, para Caravellas e Minas-Novas . . . . . | 7 | |
| Que pagárão suas passagens e se retirárão, conforme os livros da agencia de Santa-Clara . . . . . | 50 | |
| Que fugirão devendo á companhia . . . . . | 22 | |
| Que fallecêrão . . . . . | 10 | 100 |

| | |
|---|---|
| Devião existir em dezembro de 1858, salva a differença entre os nascimentos e obitos . . . . . | 1,013 |

Destes 1,013 colonos 363 são portuguezes e 750 pertencem a outras nacionalidades, compondo-se grande maioria de prussianos, saxonios e suissos.

## COLONOS DA ASSOCIAÇÃO CENTRAL

| | |
|---|---|
| No mez de agosto de 1858 recebi para installar no Mucury por conta do governo, e remetti para Philadelphia, colonos . . | 159 |
| Em dezembro recebi do mesmo modo . . . . . | 143 |
| Total . . . . | 302 |

A historia da colonisação no Mucury é summamente instructiva. Tenho obrigação de escreve-la, para justificar perante vós a minha administração, e fa-lo-hia mesmo que fosse só para denunciar ao meu paiz o modo por que elle é governado.

As colonias do Mucury, que tantos sacrificios teem-me custado e á companhia, forão anarchisadas e despovoadas pela repartição geral das terras publicas, creada para proteger a colonisação.

Estas poucas palavras definem o estado deste ramo de serviço a cargo da companhia do Mucury.

Para ser menos prolixo, eu porei diante dos vossos olhos alguns documentos importantes. Compulsando-os mais de espaço, podereis verificar a exactidão dos corollarios que delles vou tirar. São os documentos os seguintes: 1º, memoria intitulada *A colonisação no Mucury*, (avulso); 2º, dita intitulada *O Dr. Lallemant e o Mucury* (appenso B); 3º, *Relatorio do commissario do governo imperial no Mucury, o Exm. Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes* (appenso C); 4º, *Correspondencia da companhia com o governo imperial* (appenso D).

Nos documentos mencionados vereis comprovado e desenvolvido o que resumidamente vou esboçar.

§ 1.º A grande maioria dos colonos importados directamente pela companhia se considerava feliz e se empregava em sua lavoura no fim do anno de 1858.

Apenas a administração da companhia lutava com algumas difficuldades para o estabelecimento das duas ultimas expedições que recebêmos, a do *Elyse* e a do *Christiansund*, que havião chegado em setembro e outubro de 1858. A introducção de um numero maior de estrangeiros, a entrada simultanea de um grande numero de nacionaes que começavão a abrir suas fazendas no Alto Mucury, augmentando a demanda dos generos de primeira necessidade em anno de colheita escassa, elevou em Philadelphia a 24$ o preço do alqueire de farinha, a 32$ o sacco de feijão, e assim por diante.

Por esse motivo foi forçoso que ficassem em Santa Clara os colonos do *Christiansund* de ordem minha, e parte dos do *Elise* porque assim quizerão. Desde outubro os colonos do *Christiansund* estiverão em Santa



Clara sem se poderem entender com a agencia; mas, chegando eu á colonia em dezembro e substituida a agencia, todos aceitárão seus lotes de terra e estavão trabalhando com vontade.

Tinha-se estendido ao Mucury a secca que ha dous annos tem assolado o norte, acompanhada, isto é, de Santa Clara até S. José de Porto Alegre, de febres intermittentes, que ás vezes degenerão em perniciosas. Apezar de todos os contratempos, eu conseguira que os colonos em grande numero se retirassem da margem do rio, onde estava o maior perigo, e se installassem em suas terras, que começárão a cultivar com fervor.

§ 2.º Nestes entrementes chegárão a Santa Clara os colonos da Associação Central de Colonisação, que, mal avisado, eu me tinha encarregado de estabelecer no Mucury por conta do governo. Estes colonos vierão da Europa enganados e atraiçoados pelos agentes da associação. Allegavão e provavão ter sido alliciados com promessas impossiveis de realizar-se. Tinhão sido recrutados sem o menor escrupulo, vindo como colonos agricolas, comediantes, ex-soldados e meretrizes com as suas patentes.

Em consequencia, dos 159 recebidos em agosto, e que eu havia mandado que se estabelecessem em Philadelphia, o maior numero se extraviou pela provincia de Minas.

Dos 143 que forão comigo no mez de dezembro para Santa Clara 53 erão o refugo de diversas expedições que tinhão vindo para a Associação, colonos que, tendo sido contratados para serviços na vizinhança do Rio de Janeiro, forão recambiados á Associação Central como desordeiros, e que, sem accordo e permissão minha, o agente da associação, o fallecido F. A. Lachmund, tinha feito embarcar para o Mucury.

Eu cheguei a Santa Clara no dia 28 de dezembro, e nesse mesmo dia, como vereis da memoria *Colonisação do Mucury*, officiei ao digno presidente da Associação Central, o Exm. Sr. barão de Muritiba, queixando-me do agente da associação, e assegurando a S. Ex. que aquella gente era imprestavel, e que o paiz ganharia se o governo lhes pagasse novamente as passagens e os recambiasse para a Europa.

Um numero consideravel destes colonos, tendo recebido viveres para 15 dias, retirou-se para S. José de Porto-Alegre, antes de principiar o mais insignificante serviço nos lotes de terra que lhes forão destinados. S. José, como sabeis, está fóra das colonias do Mucury; é simples escala dos viajantes e cargas do Rio e para Santa Clara. Ahi adoecêrão alguns de sezões, outros de bichos nos pés e tres morrêrão de typho.

Nestas circumstancias, o agente, que aliás tem ordem de não prestar soccorros aos fugitivos, comprehendeu bem que essa ordem não excluia o auxilio aos doentes, e deu passagem gratuita a todos

para o Rio de Janeiro, satisfazendo a um pedido do Dr. Lallemant, que alli chegava! A malevolencia pretendeu fazer crer que em S. José houvera grande mortalidade, mas ninguem citará o nome de um colono fallecido nesse ponto, a não ser o dos tres mencionados na minha resposta ao Dr. Lallemant.

E note se que, sendo esta expedição de 143, destes de março em diante reentrárão 43 na hospedaria da Associação Central, como ha de constar dos seus registros, e hospital da Misericordia, como prova a certidão a fl. 35 da minha memoria *A colonisação do Mucury*. Alguns retirárão-se para S Matheus e Caravellas. No mez de fevereiro, como consta do *Jornal do Commercio* de 17 deste mez, entrárão neste porto do Rio de Janeiro mais 72 colonos vindos do Mucury e que erão os fugitivos de S. José de Porto-Alegre. A' vista do que se verifica que pequena foi a mortalidade no Mucury. Além dos tres de S. José, fallecêrão sómente os que nominalmente cito na minha resposta ao Dr. Lallemant.

§ 3.º Emquanto debandavão mal chegados a Santa Clara os colonos da Associação Central, appareceu no Mucury, em viagem mysteriosa, o Dr. Roberto Avé Lallemant, viajante subvencionado pela repartição geral das terras publicas, e que, desembarcando em Santa Catharina, onde tudo fizera para anarchisar a colonia do Dr. Blumenau, fôra logo aproveitado para a empreitada do Mucury, devendo fazer escala pela Bahia, bem que do Mucury devesse voltar á Bahia e dahi seguir viagem para o Ceará.

Logo da foz do Mucury o Dr. Lallemant escreveu ao Exm. Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello, então ministro da guerra, e que o tinha mandado ao Mucury, como diz na mesma carta, declarando que *desde a Bahia* vinha *informado* do como a companhia do Mucury tratava os seus colonos, que achára alli 30 abandonados. Primeira palavra, primeira calumnia, que escreveu sobre o Mucury, porque taes colonos não tinhão sido abandonados, mas erão fugitivos, como está declarado.

Proclamando-se commissario imperial, o Dr. Lallemant seguiu de S. José, percorrendo as colonias com o archote da discordia, provocando os colonos a revoltarem-se contra mim, e declarando-lhes que a companhia do Mucury estava quebrada, que o emprestimo de 1,200:000$ não lhe seria concedido, e offerecendo-lhes em nome do governo terras no Rio-Grande.

Em consequencia das denuncias do Dr. Lallemant, o governo mandou um vapor de guerra ao Mucury para trazer os colonos que estivessem abandonados, doentes ou *desanimados* (!) e foi como commissario ostensivo o fallecido F. A. Lachmund, aquelle mesmo agente da Associação Central que em 28 de dezembro eu denunciára pelo abuso de confiança por elle praticado, enviando-me, sem accordo comigo e contra o meu voto, como se fossem colonos morigerados, os 65 réos de



policia de que acima fallei. Antes de ter respondido á minha accusação, Lachmund foi designado meu juiz.

O novo commissario, entrando nas vistas do seu patricio Dr. Lallemant, tendo estado apenas algumas horas em Santa Clara, improvisou um longo relatorio, em que apparecêrão como filhos da propria observação os devaneios do Dr. Lallemant, accusação de falta de soccorros medicos, de falta de alimentos, de más contas e não sei que mais.

No emtanto, por uma aberração estranha, F. A. Lachmund concluiu dizendo ao governo imperial o seguinte:

« No meio das scenas de desolação que affligião os colonos novos, notava-se que *os importados antes de* 1858 *tinhão conseguido conquistar uma posição, estavão contentes, e não querião sahir da colonia.* »

Cumpre notar que Lachmund declarava neste mesmo officio que o numero destes colonos que tinhão conquistado posição e estavão contentes ia além de 200.

Tres mezes depois o commissario do governo imperial, o Exm. Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes, como se vê do seu relatorio, só achava de Santa Clara até o Ribeirão 87 colonos, tal havia sido o effeito da terrivel propaganda Lallemant!!! Veja-se quantos desapparecêrão desses que o parcial commissario Lachmund declarára que tinhão conquistado posição, estavão satisfeitos e não querião sahir da colonia! Entre os colonos de Santa Clara havião 71 familias portuguezas com 363 pessoas. Algumas dessas familias, com um anno de trabalho, tinhão ganho para pagar as suas dividas; mas, desmoralisadas com a anarchia que o doutor levou a Santa Clara, a maior parte fugiu para a colonia Leopoldina e Caravellas, e só ficárão em Santa Clara cerca de 30 colonos portuguezes!

De Philadelphia ainda não fugiu um só colono portuguez ou trabalhador, solteiro ou com familia; retirárão-se muitos depois de terem pago suas passagens, porque a companhia se viu obrigada por falta de meios a suspender os trabalhos que tinha entre mãos.

Foi em vista dos meus protestos contra a perversidade das asserções do Dr. Lallemant que o governo mandou dous commissarios brasileiros, a saber, o Sr. tenente José Feliciano Bueno Mamoré, nomeado director da colonia militar do Urucú, e o Exm. Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes.

A repartição das terras publicas não confiou ao publico o relatorio que deverá ter feito á repartição das terras o tenente Mamoré, mas póde-se ajuizar do que diria o Sr. Mamoré em vista do seguinte topico de uma carta official que recebi deste digno militar com data de 27 de abril do anno passado:

« Pelo que tenho ouvido dizer por pessoas desinteressadas a peior epidemia que tem reinado nas colonias de Santa Clara e Urucú foi o

Dr. Lallemant, que desanimou a todos os colonos allemães, francezes, belgas e hollandezes, que desde a passagem do doutor cruzárão os braços, não querendo mais trabalhar e só esperando que os mandassem buscar, como lhes havia promettido o referido Dr. Lallemant. »

No relatorio do Exm. Sr. Dr Machado Nunes, publicado sob a letra C, guardadas as maiores conveniencias, como era de esperar da moderação de espirito e amenidade de maneiras do Exm. Sr. Dr. Machado Nunes, acha-se o mais formal e completo desmentido a todas as falsidades do Dr. Lallemant.

Chamo a vossa attenção para este imparcial documento, que temo prejudicar extractando.

Mencionarei sómente o topico de *fome*.

« Não havia que comer em Santa Clara, » affirmou afoutamente o Dr. Lallemant, levando o seu desembaraço a dizer que tinha matado a fome aos colonos: e o Exm. Sr. Dr. Machado Nunes, depois de sizudo inquerito, informa o seguinte:

« .... Nunca lhes faltou (aos colonos) o alimento, pois que alguns generos de que houve falta por pouco tempo forão substituidos por outros de que havia abundancia nos armazens da companhia, como a farinha de trigo, que lhes foi distribuida com profusão, o bacalhão, etc. »

Em taes circumstancias, facil era á philantropia do Dr. Lallemant matar a fome aos colonos. E a quantia de 73$740, que provo ser tudo quanto o doutor gastou em Santa Clara, é somma miraculosa que, empregada em genebra e cachaça, farinha de trigo e manteiga, alimentou um mez a 500 colonos! Milagre maior do que o dos pães e dos peixes com que o Messias sustentou no deserto os penitentes.

Emquanto o Dr. Lallemant era desmascarado no Brasil pelo Exm. Sr. Dr. Machado Nunes, navegava elle para a Europa, não sei se ainda a soldo e com instrucções secretas da repartição das terras, ou se desapontado porque lhe falhasse no Rio o apoio prestigioso que na Bahia se lhe promettêra.

O certo é que, esquecido de compromissos que tomára comigo para discutirmos no Rio de Janeiro a *questão Mucury*, pouco generosamente levou para a Europa os seus romances, esperando arrecadar os lucros do trabalho antes de lá chegar a minha defesa.

Felizmente, tal foi a exageração da diatribe que esta levava em si propria o correctivo.

Nas folhas de importancia allemã, e notadamente na *Gazeta Geral de Augsburgo*, nem ao menos se mencionou o livro do doutor; e, se gazetas de menor importancia se fizerão éco dos romances do doutor, pela maior parte forão faceis em admittir em suas columnas rectificações e protestos contra as falsidades do libello. Mas é digna de estudo a cir-



cumstancia de terem sido neste capitulo mais difficeis justamente aquellas gazetas que, com razão ou sem ella, são apontadas como estando a soldo do governo brasileiro. Meus correspondentes, porém, achavão logico o procedimento desses gazeteiros. Não erão elles, tanto como o Dr. Lallemant, subvencionados pela repartição geral das terras publicas? Logo, devião marchar de accordo.

E' preciso que alguem tenha a coragem de rasgar o véo que encobre os escandalos que se teem dado a pretexto de colonisação. Faça esse importante serviço ao paiz quem tem o direito de fiscalisar como se tem evaporado as enormes sommas que por esta verba o thesouro tem despendido. Por minha parte, não me admiro de ver tantos fogos cruzados contra a colonisação do Mucury. E' porque, graças a Deus, não pertenço a tal maçonaria.

Se, porém, não tiverão os escriptos do Dr. Lallemant na Europa essa importancia que se quer inculcar, nem por isso forão menores os males causados á companhia.

Se a repartição geral das terras publicas e os colonos da Associação Central de Colonisação não houvessem provocado a anarchia das colonias do Mucury, estas progredirião como até 1858. Fôra bastante que os colonos tivessem consciencia de que a companhia tinha o apoio do governo. Da convicção contraria, aliás muito fundada, teem nascido todos os embaraços e difficuldades com que luta a companhia do Mucury.

Desorientados os colonos com as fabulas que lhes contou o Dr. Lallemant, não era possivel que aceitassem sem mais exame os desenganos que por parte do governo lhes deu o Exm. Sr. Dr. Machado Nunes.

Demais, os esforços deste honrado brasileiro forão inutilisados pela propaganda Lallemant, que, organisada nesta côrte, espalhava daqui para o Mucury as diatribes do doutor e fazia com que os colonos continuassem a ter fé nas promessas que elle lhes fizera, e no seu valimento.

Empuxados por opiniões contrarias, os colonos quizerão saber por si mesmos se com effeito a companhia do Mucury estava proscripta pelo governo imperial e quaes as condições com que neste caso o governo os transportaria para o Rio-Grande

Veiu primeiro um commissario, que voltou para o Mucury sem ter dito uma palavra ao governo. Achou quem imparcialmente lhe abrisse os olhos. Foi o digno consul prussiano nesta côrte, que, depois de ouvir com bondade as queixas do commissario, e não lhes achando fundamento, o fez retroceder para a colonia, portador de bons conselhos para os seus compatriotas.

Estes não se satisfizerão e mandárão dous novos commissarios. Erão ainda prussianos, e, indo ter ao consulado, o Sr. Heymann dahi os acom-

panhou paternalmente ao escriptorio da companhia, levando por escripto os pedidos e queixas que fazião.

O Sr. Heymann, interpellando estes dous colonos a meu pedido, teve de reconhecer pelo proprio testemunho delles até onde chegava a generosidade da companhia Mucury, cujos interesses aliás estão intimamente ligados com a prosperidade dos seus colonos. Por isso lhes aconselhou, como o fizera já ao primeiro commissario, que voltassem a cuidar de sua lavoura, e nessa disposição sahirão elles do escriptorio da companhia. Mas arrastados por suggestões da propaganda, retirárão sua confiança do seu desvelado consul, e forão apresentados por um estranho ao Exm. Sr. conselheiro Ferraz.

Dias depois seguirão para o Mucury, annunciando um quinto commissario allemão por parte do governo imperial.

Só no mez seguinte tive noticia das singulares queixas que fizerão ao governo, ao que dei a resposta que consta do appenso (D).

As nacionalidades que contão mais colonos no Mucury são a portugueza, a saxonia e a prussiana. Nenhum dos respectivos consulados ainda incommodou o governo com queixas acerca do tratamento dos colonos do Mucury. Ao contrario, os dous primeiros dérão-me, quando soprava mais rijo a tempestade encommendada contra o Mucury, as mais decisivas provas de confiança nos attestados que tive occasião de publicar, e que lereis na minha memoria *A colonisação do Mucury*. O consulado prussiano não temo que desminta o que neste relatorio digo a seu respeito.

Infelizmente, o governo do Brasil quer se mostrar mais zeloso pelos interesses dos colonos das diversas nacionalidades do que os seus proprios consules! Era o caso de citar Talleyrand aos ministros: — *Pas trop de zêle, Messieurs!*

O certo é, porém, que, quando no mez de dezembro o consul prussiano achava futeis as queixas dos colonos contra a companhia do Mucury, o Sr. conselheiro Ferraz lhes dava toda a importancia.

Ao tempo que chegárão ao Rio de Janeiro os dous commissarios (Hirrle e Frick), que vinhão queixar-se especialmente de estarem cortados da corrente de emigração européa, o Sr. conselheiro Ferraz indeferiu a supplica que fiz ao governo, pedindo que, em attenção aos motivos de força maior, pelos quaes a companhia não tinha podido introduzir o numero de colonos estipulado no contrato de 31 de dezembro de 1856, nos concedesse o governo imperial, sem novas condições, um prazo de mais dous annos, para que a companhia completasse o numero de colonos que se havia obrigado a introduzir no Mucury. Com este indeferimento S. Ex. nos tirou os meios para poder continuar a colonisação, e significou aos colonos que erão procedentes as razões que allegavão para sahir do



Mucury, pois que o governo tirava á companhia o meio de introduzir mais colonos, e assim elles estavão cortados da corrente de emigração européa.

E, emquanto o Sr. conselheiro Ferraz assim procedia, era S. Ex. maravilhosamente auxiliado pela Associação Central de Colonisação.

O agente da associação nesta côrte é creatura do Dr. Lallemant, que o trouxe de proposito do Mucury, e alli o collocou.

Convidadas por colonos de Philadelphia, algumas familias movêrão-se da Europa á sua custa em demanda do Mucury. Quando chegavão a este porto eu, na melhor boa fé, os fazia recolher á hospedaria da associação, mediante as despezas de hospedagem que paguei. Mas, de todos os colonos que por conta da companhia do Mucury entrárão para a hospedaria da associação só uma familia embarcou dalli para o Mucury. Os outros escrevêrão a seus parentes de Philadelphia e de Hamburgo, communicando-lhes que transferião sua viagem para o Rio-Grande, porque o governo havia prohibido a colonisação para o Mucury, e todos allegavão ter obtido estas amaveis informações do digno agente da Associação Central!

O que é certo é que, em consequencia destas intrigas, os colonos do Mucury, que tinhão por mim sentimentos de veneração e de amizade, que me respeitárão durante a crise da epidemia em Santa Clara, e que desprezárão as insinuações com que o Dr. Lallemant, segundo confessou no seu livrinho, os provocára a attentarem contra mim, se alvoraçárão a ponto de virem com o maior arrojo dizer ao governo que: « A medida de suas iras encheu-se, que sobre mim e os meus agentes hão de descarregar os seus furores, e que, se o governo imperial lhes quizer tomar contas, por-se-hão debaixo da protecção dos inglezes. »

Ao que fica exposto não se limita a influencia malefica que tem o Dr. Lallemant contra a companhia do Mucury.

Apoiado pelo favor com que foi votada quasi unanimemente na camara dos deputados e no senado a lei que nos concedeu um emprestimo de 1,200:000$ e a garantia de 7 %, animado pela boa vontade com que o ministerio de 12 de dezembro se apressou a dar execução a essa parte da lei, mal podia eu pensar que tão depressa teria de ver o reverso da medalha, qual m'o fez sentir o ministerio do Sr. conselheiro Ferraz.

No emtanto, a annullação do emprestimo de 1,200:000$ prendendo-se á questão Lallemant, vai desafiar a vossa attenção.

No seu libello famoso o doutor havia tratado com certa incredulidade, e assim a modo de quem está ao facto dos segredos de estado, do projecto que concedia o emprestimo de 1,200:000$, esperançado de que os ignobeis manejos de que se soccorrêra terião sido bastantes para que o senado negasse sua adhesão á lei da camara dos deputados.

Desapontado nesta perversa expectativa, e, chegando ao seu conhecimento na Europa que a resolução fôra approvada e sanccionada, o Dr. Lallemant não guardou mais medidas

Ahi tendes o que a respeito escreveu um dos nossos agentes consulares na Europa, e que igualmente consta, se me não engano, da repartição geral das terras publicas:

« Devo preveni-lo que veiu neste paquete um certo Dr. Lallemant, que se dirige a Lubeck, seu paiz natal, e que se dispõe a publicar o 2º volume de um trabalho sobre o Brasil, em que se occupa particularmente de colonisação. Elle se mostra exasperado contra tudo o que viu no Brasil, e principalmente da maneira infame porque, diz elle, são tratados os desgraçados colonos do Mucury. Diz mais que a familia Ottoni vive á custa delles, e que, apezar do que elle, Dr. Lallemant, disse ao Imperador, não hesitou este em sanccionar a resolução das camaras concedendo um emprestimo ao Ottoni, porque o Imperador tem medo deste republicano, e no entretanto não vê que elle fortifica o Mucury, que, no caso de uma revolução em Minas-Geraes, o governo alli encontraria uma fortaleza e o quartel-geral da demagogia, etc., etc. »

Esta noticia prova até que ponto a intriga politica se envolvia na missão confiada ao Dr. Lallemant pelo Exm. Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello.

§ 4.º Rematarei o que tenho a dizer-vos sobre colonisação com algumas observações sobre as verbas respectivas, que lereis no balanço.

Vereis em o nosso passivo que o emprestimo que a titulo de colonisação nos fez o governo imperial é de 86.087$500.

No activo se contempla uma divida de 101:175$188, que devem os colonos, mas ahi estão incluidos 30:300$ de valor de terras vendidas aos mesmos, vindo, portanto, a companhia a não ter despendido com colonisação senão 70.875$188.

Não estão e nem devião estar contemplados nesta verba os adiantamentos feitos a 184 trabalhadores allemães e portuguezes, a quem se havia adiantado a passagem, e que, pela mór parte, a pagárão em serviços da estrada; são quantias debitadas aos gastos geraes da estrada. Sómente na secção da estrada de Santa Clara á Lagôa ganhárão estes trabalhadores 19:128$934, de que se teve de abater os adiantamentos feitos para passagens destes trabalhadores, que, por por falta de serviço e por outras causas, retirárão-se do Mucury.

Ora, pelo relatorio do Exm. Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes se vê que em julho tinhamos no Mucury 591 colonos, ou, abatidos 64 da Associação Central, 527 colonos importados pela companhia, e que, em geral, vivião independentes della, queixando-se principalmente de terem muito mantimento e de não terem a quem vender, por estarem cortados da corrente da emigração européa. (*)



Portanto, cada um destes colonos, entrando por zero os menores de 5 annos, vem a custar á companhia para o seu estabelecimento 119$924. Não estão incluidas aqui as comedorias desde esta côrte até a colonia, e que poderão, com outras pequenas despezas, custar quando muito 20$ por cabeça.

Cumpre reconhecer que o resultado é lisongeiro para a administração da companhia. Não o teriamos conseguido sem o valioso auxilio e coadjuvação do nosso agente em Philadelphia, meu irmão, o Sr. Augusto Benedicto Ottoni, cuja dedicação sem limites ao triumpho da nossa empreza o fez esquecer, não só os seus interesses, como a sua saude, que se arruinou no serviço da companhia. Probidade á parte, com um agente menos activo e menos previdente a nossa conta de colonisação se elevaria a centos de contos de réis. Nos ultimos annos os mantimentos encarecêrão, como já vos disse; mas, quando os negociantes e os novos posseiros compravão farinha a 24$, e feijão e arroz a 30$ e a mais, os colonos recebião no armazem farinha e feijão de 4$ a 5$, e os chins comião arroz de 2$500 a 3$, porque a nunca desmentida previdencia e zelo do agente da companhia se havia acautelado contra a carestia, comprando grandes porções de mantimentos no tempo da colheita.

Eu desejava muito poder confrontar os algarismos da nossa conta de colonisação com os das colonias modelos que a repartição das terras publicas está fundando.

A colonia militar do Urucú, poderosamente auxiliada pela companhia do Mucury, que lhe concedeu transporte gratuito de todos os colonos estrangeiros e militares do Rio até a colonia, transporte gratuito de viveres e outros favores que terião montado a muitos contos de

| | | |
|---|---|---|
| (*) Vê-se pelo relatorio do Exm. Sr. Dr. Machado Nunes estarem no Mucury em julho de 1859 | 591 | colonos |
| Ou, abatidos os que pertencem á Associação Central | 64 | » |
| Importados pela companhia | 527 | » |
| Ou, abatendo os portuguezes estabelecidos em Santa Clara e Philadelphia | 67 | » |
| Allemães e suissos importados pela companhia, não incluidos os menores de 5 annos | 460 | » |
| Sommem-se os que forão retirados do Mucury por ordem dos commissarios do governo, e que entrárão na hospedaria da Associação Central | 210 | » |
| | 670 | |

Note-se que nestes 670 não estão incluidos os menores de 5 annos existentes em Philadelphia, segundo se vê do relatorio do Exm Sr. Dr. Machado Nunes; e, como o numero total dos importados pela companhia foi de 750, restão 80 colonos, que é o numero delles desde Santa Clara até Philadelphia, que pagárão suas passagens e que fugirão; pelo que se vê que a mortalidade no Mucury foi insignificante, e sómente se fez sensivel em Santa Clara de outubro de 1858 a março de 1859, em consequencia dos causas expostas.

réis, se o governo os houvesse pago, tem recebido sómente por intermedio da companhia do Mucury 114 602$162, que, divididos por 232, vem a custar ao governo 494$319 por cabeça, ou quatro vezes o dispendio feito pela companhia para collocar no mesmo pé os seus colonos.

A colonia de Santa Leopoldina, fundada pelo governo na provincia do Espirito-Santo, custa ao thesouro nacional, se bem informado estou, mais de 500.000$, isto é, mais de 500$ por cada colono.

Será este contraste um dos motivos do desfavor em que cahiu a companhia do Mucury? Ignoro. Só sei que, quando o anno passado li na falla do throno a manifestação de que era indispensavel sustentar os nucleos de colonisação existentes, mal pensava eu que se devesse subentender uma excepção odiosa em prejuizo da companhia do Mucury.

## Philadelphia e terrenos adjacentes

E' na minha Philadelphia que mais se teem sentido os effeitos da cessação dos trabalhos da companhia e da anarchia dos colonos.

Na tabella n. 1 do meu relatorio de 1857 vos dava noticia de 132 prazos aforados dentro da povoação. Havião tambem muitos aggregados proprietarios de casas edificadas em terras ainda não aforadas. No principio de 1858 o barão de Tchudy contou 144 casas de telha habitadas, e o numero dessas talvez não chegue hoje a 80.

A tabella n. 3 do mesmo relatorio indica os nomes de 14 negociantes que vendião em Philadelphia fazendas, molhados, louça e ferragens. Este numero hoje é só de 11, e destes cuidão alguns de liquidar e outros estão de espectativa.

A povoação no emtanto aformoseou-se com os templos catholico e protestante.

A matriz está acabada, e custou mais de 8:000$, dos quaes 4:000$ forão fornecidos pelos cofres provinciaes, mais de 2:000$ pela devoção dos habitantes e o resto pela companhia.

O templo protestante custou 5:000$, 4:000$ fornecidos pelos cofres geraes e 1:000$ pela companhia.

Ambos os templos forão construidos de empreitada pelo engenheiro prussiano o Sr. Julio Burrow e são de construcção solida e elegante.

Devo confessar-vos que a decadencia da povoação é a fiel imagem da do districto. Os 500 colonos que se retirárão em consequencia das intrigas que alli foi propalar o primeiro commissario da repartição geral das terras publicas derão o signal para a deserção de um numero de posseiros mais consideravel. A freguezia tinha em janeiro de 1858 mais de 5,000 habitantes nacionaes e estrangeiros, e hoje não tem 4,000.

Os boatos espalhados de que a companhia estava quebrada e de



que o governo lhe havia retirado sua protecção, boatos confirmados pela suspensão dos trabalhos, em consequencia da falta de meios, não podião deixar de influir poderosamente no animo dos habitantes.

Debalde lutei contra a torrente. Para vencê-la eu precisava do apoio franco e decidido do governo imperial. E faltou-me, bem que não poupasse esforços para consegui-lo.

Nestes ultimos annos aprendi a subir as escadas dos ministros, e não me esquivei á triste posição de pretendente.

Centos de vezes contei os numerosos degráos que levão ás aguas furtadas onde funcciona a rainha das terras publicas. Eu, que ha mais de vinte annos tinha pertencido á politica militante, entrincheirei-me no castello de abstenção, para que dissidencias de partido não prejudicassem a empreza do Mucury.

E, se ultimamente solicitei de meus comprovincianos uma posição politica, ainda fi-lo em nome dos serviços que acredito ter prestado á provincia, devassando com estradas e colonias as matas do Mucury.

Os habitantes do Mucury, palpando as consequencias do meu desfavor, tocárão o alarma e se deixárão possuir de grande terror. Em 1859 mais de mil (nacionaes e estrangeiros) abandonárão aquelle paiz desprotegido.

Restão os servos da gleba, aquelles que estão presos ao solo pelos capitaes com que creárão bemfeitorias de um valor muito além das sommas que a companhia lá tem empregado.

Ainda são interesses numerosos e estão identificados com a sorte da companhia do Mucury. E' sobre esses interesses que a companhia, desamparada pelo governo, tem de apoiar-se. E' nessas vistas que diminui a taxa dos fretes e reduzi o preço do sal, para deste modo reanimar o commercio de Philadelphia e vivificar a industria dos transportes. Assim, talvez possa a companhia, sem inanir-se, esperar o tempo da justiça e da reparação. Época que não póde tardar, porque não são sómente os interesses desta companhia e dos novos habitantes do valle do Mucury a quem os poderes do estado teem de attender.

A companhia do Mucury já attrahiu para as matas adjacentes do NO e sobretudo de SO de Philadelphia uma população consideravel. A Capellinha da Graça em 1852 era um curato da freguezia de Minas-Novas, com cerca de 3,000 habitantes, e o anno passado foi elevada a freguezia, com 12,000 habitantes. A matriz está 22 leguas ao oeste de Philadelphia, já nas campinas da cordilheira do Alto dos Bois, e o accressimo da população foi todo para léste, sendo que os ultimos moradores do districto da Capellinha estão 5 a 6 leguas ao sul de Philadelphia. Orço em mais de 20,000 almas o movimento da população attrahida pelas estradas e commercio que a companhia do Mucury levou áquellas

paragens. Já os habitantes, tanto do norte como do sul, presentindo os embaraços da companhia, começão a auxilia-la na abertura dos ramaes da estrada de Philadelphia para o Calhão e para a Trindade.

A producção dos cereaes de 1859 para 1860 foi consideravel. Na esperança de que teriamos de introduzir mais 1,000 colonos, e de que lá permanecerião os importados em 1858, como tambem para vender aos novos habitantes brasileiros que estavão exigindo, avultárão as plantações em 1858, e tivemos mantimento sufficiente de 1858 a 1859; mas este anno o mantimento veiu na razão inversa da população. Teem os colonos nacionaes e estrangeiros uma colheita de 20 a 30,000 alqueires de milho, 3 a 4,000 alqueires de arroz, abundancia de feijão e uma producção extraordinaria de batatas.

As batatas de Demerara, com a vantagem de dar o mesmo terreno quatro colheitas cada anno, promettem ser um valioso auxilio para a criação dos porcos.

O toucinho é o unico genero que se conserva caro no Mucury, porque a secca que lavrou nos sertões da Bahia attrahiu muito toucinho dos logares adjacentes ao Mucury: a criação dos porcos vai tomando grande desenvolvimento.

Já não se importa nem assucar, nem aguardente no Mucury. O terreno é tambem muito proprio para a plantação de canna. Em algumas fazendas moeu-se este anno a terceira soca, e deu tão boa canna como a do primeiro anno. Talvez os terrenos igualem alguns da margem do rio de S. Francisco, onde plantada a canna uma vez dá sem interrupção 20 e 30 annos.

Estão assentados dous engenhos de ferro horisontaes, pertencentes ao Sr. Dr. Manoel Esteves Ottoni e Joaquim José de Araujo Maia. São movidos por agua. Teem bons engenhos de canna movidos por bois os Srs. tenente-coronel Antonio José Velloso Soares, D. Francisca José Coelho da Silva, Marcellino Domingues da Silva e João Vieira Lima, além das engenhocas que teem muitos colonos. Todos os senhores de engenho teem alambique. Ha dous engenhos de serra; um do Sr. José Ferreira dos Reis, outro do Sr. Dr. Esteves Ottoni Ha nove moinhos de moer milho movidos por agua, e as fabricas de fazer farinha são numerosas. Entre ellas distingue-se a do colono Zeno Huber, da qual fallou o Exm. Sr. Machado Nunes.

### Trafego da estrada de Santa Clara

A experiencia dos ultimos annos me convenceu da inefficacia da administração da companhia no que toca ao custeio dos carros e tropas.



Tinhamos o armazem de Santa Clara atulhado de cargas, que alli se demoravão mezes, e não havia meio de diminuir a morosidade dos transportes, a mortalidade dos animaes e os desarranjos do trem rodante. E' uma especie de serviço cuja administração só póde ser proveitosa dirigida pelos cuidados de interesse privado.

O *deficit* era consideravel, sobretudo por causa do excessivo numero de bestas e bois que a companhia perdia mensalmente. Em consequencia pareceu-me de grande vantagem libertar a companhia desse ramo de serviço, que só redundava em prejuizo. Procurei vender o trem rodante e uma parte dos animaes, interessando na nova industria o maior numero possivel de habitantes do Mucury.

Offereci franquear a estrada aos carros de quatro rodas de eixo fixo, obrigando-me a não cobrar nestes tres annos a taxa itineraria que temos direito a lançar, e comprometti-me pelo mesmo espaço de tempo a não me encarregar do transporte das cargas senão até o Ribeirão da Pedra, sendo que a maior difficuldade que achavão os moradores de Philadelphia era nas 6 leguas de Santa Clara ao Ribeirão, porque é nestes pontos que se tem dado mais forte mortalidade de bestas.

Mas, querendo ensaiar mesmo nessa secção da estrada o systema de apoiar-me especialmente no interesse privado, vendi 6 carros e 24 bestas aos dous colonos os Srs. José Gazzinelle e Julio Haueisen, os quaes associando-se entre si, se obrigárão a receber em Santa Clara, transportar e entregar no Ribeirão da Pedra todas as cargas que forem do Rio com aquelle destino, pelo preço de 500 rs. por arroba, incluindo as despezas de agencia e armazenagem. Os Srs. Gazzinelle e Haueisen teem construido novos carros e comprado mais bestas, signal de que vão bem.

O ensaio em geral produziu o melhor effeito, dura ha mais de um anno e trabalhão permanentemente cerca de 50 carros, pela maior parte vendidos pela companhia, alguns construidos pelos particulares, seis importados desta praça e dous trazidos da Allemanha por um dos poucos colonos espontaneos dalli chegados o anno passado, que não foi aqui seduzido para ir para o Rio-Grande.

O serviço dos carros particulares faz notavel contraste com o serviço dos da companhia. Os donos dos carros teem cobrado fretes um pouco avultados, e nos primeiros mezes tirárão grande lucro; mas a livre concurrencia vai corrigindo esse defeito. Durante o anno de 1859 nenhum volume esteve demorado 15 dias em Santa Clara ou no Ribeirão. Fazendas que forão daqui remettidas em janeiro deste anno para a Piedade ao Sr. João Pinheiro Torres chegárão ao seu destino com 26 dias, a contar da partida do vapor, e, se fossem pela estrada da com-

panhia União e Industria, terião consumido em caminho pelo menos 80 dias.

Para animar a industria dos transportes de conta particular, reduzi do 1º de maio em diante a tabella dos fretes daqui para Santa Clara de 1$ por arroba a 600 rs. o trafego dos nossos carros e tropas não bastava para conduzir os fardos, ferragens e molhados que o vapor transportava a Santa Clara. Em 1859 os carros, sómente entregues ao zelo do interesse particular, não só conduzirão todos os volumes expedidos daqui, como mais 4,420 alqueires de sal transportados de Santa Clara por conta da companhia, além de alguns centos de alqueires de conta propria.

Este anno conto que o commercio do sal ha de avultar, porque, no sentido de proteger os habitantes do Mucury e interessa-los a esperar com a companhia que raie para nós o dia de justiça, comprometti-me a vender sal em Santa Clara a 1$500 por alqueire, e tenciono vende-lo no Ribeirão a 2$, para assim attrahir os tropeiros, que a rotina e os embaraços da companhia do Mucury levão para outra parte. Cuido de supprir de sal o armazem de Santa Clara, enviando-o daqui. Actualmente estão em viagem para o Mucury o hiate *Tentador* e o patacho *Amizade Constante* com 3,250 alqueires, além de outro carregamento que cuido em expedir.

São estas as principaes medidas que tomei para conjurar a crise com que lutamos.

Acerca do estado das estradas, offereço á vossa consideração no appenso (E) o juizo critico do Sr. Herculano Velloso Ferreira Penna, 2º tenente do corpo de engenheiros, vantajosamente conhecido pelos seus talentos e sisudez. O juizo de S. S. vem consignado em uma carta que me dirigiu com a permissão de que fizesse parte deste relatorio.

As chuvas forão extraordinarias no Mucury no mez de dezembro e principio de janeiro ultimo. A enchente em Santa Clara subiu 40 palmos e deu-nos algum prejuizo no armazem de sal, que foi inundado. A estrada, sobretudo, nos pontos em que não está acabada e tem falta de descortinamento, sofreu mais do que nos annos anteriores. Mas a energia do Sr. Dr. Ernesto Ottoni tudo reparou em pouco tempo.

### Vapor Mucury

No dia 31 de janeiro deste anno naufragou nas pedras de Guarapary o vapor *Mucury*. Regressava de Caravellas, onde tinha ido levar-me na viagem extraordinaria que emprehendi, na esperança de que Sua Magestade o Imperador visitasse o Mucury. Foi uma deploravel fatalidade. O navio navegava sob a direcção do mesmo pratico zeloso



e incansavel que ha oito annos fazia quarto. A escuridão da noite, um temporal do lado do mar, o atirárão sobre os rochedos. Felizmente salvou-se a tripolação e passageiros.

Bem que tivesse de idade 11 para 12 annos, o ultimo fabrico, que nos custou mais de 30:000$, o tinha posto em excellente estado.

Estava seguro no valor de 70:000$, preço por que fôra comprado. A companhia de Seguros Maritimos e Terrestres, como era de esperar, fez a honra devida á sua apolice.

O vapor desde que passou ao dominio da companhia foi permanente contribuinte das companhias de seguro. Esta verba de despeza já nos havia custado 18:294$, que forão agora amplamente indemnisados.

O vapor *Mucury* era um benemerito da companhia; foi elle o principal instrumento que empreguei na abertura das communicações para Minas-Novas, transportando milhares de trabalhores e colonos, os mantimentos, a ferramenta e as instrucções incessantes para o bom andamento da empreza.

O vapor *Mucury* com a sua receita e despeza dá a maxima parte das addições do activo e passivo da verba—navegação a vapor do Rio de Janeiro a S. José de Porto-Alegre,—que consta de differentes verbas deste e dos balanços anteriores.

Sommando de um lado toda a renda ganha pelo vapor *Mucury* e por aquelles que o substituirão em occasião de falta ou occupação em outro serviço, bem como o capital ora pago pelo seguro; pondo do outro lado o custo do vapor e toda a despeza feita com a navegação entre os dous portos, inclusive as subvenções pagas a outros vapores e as despezas do seguro: teremos o credito de 444:450$419 e o debito de 522:047$140, ou por outra, a demonstração de que fizemos o sacrificio de 77:597$025 para sustentar não interrompidamente por espaço de oito annos a navegação a vapor do Rio a S. José, representando esta quantia o frete do extraordinario material que tem sido mister transportar, as passagens de todos os empregados da companhia desde o director até os trabalhadores e colonos.

### Balanço

Estudando o balanço que vos apresento, vereis os recursos que nos restão para vivermos.

A verba—rendimentos —, producto bruto, se eleva nos 18 mezes do balanço a 146:834$390, ou na razão de 97:889$592 por anno. Foi o rendimento bruto do anno anterior 82:401$902. Vê-se que o rendimento cresceu 15:487$690, e se attenderdes a que no anno do ba-

lanço anterior figurárão nesta verba 21:302$436 com o titulo de carretos de Santa Clara a Philadelphia, fonte de renda que desappareceu nos 18 mezes do balanço actual, pelo facto da venda do trem rodante e compromisso de não tomar a companhia cargas a frete do Ribeirão para Philadelphia, vereis que muito maior foi ainda o progresso da renda.

Se mais de 1.000 habitantes não se houvessem retirado de Philadelphia se as delongas em que se tem arrastado a questão financeira e os actos de manifesto desfavor da parte do governo não trouxessem o desanimo e o panico mesmo entre aquelles cujos interesses os prendem ao Mucury, evidentemente a nossa renda teria ido muito além das minhas previsões de 1858, e nos daria ao menos para pagar o juro e amortização do capital addicional.

A conta com o nosso banqueiro, que continúa a ser o Banco Rural e Hypothecario, figurava no passivo do balanço ultimo, e nossa divida a este estabelecimento elevou-se a 154:032$678 em junho do anno passado. Então, com o recebimento dos 300:000$, quarta parte do capital addicional que levantámos por emprestimo afiançado pelo governo imperial, mudou esta conta do passivo para o activo, sendo o saldo disponivel a favor da companhia 77:854$270, segundo o balanço, mas que hoje se eleva a mais, em razão de haver entrado para o mesmo banco em letra do Banco Mauá a quantia de 70:000$, seguro do vapor *Mucury*.

E aqui cumpre observar que o jogo de toda a nossa receita e despeza está em fiel imagem na nossa conta corrente com o Banco Rural e Hypothecario. Ahi vereis que entrão regularmente no banco sem a menor demora todas as quantias que a agencia arrecada, sendo que por isso nestes ultimos mezes figurão na conta corrente do banco, provenientes de juros das quantias que temos tido disponiveis, a quantia de 8:195$860. Cada addição do nosso debito ao banco está representada por um artigo de despeza convenientemente documentada.

Na verba — devedores de Philadelphia — avultão os compradores do trem rodante e animaes da companhia, dividas provenientes de encommendas e algum dinheiro adiantado para ser pago em serviços. No juizo de nosso agente de Philadelphia, 10 a 12 % destas dividas são incobraveis. Feita esta reducção, o mais é dinheiro com que a companhia póde contar logo que tenha precisão.

Na verba — colonisação — ha 5:485$530 de dividas perdidas por terem fugido ou fallecido os devedores. Este algarismo se refere aos colonos de Philadelphia até a data do balanço.

As outras dividas só no caso da aniquilação da empreza se pódem



considerar incobraveis, pois que as bemfeitorias que os colonos teem em suas terras em geral valem mais do que as dividas de cada um, sendo certo que alguns colonos mesmo agora durante a crise teem podido reputar os seus lotes de terras de modo a pagar não só o custo dellas como as suas dividas de outra procedencia.

O debito da verba — Terras — é de 5.293$010, que em maxima parte são as despezas da legitimação das nossas posses em Philadelphia, Santa Maria, Sant'Anna e Palmital, occupadas e cultivadas pela companhia desde 1852 e 1853, e de que temos hoje os competentes titulos, contendo as diversas posses legitimadas 124,000,000 de braças quadradas. Já obtivemos, pois, por meio da legitimação muito maior extensão de terras do que a concessão que nos fazia o nosso primitivo contrato.

Além das posses legitimadas, temos mais duas adquiridas por compra, de que temos titulo legitimo, e que devem conter mais de 10,000,000 de braças quadradas.

No credito está a divida dos colonos, na importancia de 30:300$, valor das terras vendidas, e mais 810$ de tres prazos vendidos a dinheiro de contado, sendo o passivo desta verba, segundo o balanço, 25:816$990.

O debito devia elevar-se ao duplo ou mais; porém muitas despezas com as medições estão lançadas englobadamente com outros serviços, em gastos geraes, a saber: salarios de engenheiros da companhia que teem preparado o trabalho para os agrimensores; trabalhadores que teem acompanhado os engenheiros, mas que simultaneamente se occupavão em serviços da estrada.

Está já levantada a planta de diversas posses de Santa Clara, Ribeirão de S. Matheus e do Urucú, havendo-se suspendido este serviço por falta de agrimensor, mas sendo provavel que se ultimem no anno que corre.

Só as terras medidas, ao preço de 2 rs. a braça quadrada, darão 248:000$, devendo-se considerar englobado com este o valor das terras vendidas aos colonos de Philadelphia, que todas fazem parte integrante das posses legitimadas, sendo este valor 30:300$.

As terras por legitimar dar-nos-hão outra tanta extensão, e por conseguinte temos em terras, pelo menos, o valor de 596.000$.

A verba — Immoveis — é dada pela avaliação legal de todos os immoveis existentes em Philadelphia, e pela avaliação approximada do custo dos outros.

Hoje não se construirião iguaes edificios pelo dobro do valor por que estão contemplados. No anno de 1859 construimos em Santa Clara um novo armazem de boa madeira de lei, assoalhado, envidraçado e coberto de zinco, com 80 palmos de frente e 40 de fundo. O armazem do Ribeirão da Pedra, que não bastava para as necessidades do commer-

cio, foi augmentado com mais 80 palmos de frente sobre 40 de fundo, e tem as paredes do fundo e do lado forradas de pranchões de ipé, e é coberto de ferro galvanisado.

Substituirão-se os tectos provisorios dos ranchos do Ribeirão e do Palmital por tectos de taboinhas, e levantou-se no Ribeirão da Arêa um novo rancho coberto de ferro galvanisado.

O armazem de S. José de Porto-Alegre, com 160 palmos de frente e um sobrado no centro, e que o Exm. Sr. Dr. Machado Nunes declarou precisar de reconstrucção, está completamente reparado.

Na verba — Gastos geraes, — avultando em 1,216:409$219, se incluem em geral todas as despezas da companhia, saldo de contas da navegação a vapor, limpeza e desatravancamento do rio, explorações para alinhamento das estradas; sendo as parcellas principaes com a construcção das estradas de Santa Clara a Philadelphia, de Philadelphia ao Alto dos Bois, e os ramaes de Santa Clara para a Leopoldina, do Ribeirão da Pedra para S. Matheus e do Poté para a Trindade. Estou persuadido que, se se nomeassem juizes competentes para calcularem o valor sómente da estrada de Santa Clara a Philadelphia, com as suas 54 pontes de excellente madeira de lei estivadas com pranchões, não seria ella avaliada em menos de 800 a 1,000:000$, á vista de sua boa construcção e estado de conservação, sendo que nestes ultimos dous annos muito tem crescido de valor a estrada pelas novas pontes que se teem levantado, aterros accrescentados, e tambem pelas pastagens que temos aberto em diversos pontos, e especialmente no Urucú, Caixa de Pedra, Ribeirão e S. Matheus.

Vem no passivo, na verba — Fazendas geraes, — lucro em sal, 883$475. Lançado aqui em debito o despendido com a remessa de sal, e em credito o dinheiro recebido em Philadelphia, a quantia de 883$475 é o balanço. Cumpre, porém, attender que estão lançadas nos gastos geraes de Philadelphia as despezas com as tropas e fretes pagos pelo que os carros conduzirão, e que por outra parte no fim do anno existião em Santa Clara e Philadelphia mais de 2.000 alqueires de sal, que se deve orçar em 5$ o que estava em Philadelphia e em 1$500 o de Santa Clara, que estão pagos e fazem parte do activo da companhia.

Não está contemplada no balanço nem na minha proposta de contrato para o levantamento do capital addicional verba ou clausula alguma de corretagem, nem sobre os 300:000$ que já entrárão na caixa da companhia, nem sobre os 900:000$ que tambem supponho estarem levantados em Londres por nossa conta e ordem, e de que o governo se apodera porque assim lhe apraz.



Eu tinha o exemplo de outros emprezarios que regularmente em casos semelhantes tirão porcentagem dos capitaes que levantão.

Mas, apezar de que o capital addicional foi adquirido para a companhia por virtude de minhas solicitações e diligencias, e em parte tambem por alguma confiança que a minha administração póde ter despertado nos poderes que o concedêrão, não obstante abstive-me de qualquer pretenção.

Tambem os Srs. accionistas, por terem confiança em mim, entrárão com os seus capitaes para a caixa da companhia, e ainda não obtiverão vantagem alguma; e por isso não me pareceu razoavel que eu lucrasse quando os mais estão perdendo.

## Direcção da companhia

Se attenderdes ás nossas condições organicas, reconhecereis que outra não era a minha obrigação em relação á companhia senão a direcção e inspecção suprema da empreza, ficando a execução do que a alta administração deliberasse a cargo de agentes assalariados.

As difficuldades que apparecêrão, além das primitivas previsões, e a confiança talvez errada que eu tinha na propria energia me levárão a tomar sobre mim, não só a suprema direcção e inspecção, como a gerencia e a administração nos seus menores detalhes.

Bem que se tirem á companhia os recursos para poderem apparecer mais cedo os resultados praticos, tenho o desvanecimento de haver feito o que muitos não conseguirão.

Mas meus interesses particulares, abandonados ha oito annos para só cuidar no triumpho da empreza do Mucury, não podem mais tempo dispensar minha séria attenção.

Foi por estes motivos que eu sinceramente adoptei a idéa que foi submetida á vossa illustrada consideração em uma das nossas ultimas reuniões.

Segundo a vossa deliberação, a illustre commissão que então designastes devêra apresentar-vos a reforma dos estatutos logo que se realizasse o emprestimo de 1,200:000$.

Hoje tenho de supplicar-vos que antecipeis aquella época, organisando regularmente a companhia, e deixando á direcção sómente aquelle arbitrio que possa ser justificavel.

Pela minha parte, se julgardes que minha experiencia póde se necessaria, estou prompto para fazer parte da suprema direcção da companhia, ficando a cargo de um ou mais agentes assalariados a execução e gerencia.

E devo prevenir-vos de que, emquanto não decretardes a organisação definitiva da companhia, será ella dirigida de accordo com estas idéas.

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI, director da companhia.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 1860.

# BALANÇO DA COMPANHIA DO MUCURY, EM 31 DE DEZEMBRO DE 1859.

## ACTIVO.

| | | |
|---|---|---|
| APOLICES: — Por 8 da divida publica do juro de 5 % | | 7:120$000 |
| VAPOR MUCURY: — Seu custo e siza | | 73:537$000 |
| SEMOVENTES: — Por 27 escravos | | 31:506$000 |
| COLONISAÇÃO: — Portugueza, allemã e suissa | | 101:175$188 |
| OBRIGAÇÕES A RECEBER: — Por saldo | | 340$000 |
| COLONIA MILITAR DO URUCU': — Idem | | 17:347$549 |
| GASTOS GERAES: — Com estradas, etc., até hoje | | 1,147:673$911 |
| AGENCIA DE PHILADELPHIA: — Saldo em seu poder em dinheiro e em cheques | | 14:653$885 |
| GOVERNO IMPERIAL: Importancia das dividas dos colonos da companhia que sahirão do Mucury por ordem dos seus commissarios, e dos viveres fornecidos a colonos da Associação Central | | 31:314$342 |
| IMMOVEIS: — Valor dos predios da companhia | | 57:400$000 |
| BANCO RURAL E HYPOTHECARIO: — Por uma letra da casa bancaria Mauá Mac-Gregor e Comp. que lhe foi entregue em deposito | 120:000$000 | |
| DEDUZINDO: — O saldo da sua conta effectiva | 42:145$730 | |
| | | 77:854$270 |
| TRAFEGO FLUVIAL: — Custo do vapor *Peruipe* e de 5 lanchões de ferro | | 42:2 58$20 |
| DEVEDORES DE PHILADELPHIA: — Importancia que devem | | 20:881$000 |
| DIVERSOS: — Por diversas dividas e adiantamentos | | 41:188$152 |
| Rs. | | 1,667:297$117 |

## PASSIVO.

| | | |
|---|---|---|
| CAPITAL: — Por 4,000 acções de 300$000 já realizadas | | 1,200:000$000 |
| LETRAS A PAGAR: — Ao governo imperial pelo contrato dos chins | | 7:111$ 10 |
| DIVIDENDO EXTRAORDINARIO: — Saldo não procurado | | 643$607 |
| GOVERNO IMPERIAL: — (Conta de emprestimo) | | 86:087$500 |
| TERRAS: — Vendidas a credito e a contado | | 25:816$990 |
| SCHULTERS, colono da companhia: — Saldo a seu favor | | 502$000 |
| GOVERNO IMPERIAL: — (Conta de adiantamento) | | 15:060$000 |
| CAPITAL ADDICIONAL: Pelo emprestimo da 4ª parte, realizado pela Companhia da Estrada de Ferro de D. Pedro II, sob a garantia e autorisação do governo, em virtude da lei de 8 de junho de 1859 | | 300:000$000 |
| AGENCIA DE S. JOSÉ DE PORTO-ALEGRE: — Saldo a seu favor | | 1:050$880 |
| FÓROS DE TERRAS: — Realizados até hoje | | 1:333$920 |
| JULIO HAUCISEN: — Saldo a seu favor | | 1:078$110 |
| CHEQUES: — Que se entregárão e debitarão-se á agencia de Philadelphia | | 29:192$000 |
| Rs. | | 1,667:297$117 |

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1859.

*O guarda-livros da companhia,* ANTONIO VICTOR DE ASSIS SILVEIRA.

15

# APPENSO-A

# ARTIGOS DE CONTRATO

Art. 1.º A companhia do Mucury poderá emittir em obrigações ou apolices de 500$ e de 1:000$ até 1,200:000$ nominaes de capital addicional, que a companhia está autorisada a levantar por emprestimo, nos termos do art. 1º da resolução de 8 de junho deste anno, e autorisação dos accionistas em sessão de dezembro do anno passado.

Art. 2.º As condições do emprestimo serão reguladas de modo que o juro e amortização não excedão em caso algum a taxa de 7 % annuaes.

Art. 3.º Sempre que os lucros liquidos da companhia do Mucury não se elevarem a 7 % ao menos do capital total, o governo imperial, em consequencia da garantia decretada na citada resolução de 8 de junho deste anno, fornecerá uma somma tal que, junta ao dividendo correspondente á parte do capital addicional que houver sido realizada por emprestimo, complete o computo de 7 % de juros e amortização do mesmo emprestimo.

As apolices do emprestimo serão endossadas por.....

Art. 4.º Emquanto não for possivel effectuar o emprestimo, poderá a companhia contrahir uma divida fluctuante equivalente, que gozará da garantia de 7 % estipulados no artigo precedente. Para os fins deste artigo o governo imperial abrirá á companhia o conveniente credito em qualquer banco ou estabelecimento. Nesta divida fluctuante estão comprehendidos 300:000$, que com o abono do governo imperial a companhia já recebeu por emprestimo da companhia da estrada de ferro de D. Pedro II.

Art. 5.º A companhia do Mucury convem em que fique reduzido a 20 annos, contados desta data, o prazo de 80 annos, dentro do qual por virtude do contrato de 1847 está inhibido o poder provincial de, sob qualquer denominação que seja, cobrar impostos de importação e de exportação sobre os generos que entrarem na provincia ou della sahirem pelas estradas ou nos barcos da companhia.

Art. 6.º Em compensação da renuncia do privilegio, de que a companhia em beneficio publico abre mão por espaço de 60 annos, na conformidade do artigo antecedente, o governo imperial lhe outhorga as concessões constantes dos paragraphos deste artigo:

§ 1.º A garantia de 7 % annuaes para o seu capital primitivo, addionado com a somma que for arbitrada como indemnisação aos emprezarios, na fórma do art. 22 das condições organicas da companhia, pelo tempo que durar a amortização do capital levantado por emprestimo.

§ 2.º Uma subvenção pecuniaria igual á que foi concedida ao emprezario da navegação do Jequitinhonha.

§ 3.º Permissão para se fazerem aos accionistas dividendos extraor-

dinarios das quantias que a companhia obtiver pela venda das terras que possue, abstrahindo-se dessas quantias no calculo do lucro liquido em relação a garantia dos 7 %.

§ 4.º Plena e absoluta quitação pelas sommas que a companhia está devendo ao governo imperial por emprestimos a titulo de colonisação.

Art. 7.º As disposições contidas nos §§ 1º e 2º do artigo antecedente ficão dependentes da approvação da assembléa geral legislativa, que será solitada apresentando o director da companhia na secretaria do imperio autorisação dos accionistas para fazer a cessão mencionada no art. 5.º

---

# APPENSO—B

# O DR. LALLEMANT NO MUCURY

O Dr. Lallemant publicou na Allemanha o seu itinerario do Mucury.

O contexto desse libello famoso decidiu-me a offerecer ao publico d'aquem e d'além mar as seguintes linhas.

Quem quizer estudar imparcialmente a colonisação do Mucury achará no que vou escrever o material necessario para formar um juizo acertado sobre as accusações do Dr. Lallemant.

A colonisação do Mucury principiou no anno de 1855. Hoje lá vivem cerca de 900 colonos de stirpe européa, estabelecidos todos como proprietarios das terras que cultivão, e em circumstancias que não permittem duvidar do futuro seguro e prospero para os que forem laboriosos. (*)

Não póde ser minha intenção acompanhar detalhadamente neste escripto todas as phases que percorreu a colonisação do Mucury. Basta lembrar que o desenvolvimento da nascente colonia, ora rapido, ora lento, até os fins do anno de 1858, era um desenvolvimento não interrompidamente progressivo.

Porém no anno de 1859 este lisongeiro estado de cousas soffreu um abalo terrivel, cujos symptomas, causas e consequencias funestas para a marcha regular da empreza forão expostos por mim em uma memoria, ***A colonisação do Mucury***, publicada no mez de abril do corrente anno na cidade do Rio de Janeiro; memoria de que este escripto será o complemento.

O itinerario do Dr. Lallemant occupa-se com o mesmo thema; todavia o autor tratou do objecto de uma maneira tão perversa que o quadro do Mucury qual traça o doutor não póde deixar de parecer horroroso.

Por isso, e por soffrer minha honra pessoal na publicação do Dr. Lallemant, resolvi mandar imprimir na Allemanha e no Brasil a presente refutação das falsidades e infamias publicadas e sustentadas pelo Dr. Lallemant.

Firmemente decidido a desprezar as calumnias gratuitas e personalinades de que o doutor lançou mão, limito-me á declaração de que os antecedentes do doutor em medicina Roberto Avé Lallemant, assás conhecidos no Rio de Janeiro, não lhe conferem por certo titulos que o habilitem para se arvorar tão soberanamente em meu juiz.

(*) Da data desta correspondencia em diante o bem-estar e confiança dos colonos existentes no Mucury teem declinado, em consequencia de ter sido a companhia privada dos meios de continuar as suas operações.

Dediquei annos de minha vida, os recursos de minha intelligencia e de minha fortuna á realização de uma empreza que os poderes do estado teem considerado grandiosa e util. E, bem que o resultado dependa de Deus, tenho consciencia de que para triumphar empreguei sómente meios honestos e uma vontade energica.

Succeda o que succeder, me sujeito tranquillo ao juizo dos homens rectos, em cujo areopago fôra irrisorio que pretendesse assentar-se o Dr. Lallemant.

Quem conhecer de perto a vaidade nervosa e ridicula com que este Esculapio quer a todo transe brilhar como estrella de primeira ordem no horizonte das sciencias reconhecerá com facilidade e á simples leitura o nenhum valor das vociferações do libello *No Mucury*.

E' uma collecção incoherente de historias calculadas para incutir terrores. A jactancia desmedida com que o doutor falla de si, ausencia completa de toda a investigação séria, bastaria para pôr em relevo o verdadeiro e asqueroso caracter do libello famoso.

Apezar disso, porém, respeitando a opinião publica allemã, eu vou appellar para esses mesmos jornaes que publicárão as accusações do doutor, esperando que nenhum desconhecerá o valor e o peso da minha refutação nem se recusará a communica-la tambem aos seus leitores.

—

O Dr. Lallemant, reconhecendo que na cidade do Rio de Janeiro não podia fazer fortuna pela sua profissão, retirou-se para a Europa no principio do anno de 1855. Porque levava a casaca enfeitada de fitas, teve o Dr. Lallemant a simplicidade infantil de acreditar que ia apparecer no velho continente como vulto proeminente, e que com facilidade conquistaria uma posição onde ganhasse fama e proveito. Desapontado em suas fantasias, recorreu ao governo austriaco, que estava occupado com os preparativos da expedição scientifica que devia fazer uma viagem na corveta *Novara*. Não tendo conseguido fazer parte da commissão scientifica, apezar dos esforços que fez para isso, parece que o doutor, na penuria de meios de subsistencia, aceitou agradecido o posto de cirurgião subalterno e assalariado.

A bordo da corveta houverão scenas curiosas, porque o 4º cirurgião, em vez de se occupar do tratamento dos doentes syphiliticos que estavão a seu cargo, intromettia-se a cada passo nos trabalhos da commissão scientifica e tudo queria decidir cathedralmente. Foi para libertar a commissão das impertinencias do sabio que o commandante o fez desembarcar no Rio de Janeiro e o pôz á disposição



do consulado geral austriaco, por cujo intermedio se lhe communicou pouco depois a demissão do serviço e baixa do posto.

Nestas circumstancias, o doutor teve de resignar-se novamente ás cataplasmas do Hospital da Misericordia, onde já servira mediante a gratificação de 800$ annuaes.

Mas a recente vocação do doutor era fazer vida de sabio. E, como com empenhos tudo se obtem no Brasil, alcançou o doutor do governo imperial uma subvenção mediante um contrato, cujas clausulas são mysterio para mim, e pôde, á custa do thesouro brasileiro, satisfazer o ardente desejo que nutria ..... *de viajar!*....

Nas colonias de D. Francisca, Blumenau, Mucury, etc., sabe todo o mundo que o Dr. Lallemant, agente subvencionado do governo, bem que não tivesse caracter official, tomava diante dos colonos ares de commissario imperial, de confiança tão omnipotente que, desprezando altivamente ministerios e autoridades, manejava a seu belprazer os negocios de colonisação, directamente com Sua Magestade Imperial.

Quereis saber como correspondeu á confiança nelle depositada pelo ministerio do imperio, a quem devia contas estreitas e a quem enganava? Ahi está o pamphleto *No Mucury* para dar-vos a resposta cabal.

Em Santa Catharina e no Mucury a missão do Dr. Lallemant parecia a de sublevar os colonos. Os que até a sua chegada tinhão vivido contentes ou resignados ficárão desorientados com as promessas fallazes que o doutor lhes prodigalisou, aconselhando-lhes que não obedecessem mais ás suas directorias, que não pagassem as suas dividas. Sem respeito ao suor alheio, desmoralisou emprezas que erão o resultado de arduos trabalhos de outrem durante longos annos, attrahindo sobre a sua cabeça a maldição não só daquelles de quem se constituia flagello como de muitos dos infelizes que conseguiu seduzir.

Sobrão razões ao governo imperial para arrepender-se da funesta missão do Dr. Lallemant. Hoje bem sabe o governo quanto melhor fôra que houvessem tomado em consideração mais séria as palavras de pessoa que verdadeiramente se interessa por este paiz e que, fallando-se-lhe em tal missão, ponderou ao ministro do imperio: — « V. Ex. não conhece o Dr. Lallemant! ».

No principio do anno de 1858 o Dr. Lallemant se pôz em caminho.

Parece que na provincia do Rio-Grande do Sul a visita do illustre viajante passou desapercebida.

Em S. Paulo o agente subvencionado do governo imperial deu-

se por offendido porque o presidente da provincia não lhe appareceu instantaneamente quando o doutor mandou o seu bilhete.

Retirou-se sem dar satisfações, e em uma insolente correspondencia fulminou o presidente por ter feito esperar alguns minutos tão alta personagem. Parece que o doutor prestou-se a guardar silencio acerca da colonisação de S. Paulo. Como se conseguiu esse milagre é que eu ignoro.

A colonia D. Francisca recebeu e festejou o doutor com as honras que elle exigia e pretendia. O homem mostrou-se grato, achando tudo quanto lhe mostrárão muito bonito e satisfatorio, e dignou-se prometter á directoria da colonia de D. Francisca que seria promovida nos primeiros despachos á directoria geral de colonisação da provincia de Santa Catharina. Aos que estavão bem fascinava promettendo o que não podia dar; recompensas, condecorações, dinheiro, tudo prometteu largamente, cuidando assim pagar e alfazema que a credulidade dos colonos lhe queimava.

Os habitantes de D. Francisca até hoje estão esperando o Dr. Lalemant, que lá ficou de voltar acompanhado dos mais altos funccionarios do Brasil, que devião ir recompensar a brilhante recepção que o doutor lá teve, e que levarião para a colonia a idade de ouro.

Com os mesmos rompantes entrára o Dr. Lallemant na colonia Blumenau. Mas, ou porque o charlatanismo do commissario fosse ahi conhecido desde o principio, ou por quaesquer outros motivos, tomou elle apenas chegado á colonia uma posição de franca hostilidade contra o Dr. Blumenau, hostilidade que não podia em caso algum comprometter o caracter bem conhecido deste respeitavel colonisador.

E' uma colonia modelo, onde o emprezario consumiu a fortuna que trouxe da Europa e é hoje o mais pobre dos habitantes.

Brasileiros e estrangeiros são unanimes em confessar que o Dr. Blumenau tem bem merecido do Brasil e da humanidade.

Estava reservada ao Dr. Lallemant a hedionda tentiva de fazer revoltar os colonos contra o emprezario.

Insinuou que o emprezario estava quebrado, assegurou que ia conseguir que o governo imperial removesse o Dr. Blumenau do logar de director da colonia, a cujo pastor offereceu a directoria, declarou que os colonos não estavão obrigados a pagar as dividas que tinhão contrahido, etc., etc.

E, tal era a arrogancia do commissario do governo na colonia, em diversos logares da provincia e até perante autoridades respeitaveis, que todos unanimemente pensavão que o homem, apezar de louco, tinha na capital do imperio apoio poderosissimo.



E por isso tanto maior e mais geral foi a indignação e o desprezo quando com o correr dos tempos vierão a saber que os plenos poderes, as promessas, as ameaças e as asserções ousadas tudo era pura e simplesmente phantasmagoria e projecto da imaginação do doutor.

Não tanto que o governo imperial, em virtude das denuncias do doutor, se não visse na necessidade de enviar um alto funccionario a investigar sobre o estado da colonia.

Mas teve o Dr. Blumenau a satisfação de ler pouco depois no luminoso relatorio do Sr. conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz a mais completa refutação das calumnias e injurias que lhe havia assacado o Dr. Lallemant.

Foi depois de comprovar a excellencia dos seus dotes e prestimo na colonia Blumenau que o Dr. Lallemant foi mandado para o Mucury.

Acompanhemo-lo na sua excursão de guerra a esta pacifica região.

O pamphleto *No Mucury* é o itinerario do Dr. Lallemant.

Tal libello é a renovação perante a Allemanha de um pleito que já correu perante o governo imperial e cujo resultado,como no inquerito Blumenau, foi ficar ao nosso Hyppocrates o ferrete de calumniador.

O doutor,como elle mesmo confessa, me havia denunciado ao governo do meu paiz. E fe-lo de um modo brutal e asqueroso.

Os itens de sua denuncia são os mesmos que agora articula o seu libello famoso:

A morte incessante dos colonos do Mucury em razão do pessimo clima e a miseria proveniente da má administração.

O governo imperial,altamente interessado em proteger e acoroçoar a emigração para o Brasil, tomou a denuncia do doutor na mais séria consideração.

Mandou immediatamente um conmissario e um vapor de guerra ao Mucury.

O commissario era o allemão F. A. Lachmund, agente da Associação Central de Colonisação no Rio de Janeiro.

Das colonias do Mucury Lachmund só visitou Santa Clara, onde se demorou menos de 24 horas, atacado da febre, de que falleceu ao chegar ao Rio de Janeiro.

Nem teve tempo nem esteve em Santa Clara bastante *compos sui* para fazer um inquerito regular, ou mesmo para guardar memoria das observações fugitivas que lhe pudessem ter occorrido.

Assim, no momento em que vi o extenso relatorio apresentado pelo commissario, e acompanhado até de uma planta topographica que não existia em Santa Clara, reconheci que a outrem pertencia a mór parte das observações que prestes a morrer Lachmund subscreveu.

Erão evidentemente suggestões do medico que o acompanhára de S. José para o Rio.

Mas nesse mesmo relatorio o commissario Lachmund, depois de encarecer o estádo de desgraça e de doença dos colonos que trouxe, dizia o seguinte:

« Os colonos que ficárão em Santa Clara, em numero de 200, pouco mais ou menos, em parte são já mais antigos e bem estabelecidos: estes não desejão sahir da colonia. »

De sorte que, no estado desgraçado em que os commissarios pintão Santa Clara, ainda havião 200 colonos que ahi querião permanecer.

Estas confissões de Lachmund crescem de importancia á vista da intimidade em que estava com o Sr. Lallemant, como se vê da carta que escreveu ao doutor, e que este publicou á pag. 63 do seu libello.

Estavão tão identificados que Lachmund enviou ao Dr. Lallemant com o sello volante um officio que me dirigia o ministro do imperio, o Sr. conselheiro Sergio de Macedo, acerca da denuncia Lallemant, officio que a sello volante confessa Lallemant que me entregou, como que para significar-me a que ponto estava na privança do governo do meu paiz!

Mas em todo o caso Lachmund não podia ser juiz imparcial da companhia do Mucury.

Era Lachmund o agente da Associação Central, sobre quem recahião as accusações constantes do seguinte trecho da memoria em que já fallei, acerca dos acontecimentos das colonias do Mucury, e que nada mais é do que o transumpto fiel do officio que em data de 26 de dezembro de 1858 dirigi ao muito digno presidente da Associação Central, o Sr. senador barão de Muritiba. Tanto a memoria como o officio correm impressos e não soffrêrão a menor contestação.

E, para cumulo de infelicidade, ia eu acompanhado de mais cento e tantos proletarios, que imprudentemente mais recebi da Associação Central de Colonisação, e sobre os quaes cumpre que entre em algumas explicações.

Eu havia contratado receber, se a gente me agradasse, uma expedição de colonos que entrou no Rio de Janeiro, vinda de Bordéos para a associação na barca *Lahore*.

Pareceu-me que, depois de haver repercutido na Europa a desagradavel impressão que havião produzido no Brasil os colonos Beaucourt das primeiras expedições, e sabendo eu que a Associação Central tinha sido prompta em fazer as mais energicas reclamações a respeito, não havia possibilidade de virem colonos que não fossem da primeira escolha.

A *Lahore* chegou em dezembro, na vespera da sahida do *Mucury*, e eu



louvei-me em um honrado empregado, F. A. Lachmund, da associação, acerca da qualidade dos emigrantes; o numero devia ser de 80 a 90.

Poucos dias depois a Associação Central ficou orientada sobre a qualidade da gente, e, certa de que os seus agentes não tinhão melhorado de procedimento; mesmo entrou em duvida a aceitação das letras da importancia da expedição da *Lahore*, em razão de ter sabido a associação que, em vez de colonos, tinhão vindo comediantes e proletarios.

Uma vez a bordo do *Mucury*, a minha primeira decepção ao sahir barra fóra foi achar, em vez de 80 a 90 colonos, 143, pela mór parte francezes.

A segunda decepção foi o conhecimento de que o numero accrescido se compunha do refugo de diversas expedições, individuos para os quaes não tinha havido contrato possivel, e que, enfadados de comer macarrão e carne fresca na ilha do Bom-Jesus, tiverão a desgraçada velleidade de embarcar-se no vapor *Mucury* com a gente da *Lahore*, sem prévio accordo comigo.

Patentes estão os motivos pelos quaes insisti com o governo imperial em officio que corre impresso com data de 31 de março deste anno para mandar outros commissarios, bem que eu justificasse o pedido pelo simples facto de não ter passado de Santa Clara o commissario Lachmund.

E é claro que, independentemente de minha requisição, o governo imperial não deixaria tão séria questão sem mais exame.

Assim, mandou ao Mucury como commissario o novo director da colonia militar do Urucú, tenente José Feliciano Bueno Mamoré.

O commissario director da colonia militar do Urucú fallou com franqueza rude mas apreciavel.

Em sua carta official de 27 de abril deste anno resume nestas poucas, mas incisivas palavras, as informações que dera ao governo imperial:

« Tendo ouvido a pessoas desinteressadas, posso affirmar que a peior epidemia que tem reinado nesta colonia e na de Santa Clara foi o Dr Lallemant. »

O governo, porém, não se satisfez com esta especie de conselho de investigação militar assim tão peremptorio.

E mandou como terceiro commissario o ex-presidente do Espirito-Santo, Dr. Sebastião Machado Nunes, homem conhecido no paiz pela sua pureza de costumes e rigidez de principios.

O Dr. Machado Nunes percorreu todas as colonias do Mucury.

O seu importante relatorio feito ao governo imperial é o unico documento que, como solução final dada á questão Lallemant, o governo imperial mandou publicar na parte official do *Jornal do Commercio* de 21 de outubro passado.

No relatorio do commissario Machado Nunes estão desmentidas uma por uma as accusações do Dr. Lallemant contra a administração da companhia do Mucury.

Os colonos de Philadelphia, que o Dr. Lallemant declara infelizes, doentes, desesperados, o commissario imperial qualifica nos termos seguintes:

« Tendo até aqui exposto a V. Ex. as principaes queixas dos colonos e o que me pareceu haver nellas de verdadeiro e procedente, vou dizer com franqueza a minha opinião acerca da colonisação do Mucury, e é que o colono que se estabelecer nas immediações de Philadelphia até o Ribeirão d'Arêa, donde começão as terras de melhor qualidade, e for trabalhador e industrioso, ha de conquistar uma posição e fazer fortuna: não posso deixar de formar esta opinião quando observei entre os colonos modernos (de oito mezes), ao lado de um que quasi nada tinha feito, outro que apresentava resultados taes que sorprendêrão, accusando todos a mesma falta. . . . . »

De Santa Clara, onde o Dr. Lallemant teve o desembaraço de inculcar que os colonos estavão morrendo a fome, e que foi elle quem os alimentou á sua custa, diz o commissario imperial o seguinte:

« Com taes elementos, a epidemia que houve, fazendo degenerar em typhos as febres intermittentes, proprias do logar, é um facto que naturalmente se explica. A outras causas não posso eu attribuir a defecção dos colonos de Santa Clara, sendo certo que nunca lhes faltou o alimento, pois alguns generos de que houve falta por pouco tempo forão substituidos por outros de que havia abundancia no armazem da companhia, como a farinha de trigo, que lhes foi distribuida com profusão, o bacalhão, etc.

« Se os colonos tivessem procurado conjurar a crise, muito provavelmente o terião conseguido; e a prova está em que os mais antigos, que vivião em suas casas, fóra dos focos de infecção creados por aquelles, a atravessárão quasi incolumes, não tendo succumbido um só.

« Se em Santa Clara se derão as causas que ficão apontadas para a defecção dos colonos, outro tanto não succedeu em Philadelphia, onde o clima é benigno, e não houve epidemia e nem falta de mantimentos, estando todos situados em logares convenientes nas margens dos ribeirões. *Estes colonos forão evidentemente arrastados pela torrente que se desprendeu em Santa Clara, e seduzidos com promessas fallazes que imprudentemente lhes fez alguem* (*), *servindo-se do nome do governo.* »

Assim, pois, o commissario militar e o commissario civil, não só dão informações diametralmente oppostas ás denuncias do Dr. Lallemant,

(*) Evidentemente o Dr. Lallemant.



como demais attribuem ao denunciante uma boa participação nas desordens das colonias do Mucury.

Com os relatorios dos commissarios imperiaes eu podia limitar-me a responder simplesmente ao libellista: — E's um desprezivel calumniador.

Mas quero confundi-lo com as suas proprias palavras, que são as minhas melhores armas.

Vou, pois, levar o meu escalpello ao livrinho do doutor.

As primeiras palavras do prefacio dão bom documento da moralidade do libellista.

« *Se eu tivesse,* diz o homem, *de escrever um cathecismo de emigração, o meu primeiro mandamento seria — Não emigrarás.* »

Eu comprehendo que um patriota allemão, crendo bem ou mal que os seus patricios não melhorão de condição emigrando para o Brasil, empregue todos os meios honestos para desviar deste paiz a emigração allemã.

Mas as palavras que referi não assentão decorosamente na boca de um agente brasileiro subvencionado.

Se o Dr. Lallemant, viajando á custa do cofre brasileiro, adquiriu taes convicções, convenho em que honrosamente podia guardar o silencio, porque em consciencia ninguem póde ser obrigado por um contrato qualquer a advogar contra a verdade.

Creio, porém, que, para o Dr. Lallemant decentemente ficar silencioso, devia restituir o dinheiro que recebeu para fallar.

E em todo o caso usar contra seus amos dos esclarecimentos que obteve com o dinheiro delles será sempre um abuso de confiança e uma acção que a sã moral nunca sanccionará.

No principio do itinerario do doutor ha uma lacuna que foi para mim altamente significativa.

O ponto de partida do doutor é a Bahia, onde quer inculcar que lhe veiu a idéa da visita ao Mucury E não é assim.

Cartas minhas solicitadas pelo doutor e por elle entregues a amigos meus na Bahia, em Caravellas e em Viçosa, cartas que lhe derão entrada e hospitalidade em casa dos meus amigos, provão que o doutor já trouxe a idéa do Rio.

Foi em novembro que o doutor se me apresentou no Rio de Janeiro, declarando ter commissão do governo para visitar o Mucury, Bahia e Ceará.

Eu tinha por vezes solicitado do governo imperial que mandasse um commissario visitar o Mucury.

Sabia que o doutor era agente secreto e subvencionado pela repartição da colonisação.

Por isso acreditei facilmente na missão do doutor, e, estando de viagem para o Mucury, o convidei para ir em minha companhia.

Respondeu-me que suas instrucções o obrigavão a ir primeiro á Bahia, retroceder ao Mucury e voltar novamente á Bahia, para dahi seguir para o Ceará.

O itenerario parecia absurdo, porque o Mucury demora 5 gráos ao sul da Bahia, e, havendo navegação a vapor do Rio ao Mucury e do Mucury á Bahia, era obvio que o doutor ganhava tempo e dinheiro indo do Rio directamente para o Mucury e seguindo de lá para a Bahia.

O absurdo existia só na apparencia e o itenerario do doutor era perfeitamente logico. O doutor tinha de estudar na Bahia uma empreza rival da do Mucury, e ia na intensão de se lhe offerecer como instrumento.

Quando sahiu da Bahia, diz elle no officio que escreveu ao conselheiro Manoel Felizardo, «já sabia dos máos tratos que soffrião os colonos do Mucury», palavras bem significativas para quem conhecer a intriga brasileira a que se referem.

Na Bahia é que lhe veiu a idéa em janeiro deste anno, e em novembro antecedente trouxera elle do Rio as cartas que me pediu, em que fuí simplorio bastante para o recommendar aos meus amigos como um philosopho que viajava por amor da sciencia e por amor da humanidade!

O que vou dizer não está nos meus habitos, e será talvez interpretado de modo desfavoravel; mas o leitor deve desculpar-me se procuro os meios de fazer bem conhecer o meu detractor.

Visto que o passeio do doutor no Mucury era deliberadamente uma excursão de guerra por conta propria e de terceiro, os mais triviaes sentimentos de delicadeza deverião aconselhar-lhe que se abstivesse de receber os favores e hospedagem do inimigo que ia profilgar.

Se o doutor quizesse gastar dinheiro podia, sem recorrer ao director da companhia do Mucury, fazer a sua viagem ainda mais commodamente do que a fez.

Muitos negociantes do Rio teem visitado Philadelphia, e eis o programma da sua viagem:

Pagão á companhia 60$ de passagem até Santa Clara, e ahi encontrão conducção, que pedem no mez antecedente, e que os seus correspondentes lhes alugão em Philadelphia.

Com o doutor, que viajava *en corsaire* á custa do inimigo, vierão negociantes do Rio, e que chegárão a Santa Clara em bestas alugadas ao tenente-coronel Velloso em Philadelphia.

Em S. José de Porto-Alegre, no momento em que me injuriava atrozmente na participação que fez ao conselheiro Manoel Felizardo, era meu hospede, apezar de que na villa ha tascas onde se prepara comida por dinheiro.



Inculcando-se meu amigo diante dos meus caixeiros, metteu-se no vapor *Peruipe*, e foi para Santa Clara, sem perguntar quanto custava uma viagem extraordinaria.

E, se queria fazer economias, não faltavão canôas particulares que por 10$ o baldearião para Santa Clara.

E' certo que o doutor chegou ao Mucury escarmentado contra a navegação das canôas.

Poucos dias antes, afim de habilitar se para instituir parallelo entre a navegação do Mucury e Jequitinhonha, o doutor metteu-se em uma canôa em Belmonte, e tres dias lutou em vão contra a corrente, forcejando para chegar á primeira cachoeira, mas a enchente era grande; e o commissario retrocedeu desapontado.

Por isso no Mucury não quiz saber de canôas, lançou-se ás costas da pobre companhia, apoderou se dos vapores, da despensa da companhia em diversos pontos, de animaes para o conduzirem e as suas malas, de escravos para o servir. Era um novo meio de fazer a guerra ao inimigo.

Em Philadelphia meu irmão Augusto Ottoni, a meu pedido, hospedou o doutor em sua casa particular.

Ahi o doutor recebeu innumeros obsequios de meu irmão e de minha cunhada, e foi tratado com todas as attenções.

Mas cuidou que ficava dispensado de todo o agradecimento e livre para á sua vontade injuriar a Augusto Ottoni, dizendo falsamente que esteve na casa da directoria.

E que o fosse, bem paga o doutor á directoria as recommendações e agasalho que solicitou e mandou solicitar por outrem e os obsequios que recebeu.

Vou agora acompanhar o meu hospede, Dr. Roberto Lallemant, passo a passo de S. José até Philadelphia, na ida e na volta.

E os leitores terão de reconhecer que ao Dr. Lallemant merece a verdade tantos cultos como as santas leis da hospitalidade.

Vou recebe-lo em S. José de Porto-Alegre.

Começa o doutor declarando que achou alli 30 colonos abandonados.

S. José de Porto-Alegre nunca foi ponto colonial. Alli a companhia tem simplesmente um caixeiro, que recebe as cargas do Rio de Janeiro e as expede para Santa Clara. Os colonos que estavão em S. José erão colonos que havião abandonado a colonia, e não colonos abandonados. Erão colonos fugitivos, que, fugindo, prejudicavão a companhia na somma que lhe devião. Em outras colonias manda-se no encalço do colono que foge; no Mucury declara-se simplesmente aos caixeiros da companhia que não devem dar soccorro aos colonos que fogem. Creio que nesta ordem, que tanto excitou a susceptibilidade do Dr. Lallemant, nada ha que não seja confessavel.

O doutor pinta os colonos francezes que estavão em S José como victimas de uma terrivel epidemia e ceifados a cada momento pela morte. Eu mesmo acreditei nas suas exagerações, porque não tinha ainda motivos para duvidar de sua boa fé. Posteriormente, e depois de ter escripto a minha memoria de abril, procedi a um inquerito regular em Porto-Alegre, para verificar quantos colonos havião ahi succumbido á tal epidemia. E posso asseverar que forão sómente o francez Napoleão e sua mulher, e uma filha de outro colono francez. Desafio o Dr. Lallemant para que cite o nome de outro colono que morresse em S. José no trimestre da sua passagem por aquelle ponto. Apenas a epidemia manifestou-se o meu caixeiro, apezar das ordens que tinha de não dar soccorro aos colonos fugitivos, comprehendendo bem que tal ordem referia-se a tempos normaes e não ao caso de uma epidemia, deu passagem gratuita para o Rio de Janeiro a todos os fugitivos, sendo verdade que o doutor foi quem pediu ao caixeiro que désse a passagem.

Note-se que estes colonos, tendo sido enganados na Europa pela casa Beaucourt e Comp., que não são agentes da companhia do Mucury, e sendo mandados pelo governo para o Mucury, não tendo lá encontrado as fabulosas vantagens que se lhes tinha promettido na Europa, e sendo em geral improprios para a agricultura, por isso abandonavão o Mucury. Querer julgar a companhia do Mucury pelos factos dos taes colonos que o doutor achou em S. José de Porto-Alegre é o maior dos absurdos.

Agente do governo brasileiro, confessa que logo de S. José de Porto-Alegre denunciou ao consul Taunay os soffrimentos dos francezes.

Se o doutor não tinha confiança na rectidão e justiça do governo imperial não devia ser seu agente secreto e assalariado.

E, pois que viajava pago pelo governo imperial, devia confidencialmente fazer suas communicações ao mesmo governo, e nunca appellar para a intervenção consular e diplomatica franceza, que podia trazer embaraços e desgostos a seus amos.

Esta denuncia ao consul francez e a outros prova sómente que o doutor queria preparar um grande escandalo, afim de dar-se em espectaculo no Rio de Janeiro e ser recommendado para a Europa como o salvador, elle que foi, como hei de mostrar, o algoz dos colonos do Mucury.

E, se alguem duvidar desta asserção, eu peço que leia a pag. 71 do libello,

Ahi o doutor faz alarde do escandalo que causou com o desembarque dos colonos do Mucury; diz que o facto fez sensação e que estiverão presentes os consules de França, da Hollanda e da Belgica. Descreve a scena como quem tinha convidado os espectadores.

Blasphema contra os agentes da colonisação; mas ahi é o doutor orgão do que ha annos tenho escripto e consta dos meus relatorios.



E' sabido que tenho feito guerra franca aos traficantes de carne humana, que desmascarei com documentos perante o governo imperial os agentes da Associação Central de Colonisação na Europa, que declarei alto e bom som em officios ao governo imperial que os colonos da associação, máos como erão, podião levantar a voz e clamar que tinhão sido trahidos. Quando o Dr. Lallemant mandava seu libello para a Europa escrevia èu no Rio de Janeiro o seguinte:

« Recebi tambem, por proposta minha, no mez de julho, para os estabelecer em Philadelphia, mais 159.

« Bem que persistisse na convicção de que só podem ser bons colonos os que emigrão voluntariamente, e que ao menos contribuem com alguma quantia para as despezas de sua viagem, seduziu-me a idéa de eximir a companhia dos adiantamentos para passagem, viveres e ferramenta, porque, segundo o contrato, tudo se lhes fornece por conta do governo, ficando nos a vantagem de povoar se a estrada e a de vender terras sem nada arriscar. Taes forão as condições liberaes com que estes colonos me forão cedidos com beneplacito do governo imperial, e na evidente intenção de proteger e auxiliar a companhia do Mucury.

« Cedo, porém, comecei a sentir quanto aquelle beneficio se tornava oneroso, em razão do modo da alliciação e da qualidade da gente.

« Tinhão sido muitos recrutados nas tavernas e praças publicas de diversas cidades da Europa, havião entre elles meretrizes com patente, ex marinheiros e ex-soldados; mas infelizmente taes quaes erão tinhão direito de levantar a voz e declarar que havião sido atraiçoados e enganados. Havião, é certo, assignado contratos no Rio de Janeiro pelos quaes se sujeitavão á condição dos mais colonos da companhia do Mucury; mas, alheios pela mór parte á vida do campo, assustárão-se diante do mato virgem, e, comparando o pouco que a companhia dá com o muito que se lhes havia promettido na Europa, a decepção produziu a principio recriminações e depois o desanimo e o desespero.

« Fui prompto em fazer chegar ao conhecimento do governo imperial as reclamações, parecendo-me que algumas concessões poderião accommodal-os e resolve-los a aceitar a posição a que tinhão sido arrastados. E, embora previsse a animosidade que ia desafiar contra mim, não hesitei em levantar o véo que encobria os engajamentos Beaucourt.

« Ahi vão as minhas primeiras communicações a respeito:

« Illm. e Exm. Sr. — Participo a V. Ex. que, tendo chegado ao « Mucury os colonos que por accordo com a Associação Central de Co- « lonisação me obriguei a estabelecer naquella colonia, recusárão elles « aceitar os lotes de terras em mato virgem, que se lhes designou, ape- « zar de distarem apenas meia legua de Philadelphia, e dar-se-lhes pro- « visoriamente na povoação casas cobertas de telhas e assoalhadas para

« residirem. Diz-me o agente da companhia em Philadelphia que os co-
« lonos trazem promessas impossiveis de satisfazer-se, e pelo modo por
« que o affirma devo crer que essas promessas vêm por escripto. Garan-
« tiu se-lhes terras cultivadas, escreve o Sr. Augusto Ottoni, e todas as
« commodidades da vida! Bem sei que os colonos aqui assignárão con-
« tratos em que não ha uma palavra a respeito, mas cumpre confessar
« que o colono europeu acha-se horrorosamente embaraçado para der-
« ribar mato virgem. Eu costumo fazer emprestimos temporarios aos
« meus colonos, para elles alugarem derribadores brasileiros, e reembolso
« a divida na occasião da colheita; o mesmo tencionava fazer com os co-
« lonos que recebi, mas é publico que a caixa da companhia não está
« habilitada para prestar estes soccorros actualmente. Recorro, pois, a
« V. Ex., pedindo um credito de 3:000$ a 4:000$ para emprestar aos
« colonos que recebi da Associação Central, fiscalisando que seja empre-
« gado na abertura de roças. Este emprestimo os colonos podem pagar
« na primeira colheita. São 26 familias que teem de receber um empres-
« timo de 120$ a 150$ cada uma.

« Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Rio, 24 de setembro de 1858.
« — Illm. e Exm. Sr. senador barão de Muritiba, mui digno presidente
« da Associação Central de Colonisação. — *Theophilo Benedicto Ottoni*,
« director da companhia do Mucury. »

« Illm. e Exm. Sr. — Em cumprimento da ordem de V. Ex., con-
« stante do aviso de 29 de setembro, mandei exigir dos colonos que re-
« cebi da Associação Central de Colonisação que exhibissem os contra-
« tos que allegavão ter celebrado na Europa, e em que fundavão
« as exigencias que mencionei no meu officio de 24 do mesmo mez ao
« Exm. Sr. barão de Muritiba. Ao mesmo tempo lhes mandei declarar
« que o governo imperial não tinha autorisado nem garantia outras es-
« tipulações senão as do contrato celebrado no Rio de Janeiro por in-
« termedio da Associação Central, por virtude do qual havião os ditos
« colonos embarcado para o Mucury.

« A maioria dos colonos aceitou sem relutancia estas declarações,
« mas uma minoria turbulenta fez as reclamações mais inconvenien-
« tes e alguns tiverão a insolencia de rasgar perante o agente da com-
« panhia o que chamavão os contratos da Europa. Outros entregárão
« os impressos e traducções que accompanhão este officio.

« Um dos impressos é o contrato Beaucourt, outro o regulamento
« da Associação Central, e finalmente a traducção de annuncios publica-
« dos na Europa em nome de Beaucourt.

« Os contratos, pela generalidade em que são concebidos, a nada
« obrigão de extraordinario; mas, fazendo referencia ao regulamento da
« Associação Central, que o colono ahi declarava conhecer, e que ef-



« fectivamente não conhecia senão pelos falsos e pomposos annuncios dos
« jornaes, esses contratos enganavão aos colonos, fazendo nascer, em
« boa fé, esperanças que os agentes da Associação Central devião sa-
« ber que erão irrealizaveis.

« O agente de Philadelphia consultou se devia reter na colonia, recor-
« rendo para esse fim ás autoridades, os colonos que, a pretexto de não
« cumprimento dos taes suppostos contratos, querião retirar-se. Eu vou
« declarar que nenhum direito ha de obrigar a ficar na colonia um colo-
« no que não fez contrato de serviços: assim o tenho entendido acerca
« dos colonos da companhia, os quaes quando fogem considero simples-
« mente como devedores em fuga, que não dão direito ao credor senão
« para o embargo dos seus bens.

« Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Rio de Janeiro, 3 de dezembro
« de 1858. — Illm e Exm. Sr. senador marquez de Olinda, mui digno mi-
« nistro e secretario de estado dos negocios do imperio. — *Theophilo*
« *Benedicto Ottoni*, director da companhia Mucury. »

O doutor chegou a Santa Clara, e a primeira cousa que diz é uma inexactidão intencional; assevera que mandei do Rio um caixeiro arvorado em medico depois que as doenças recrudescêrão alli.

Santa Clara não era a principio ponto colonial, e nos primeiros annos ahi sómente estiverão trabalhadores da estrada, escravos pela mór parte.

Nos primeiros dous annos residiu em Santa Clara, como medico dos trabalhadores, o Dr. Manoel Esteves Ottoni.

Em seguida só ficárão o agente da companhia, o caixeiro do armazem e alguns escravos.

E, como com o descortinamento das matas o logar se tornasse mais salubre, adiou-se a remessa de novo medico.

No momento, porém, em que me vi obrigado a collocar colonos alli cuidei de contratar medico, e interinamente encarreguei o Dr. Ernesto Ottoni de vir tratar os doentes, que nos primeiros mezes outros não erão senão os atacados de feridas nos pés, molestia commum nas terras novas e derrubadas.

Havia em Santa Clara uma botica bem supprida, e tanto que á pag. 45 escapou ao doutor a confissão de lá ter achado as cousas necessarias.

A botica é que estava a cargo do enfermeiro Augusto de Castro.

Augusto de Castro não era caixeiro, como diz falsamente o Dr. Lallemant. Fôra empregado como boticario e enfermeiro, mediante a respeitavel recommendação do desembargador Monteiro de Barros, pessoa muito conhecida no paiz, em cuja fazenda Castro prestára bons serviços em identica posição.

Mas, como é que o Dr. Lallemant diz á pag. 14 que não havia medico

em Santa Clara, se á pag 17 confessa que lá encontrou o Dr. Ernesto Ottoni, medico conhecido principalmente na cidade de S. Paulo, onde praticou a medicina por espaço de nove annos?!

Aqui começa a grosseria com que o doutor caprichou em tratar todas as pessoas de minha familia, cujo nome lhe sahiu da penna.

Faz ao Dr. Ernesto Ottoni a injuria de o eliminar da clinica de Santa Clara, para tomar por collega o enfermeiro. Talvez tivesse razão.

Diz o doutor na mesma pagina ter declarado em Santa Clara que ao menos os colonos francezes tinhão necessidade de tratamento no Rio de Janeiro.

Quando um trabalhador ou colono adoece em Santa Clara, se a molestia se torna mais grave e o doente concorda, é enviado gratuitamente para o hospital da Misericordia no Rio de Janeiro, exonerado de qualquer divida ou contrato para com a companhia. Isto é regra ha annos

E, tendo os colonos francezes, instigados pelo doutor, manifestado esse desejo, o novo agente praticou com elles o que já havia praticado com muitos.

Mas o Dr. Lallemant, que, á custa da companhia do Mucury, quer arranjar mais uma condecoração franceza, blasona que depois de longas discussões lhes arranjou passagem gratis para o Rio.

Tomemos nota. A grande maioria dos colonos de Santa Clara erão allemães, e, não reclamar o doutor senão pela passagem dos francezes parece-me provar que naquella época os allemães não erão alli muito desgraçados.

Effectivamente o typho não tinha apparecido ainda, e só havião algumas feridas.

E o bem estar dos allemães não era só pelo lado da saude. A' pag. 17 escapão ao doutor estas palavras: « *Achei um ou outro colono que ainda tinha coragem, mas pela mór parte era gente que não tinha doença nos seus ranchos nem morte na familia.* » Tome-se nota da confissão. Quando o doutor chegou a Santa Clara havião *ranchos* onde a doença não tinha penetrado, *familias* que nenhuma morte tinhão a deplorar, e *coragem* mesmo em uma parte dos colonos que tinhão *doença nos ranchos e casos de morte nas familias.*

Nestas palavras achará o leitor imparcial o verdadeiro quadro da colonia de Santa Clara no momento da fatal chegada do Dr. Lallemant.

E note-se ainda que as palavras do doutor achão se por demais confirmadas pelo que já depois da epidemia disse Lachmund no trecho que citei, isto é, que os colonos *antigos, e mesmo alguns dos chegados ha quatro mezes, tinhão conquistado posição, estavão satisfeitos e não querião sahir da colonia.*



E bem se vê que, se este era o estado depois dos estragos da epidemia e dos maiores ainda da propaganda Lallemant, como não devêra ser esperançoso o estado destes colonos antes da epidemia e do Dr. Lallemant?

Além de um nucleo de colonos mais antigos, entrárão no fim de 1858 para Santa Clara 100 colonos francezes, vulgo colonos Beaucourt, e 176 allemães vindos no *Christiansund.*

*Colonos francezes.*— Levei pessoalmente para Santa Clara estes colonos por conta e ordem do governo imperial. Tinha o maior interesse em conserva-los, porque, sem arriscar um vintem de capital, tirava o lucro de vender-lhes terras, dar valor á grande extensão dellas que a companhia alli possue, e garantir o transito nas estradas privilegiadas da companhia, que atravessão um immenso sertão.

Mas não houve meio de rete-los. No meu officio de 29 de dezembro de 1858, dirigido ao Sr. senador barão de Muritiba no momento de chegar com os colonos a Santa Clara, officio que publiquei na minha memoria de 6 de abril deste anno, eu protestei contra a remessa de taes colonos, e declarei que o Brasil muito ganharia se lhes pagasse novamente a passagem e os recambiasse para o seu paiz, donde aliás tinhão vindo enganados.

Quando o Dr. Lallemant chegou a Santa Clara, um mez depois da installação delles, lá não existia nem a terça parte. Uns tinhão-se retirado para S. José de Porto-Alegre, e o doutor lá os achára desgraçadissimos; outros havião fugido para Minas, para a Leopoldina e para S. Matheus.

*Colonos allemães do Christiansund.* – Sobre estes eu escrevi á pag. 29 da memoria citada o seguinte:

« Sahindo totalmente das minhas instrucções, o Sr. Dr. Schmidt fez-me a remessa dos 176 colonos do *Christiansund*, adiantando-lhes mais do quadruplo do que eu havia promettido, e enviou o navio para o porto da Victoria. Sujeitei-me ao adiantamento forçado das sommas que já estavão em poder do agente, e mesmo por honrar-lhe a firma paguei ainda uma quantia pequena que sacou, recusando faze-lo pelo mais extenso. De tudo dei circumstanciada conta ao governo imperial em meu officio de 6 de agosto do anno passado.

« Motivos de força maior me obrigárão a mandar collocar nas vizinhanças de Santa Clara os 176 colonos do *Christiansund.* Quando este navio chegava á Victoria recebião-se de Philadelphia noticias assustadoras acerca da escassez e carestia dos viveres. Esgotados os recursos da ultima colheita, a farinha vendia-se a 24$ o alqueire e o toucinho a 20$ a arroba. Era de temer que, para conservar os colonos que já estavão em Philadelphia e na colonia militar do Urucú, fosse mister empregar

exclusivamente todos os meios de transporte da companhia em conduzir mantimentos de Santa Clara para o interior.

« Retidos, pois, forçosamente nesse ponto tambem os colonos do *Christiansund*, cumpria o mais cedo possivel afasta-los da margem do rio, que é sujeita á epidemia das intermittentes, convertidas em pernicio sas e typhos sempre que prolonga o veranico de janeiro.

« A maxima parte destes colonos relutou em receber os lotes de terras que se lhes assignárão. Insistirão em ir para Philadelphia, onde era impossivel alimenta-los. Ao menos forão as unicas objecções de que me deu noticia o agente de Santa Clara Era o agente em Santa Clara o allemão Sr. Otto Woigt, que veiu da Europa com os melhores abonos, a quem ainda o anno atrazado uma sociedade de Hamburgo, por intermedio da casa dos Srs. Voers e Comp. nesta côrte, quiz fazer gerente e administrador de uma grande serraria no Mucury, para que destinavão um fundo de 40:000$, sendo que a empreza não foi avante pela recusa do Sr. Woigt. Mas ao chegar a Santa Clara em fins de dezembro reconheci logo ao saltar do vapor *Peruipe* que a agencia de Santa Clara estava na maior anarchia e que a demissão do Sr. Otto Woigt era uma necessidade indeclinavel. No mesmo momento tomei conta do armazem, e alguns dias funccionei como agente, administrador e caixeiro.

« Os colonos do *Christiansund* a tres mezes recebião mantimentos e se oppunhão em geral ao recebimento dos lotes de terras, declarando-se atraiçoados pelos agentes na Europa. E o director da companhia ignorava estas reclamações!

« Estudada a questão, verifiquei depois que estes colonos havião sido previamente engajados em nome da Associação Central de Colonisação, na esperança em que estava o agente, o Dr. Schmidt, de receber encommendas da associação; mas, não tendo-lhe chegado estas encommendas, o Dr. Schmidt substituira os contratos primitivos por outros com a companhia do Mucury; e, como no primeiro momento só produzissem os contratos do Mucury, entendi que a objecção delles era sómente por quererem antes ir para Philadelphia, onde eu não tinha com que alimenta-los.

« Entre os colonos do *Christiansund* muitos me parecêrão soffriveis, e tenho a convicção de que, se uma grave enfermidade não me tivesse detido em outubro no Rio de Janeiro, eu me teria entendido facilmente com elles, te-los-hia contentado de um ou de outro modo, e os teria definitivamente installado no Mucury. »

Das irregularidades que havião em Santa Clara, que com franqueza confessei na citada memoria, falla o Dr. Lallemant á pag. 46 do seu pamphleto; diz que desde setembro os colonos só tinhão recebido os viveres, na fórma do contrato, em janeiro, quando eu havia chegado do Rio.



Na diatribe que o Dr. Lallemant inspirou ao commissario Lachmund falla-se com a maior exageração e mesmo com injustiça acerca do ex-agente Diz o relatorio Lachmund:

« Durante este primeiro periodo os colonos achárão-se em completo abandono por parte da administração da companhia, confiada a um agente (era o allemão Otto Woight), ora demittido pelo director, e que passa por um homem dos mais baixos sentimentos e do mais vil caracter, contra o qual ha uma indignação geral entre os colonos, pelo cruel tratamento que lhes deu (este era seu compatriota.)

Havia sem duvida irregularidades em Santa Clara ; mas a energia com que eu as cortei no momento do meu desembarque, e que o doutor confessa quando diz que só se recebêrão os viveres, na fórma do contrato! por occasião da minha chegada do Rio de Janeiro, devia dar-me, como de facto deu, grande força moral entre os colonos, e devia anima-los como de facto animou, a lançarem-se ao trabalho com vigor, cujos vestigios subsistem na estrada do Macaco e em S. Matheus.

Todos terião ficado no Mucury, apezar do typho, se o doutor deslealmente os não seduzisse com fallazes promessas, convidando-os para o Rio Grande do Sul, como o verificou o inquerito do Dr Machado Nunes, e como prova um documento que tenho em meu poder da letra e firma do fallecido Lachmund, e como o refere detalhadamente a seu pai, o conselheiro Horn de Potsdam, seu filho, o engenheiro prussiano Mauricio Horn, que, por me fazer favor, substituiu-me em Santa Clara provisoriamente, em carta que estou autorisado a publicar e que vai annexa a esta memoria.

Ora, tendo-se a mór parte dos colonos retirado dos focos de infecção onde estavão agglomerados, e installando se nos seus ranchos e terras, é mais do que provavel que a epidemia da Bella-Vista não viesse.

Mas, como se prova pelo relatorio do commissario Dr. Machado Nunes e proclamação do commissario Lachmund, o Dr. Lallemant com a sua propaganda do Rio-Grande fez com que os colonos abandonassem os seus lotes de terras, e novamente se accumulassem nos focos de infecção, que a instancias minhas tinhão abandonado. Esta foi evidentemente a principal causa dos typhos.

Logo, razão de sobejo teve o commissario tenente Mamoré quando affirmou que a peior epidemia que havia assolado estas colonias fôra o Dr. Lallemant.

De quanto animo tinhão cobrado os colonos com a minha estada em Santa Clara e da força moral que sobre elles eu havia ganho dá o doutor valioso documento em uma representação assignada por 33 desses colonos estabelecidos no Macaco, e que o doutor teve a simplicidade de inserir no seu libello de fl. 47 a fl. 50.

Nessa representação mostrão os colonos depositar em mim a maior confiança, tratão-me com deferencia e com amizade, e, animados acerca do seu futuro, affixão a convicção em que estavão de que eu satisfaria as suas exigencias, aliás todas insignificantes.

O doutor bem viu que imprimiu um documento contraproducente, e que por si só destroe muitas das suas calumnias; mas pensou que annullava os bons argumentos que eu havia de tirar da representação dos 33 chefes de familia com a risivel coarctada de que os colonos me fallavão em tão bons termos porque tinhão medo de mim.

Medo de mim! Se eu fosse temido seria odiado, e não poderia viajar só, absolutamente só, como as mais das vezes viajo no Mucury.

Medo de mim! que me acho em segurança no meio dos selvagens, cuja proverbial ferocidade transformei na mais inoffensiva mansuetude.

Se os colonos tivessem medo de mim eu não me acharia em segurança no meio delles quando, allucinados pela desgraça, erão instigados pelas vociferações perversas que o doutor confessa ter soltado contra mim na casa da Bella-Vista.

Não, não é no medo que está o segredo da minha força e da minha segurança.

O segredo da minha força e da minha segurança está na benevolencia e na justiça que os habitantes do Mucury sem excepção teem certeza de encontrar quando appellão para mim.

Essa é a explicação da linguagem obsequiosa dos colonos do Macaco. Bem sabia o doutor que aquelles colonos se entenderião facilmente comigo, e ficarião satisfeitos, e por isso, com o seu desembaraço habitual, subtrahiu um documento que me era dirigido e o estampou no seu libello, onde o fui ler pela primeira vez.

Muito havia a dizer ainda acerca de Santa Clara; mas, como tenho de acompanha-lo até ahi na viagem, segui-lo-hei para Philadelphia.

Sem fallar nos colonos do governo estabelecidos no Urucú, de que me occuparei afinal, o doutor só menciona dos colonos da companhia estabelecidos em diversos pontos da estrada os suissos da Boa-Vista.

E' á pag. 21 que o doutor falla destes colonos, que, em consequencia da revolta que houve nas fazendas do senador Vergueiro, uns sahirão pagando o governo as suas dividas e outros forão expulsos pelo senador.

Por deferencia para com o meu respeitavel amigo consul geral da Suissa, Henrique David, recebi estes colonos no Mucury.

Queixárão-se, diz o doutor, de faltas de mantimentos em certo mez; declarárão que passárão melhor em S. Paulo; mas que, apezar disso, preferião o Mucury, porque erão proprietarios e tinhão esperança no futuro.

Chegou o nosso homem á minha Philadelphia, e com o seu inqualificavel desembaraço affirma á pag. 30 que lá esteve sempre guardado á vista por mim, e que assim espionado nada pôde examinar.



Se assim tivesse acontecido era culpado o doutor, que, chegando sósinho, em vez de dirigir-se a uma taverna, onde podia ficar só, veiu procurar-me fóra da entrada da povoação e pedir-me hospedagem.

E tem a sem ceremonia de confessar que o fez com a consciencia de que não era um hospede agradavel.

Semelhante proceder talvez seja do bom tom nas ruelas de Lubec. No Brasil não pratica assim qualquer tapuio.

Pedimos e aceitamos a hospitalidade quando sabemos que no-la dão cordialmente.

Foi espiado, e por isso nada pôde examinar. Para ser crido o doutor devia parar aqui.

Mas, por uma das mais usuaes contradições, o homem que nada sabe de Philadelphia conta a vida de todos os colonos.

Vemer, Riis, Zimerer, o suisso doente, o alfaiate allemão, Pfeipher, os colonos de Santa Maria, Huber, os colonos de S. Jacintho, Hoppe, Gerlach, os escriptores anonymos, e, finalmente, a filha bonita da viuva Koch, estes e outros ainda teem menção especial no libello do homem que nada sabe, porque foi espionado.

E' preciso estar allucinado por más paixões para invectivar em uma pagina dizendo que o privárão da necessaria liberdade para fallar aos colonos, e logo em seguida ir especificando uma serie de queixas que ouviu e blasonar dos actos de má creação que praticou com os seus hospedes.

No emtanto á pag. 32 confessa que ha colonos que estão satisfeitos com a sua sorte, e entre elles cita Zimerer, que necessariamente lhe havia de ficar na memoria.

Começou o doutor em casa de Zimerer a prédica favorita do seu cathecismo de emigração, disse que esta era um peccado contra a patria, e que por isso havia de ter infallivel expiação. Zimerer respondeu que nesse caso só erão castigados no Mucury os bebados e os vadios, porque erão os unicos infelizes. O doutor sahiu amuado, omitte o dialogo, mas reconhece que Zimerer *pôde conquistar uma boa posição porque tem filhos adultos que o ajudem*. Ora, graças a Deus, já temos a importante confissão de que no Mucury *podem conquistar boa posição os colonos que teem filhos adultos*. Tome-se nota disto na Allemanha.

A' pag. 33 confessa que *os colonos de S. Jacintho estão bem arranjados, mas que melhor estão os parentes do director*. A injuria da insinuação ha de ser convenientemente repellida: aqui registro sómente o reconhecimento de que ha colonos bem arranjados e de que tambem o estão os meus parentes.

A' pag. 34 diz: « *Quando vejo um colono feliz como Huber, que tem uma boa fazenda, eu o lamento; recebeu dinheiro da companhia sem pensar no* timeo Danaos et dona ferentes. »

Preso por ter cão, preso por não ter cão. Em Santa Clara a companhia é accusada por que não auxilia convenientemente os colonos; em S. Jacintho, porque deu ou emprestou dinheiro a um colono que está feliz e tem uma bonita fazenda: mas é digno de compaixão, porque o dinheiro da companhia é como os dons que os gregos simulavão offerecer aos troianos no celebre cavallo que foi causa da ruina de Troia. Felizmente eu posso neste ponto socegar os sustos do doutor. O cavallo de S. Jacintho, ou por outra, a fazenda de Huber, não é artificio dos gregos, e sim industria dos troianos. Este colono, além do preço das terras, só deve á companhia 348$281 de adiantamento em viveres, tendo elle pago na Europa sua passagem e de sua familia. E só o engenho de pilões custou-lhe 1:500$, que não é *dinheiro grego*, e de que o colono talvez deva alguma cousa aos troianos, visto que escassos forão os recursos com que aqui chegou. E, se em taes circumstancias pôde conquistar a posição vantajosa que fez o doutor desarrosoar, é porque a terra aqui recompensa a quem trabalha.

Vizinho de Huber existe o colono Roedel, que na minha visita este mez a S. Jacintho verifiquei ser o que alli tinha melhor casa, mais milho, feijão no paiol e mais porcos na seva (22). Como premio de boa conducta do colono, dei lhe um moinho americano que custou no Rio de Janeiro 230$. Se o doutor cá estivesse repetia de certo o seu latim, mas o colono zombava delle, e recebia o presente com a mesma gratidão.

A' pag. 76 diz que *fiz uma imprudencia mostrando-lhe cartas dos colonos de Santa Maria*. E' verdade, mas eu ainda pensava na occasião que tratava com um cavalheiro; ainda explicava os seus assomos como a explosão amarga mas respeitavel de sentimentos philautropicos; ainda pensava que o Dr. Lallemant queria conhecer a verdade. Por isso, tendo recebido diversas cartas que os colonos de Santa Maria a meu pedido havião escripto para suas familias na Europa, apresentei-as ao doutor, dizendo que aquellas cartas por si erão documentos officiosos, mas que podião valer muito se o doutor na sua passagem para Santa Clara visitasse aquella colonia, verificasse e attestasse se as cartas exprimião a verdade.

Prometteu-me ir a Santa Maria. o meu escravo que o acompanhava de ordem minha mostrou-lhe o caminho e a casa do primeiro colono a 300 braças de distancia; mas o doutor lá não foi, contentou-se com tomar nota dos nomes dos colonos, para inutilisar na Europa as suas recommendações, mettendo a ridiculo a grammatica de Pfeipher.

Para neutralisar os máos effeitos das noticias de Santa Clara, eu



tinha pedido aos colonos de Philadelphia que escrevessem para suas familias na Europa, explicando lhes o que era o Mucury. Além das cartas dos colonos de Santa Maria, que o doutor zomba da minha simplicidade por lhe ter mostrado, vierão muitas outras, sendo me entregues mesmo durante a estada do doutor em Philadelphia. Uma tinha um post-scriptum curioso. Era do suisso Mathias Boeler. No corpo da carta, em data anterior, Boeler gabava o paiz, o bem-estar de que gozava e a lealdade da administração da companhia. Em post-scriptum com data posterior, á vista das noticias que trouxe o doutor, accrescentou o seguinte: « *Depois de escripta esta carta começou a circular aqui o boato de que a companhia quebra; mas isso não muda o que disse: venhão sem susto, porque, se a companhia quebrar, os colonos ficão debaixo da protecção do Imperador.* » Esta carta, que lá foi para a Suissa no paquete de abril deste anno, é muito significativa.

O doutor chegou a Philadelphia inculcando-se iniciado em todos os segredos de estado do Brasil. Annunciava confidencias intimas que lhe tinha feito um certo senador pela Bahia, em vista das quaes era impossivel que passasse no senado o emprestimo de 1,200.000$ que pendia da resolução daquella camara. Em consequencia, disse que a companhia quebrava, que os brasileiros retirar se-hião para Minas, e que os allemães terião de ficar no meio dos botocudos.

O doutor sahiu da Bahia convencido de que vinha tornar se no Mucury um benemerito da patria allemá, e que assim conquistava uma bem merecida recompensa nacional.

Mettêrão-lhe na cabeça que o Mucury estava votado á proscripção, e que seria acto meritorio, remuneravel como serviço revelante, esmagar a pobre formiguinha que ora rabisca estas linhas.

Eu creio piamente que na Bahia os negocios não descêrão da região platonica desta alta diplomacia.

Mas sou no Mucury dos menos severos no juizo a respeito.

Quando desci de Philadelphia, na intenção de arrancar Santa Clara das garras do Dr. Lallemant, ouvi pelo caminho as observações mais singulares.

Uma senhora notavel pelos dotes de espirito, mulher de um colono que não tem sido feliz, me disse no Palmital, alludindo ás atrozes vociferações do doutor: « *Mon dieu! il est payé.* »

E não ha tal. O doutor na melhor boa fé engoliu os carapetões que lhe impingirão na Bahia, e por isso acreditou que, guerreando a companhia do Mucury, ganhava honradamente o seu subsidio.

No errado ponto de vista em que por deploravel equivoco (*) o dou-

(*) Equivocado estava eu.

DO AUTOR.

tor se tinha collocado, não perdeu talo de alface com que podesse atirar á pobre companhia.

A' pag. 19 refere de ouvir dizer que em poucos mezes morrêrão 300 mulas, e que por isso os negociantes de Minas não vinhão receber suas fazendas em Santa Clara; o doutor viu o espantoso numero das ossadas e não sei mesmo se diz que as contou.

Estas e outras que taes historietas erão os materiaes que o doutor estava amontoando para os debates que á pag. 60 annunciou que *haverião no senado sobre o emprestimo dos* 1.200:000$.

E, suppondo que ainda não erão sufficientes os combustiveis accumulados, procurava intrigar-me com essa respeitavel corporação, dizendo que eu alardeava ter a *votação segura*.

Segura estava ella na verdade! Segura na justiça e sabedoria do senado brasileiro.

E vingado me considero quando me recordo que no senado brasileiro não houve uma voz se quer que mencionasse, como elle suspirava, o Messias allemão que veiu ao Mucury e as prezas que cá fez.

A' pag 30 se leem estas formaes palavras: « *Passei por um mato, vi uma casinha, e me disserão: — Alli está a igreja protestante.* »

A igreja protestante de Philadelphia é um bello edificio que tem 60 palmos de fundo, 30 de frente e 25 de pé direito, com 6 janellas envidraçadas.

Collocada em uma eminencia e sobre o vertice do angulo recto que formão na praça da Allemanha as ruas Direita e do Vaz, domina a povoação.

Saliente como está, é o primeiro objecto que dá nos olhos ao viajante, quer venha de Santa Clara, quer de Minas Novas.

O pavimento é delicadamente assoalhado: tem altar decente, e uma archibancada para 100 pessoas; foi construida de empreitada, ao preço de 5:000$, pelo engenheiro prussiano Julius Burow. O saxonio Herman Schlobach enriqueceu a igreja com um bello orgão construido na Allemanha.

Em uma palavra, a igreja protestante de Philadelphia, em vesperas de receber o seu pastor, é um monumento notavel que irá attestando perante todos os viajantes que visitarem Philadelphia e tiverem lido o libello do doutor a leviandade das suas asseverações.

Pag. 33. — « *Fomos á casa do colono Verner, que tinha perdido quatro filhos,* » diz o doutor. Para ser rigoroso o doutor devia dizer: « Convidei o director para ir á casa do colono Verner, e elle acompanhou-me immediatamente. *Achámos lá em uma barrica um bocado de farinha e de feijão, que talvez foi lá posto de proposito!!* »

O facto é o seguinte, e tenho confiança que o leitor imparcial ha de



achla-lo confirmado pela propria narração do doutor, e que ha de ver nas palavras deste periodo provas salientes da perfidia com que o doutor escreveu.

Eu e o doutor fomos á fazenda do colono Verner, e este queixou-se de fome. O doutor lá tinha estado previamente....

Incommodou-me tal accusação, que eu tinha certeza que era mentirosa.

A casa era de uma unica peça, — dormitorio, cozinha e despensa.

Comecei, pois, a esmerilhar e inventariar o que havia, esperando encontrar provas materiaes da mentira.

E de facto, tendo visto a um canto, coberta com pannos velhos, uma barrica, corri para ella, descobri-a, e todo triumphante chamei o doutor para ver na barrica cerca de 1 1/2 alqueire de farinha, que na occasião valia de 12$ a 15$, e ao lado, em outra vasilha, um pouco de feijão e toucinho. O doutor e o colono ficárão confundidos, e nenhuma palavra disserão. E está claro que, se na occasião occorresse ao doutor a engenhosa coarctada de que a barrica ahi apparecêra por uma pelotica minha, haveria a respeito um dialogo curioso, que seria commentado no libello do doutor. Quem ler desprevenido a pag. 33 do libello do doutor ha de deita-lo á margem enfastiado, porque ahi a falsidade é tão flagrante, quanto imbecil e escandalosa.

A's pags. 34 e 35 occupa se o doutor de expor a seu modo, e sempre adulterando a verdade, a reclamação de um colono alfaiate, que, tendo aforado na povoação um terreno de 5 braças, queria as 5 contiguas, que o doutor affirma estarem devolutas, fundado em que o seu contrato lhe dava direito a ter na povoação um prazo com 10 braças de frente.

Pelo contrato comprometti-me com effeito a dar um prazo com 10 braças de frente ao colono que quizesse ter casa na povoação; mas a ninguem garanti a escolha da localidade.

E os prazos em geral são de 10 braças de frente e 50 de fundo; mas, na rua do Augusto, para onde desde principio começou a ir sómente gente pobre, a pedido dos primeiros foreiros, dei sómente prazos de 5 braças de frente.

Os prazos desta rua começárão, porém, apezar de serem de 5 braças, a ter muita aceitação por estarem perto d'agua, e erão por isso preferidos aos prazos de 10 braças em outras ruas por muitos foreiros.

Deste numero foi o colono Werkler, que tomou o prazo do cruzamento da rua com a de Baptistinha, e outro foi o colono Trost, que aforou o prazo contiguo.

Os dous visinhos brigárão por causa de uma cerca e Verckler asentou que absorvia o prazo do visinho vindo queixar-se ao commissa-

rio com o contrato na mão, que só lhe tinha dado 5 braças, quando tinha direito a 10.

Soffri pacientemente o interrogatorio que o doutor me fez em presença do colono. Expuz lhe o caso, que é claro, mas offereci a Verckler outro prazo de 10 braças, ficando elle com o de 5, ou abandonando o. Verckler, porém, apoiado no doutor, que, só para contrariar me e tirar me a força moral, dava razão ao colono, insistia em querer sómente o prazo do visinho, que estava aforado, e que eu não podia dar.

Do livro dos registros dos terrenos aforados consta que os dous prazos contiguos estão aforados a dous annos, um a Verckler, e outro a Trost, sendo o de Verckler limitrophe tambem com a rua do Baptistinha. Se, pois, eu tinha a resposta obvia para arredar a pretenção, isto é, que não havia ali terreno vago, quem acreditará que, em vez dessa resposta, désse eu a que me empresta o doutor: « Ha terreno vago; *o contrato lhe garante* 10 *braças, mas eu não dou porque não quero.* » Isso não tem senso commum.

Pag 40 — Diz Lallemant que, apparecendo um suisso a pedir passagem para o Rio, eu neguei lhe uma vez que a não pagasse, e que, offerecendo me o suisso milho para pagamento, recusei comprar.

Neste ponto desculpo o doutor por não dizer a verdade inteira; *nemo tenetur seipsum prodere*, e menos a entregar-se á risota do proximo.

Ahi vai a verdadeira versão do caso qual o referi immediatamente ao governo imperial em meu officio de março do anno passado.

Por uma jurisprudencia eminentemente liberal e talvez não aceita em outra alguma colonia do Brasil, eu não me julgo com direito a reter no Mucury o colono que não tem contrato de serviços.

Assim, muitos peraltas devedores de adiantamento de viveres e de passagem da Europa apresentão-se muito frescos no escriptorio, pagão sua passagem para o Rio, e ferrão-me o calote da mais divida.

E aos que estão gravemente doentes e insistem em retirar-se exonero da divida e dou passagem gratuita.

E' o que me pedia o tal suisso doente.

Mas as prediccas do Dr Lallemant, a philaucia com que se ostentava commissario do governo imperial, a solemnidade das audiencias que dava em minha propria casa, assim como o desembaraço com que na presença dos colonos me interrogava, tudo estava agitando convulsivamente a minha pacifica Philadelphia.

Quanto mais vadios e viciosos erão os colonos mais altanados se hião tornando, e os mendigos vinhão pedir esmola como Diogenes — *non peto sed repeto.*

Tal se me apresentou o suisso doente, reclamando passagem gratuita para si e para sua mulher, sem nem ao menos dar uma satisfação pela divida em que estava para com a companhia.



— Este colono, diz-me o doutor em tom de autoridade, deve ir para o Rio de Janeiro.

— Não vai, respondi friamente, sem pagar a sua passagem.

— Declaro, como medico, que este colono deve sahir de Philadelphia.

— Ha medico em Philadelphia, e o colono não sahe senão pagando.

— Dou 100$ para libertar esta familia.

— Bastão 80$, Sr. doutor, que é o preço de duas passagens ida e volta.

— Está bem, eu vou recommenda-lo á sociedade de Beneficencia Suissa!

Tal foi em fé de homem de bem o dialogo entre mim e o doutor. E suisso, vendo que o doutor se arrependêra da esmola dos 100$, offereceu-me uma roça de milho que disse ter, e que eu não quiz comprar.

Pag. 41. — A viuva Koch, diz o Dr. Roberto Lallemant, *é a unica viuva que tem tido protecção, e isto porque tem filha namoradeira.* A esta infamia o doutor pretendeu dar corpo inserindo á pag. 54 uma supposta carta que diz ter recebido, e que pelo seu conteudo se reconhece ser invenção do libellista.

Quando eu lia as insinuações infames a que acabo de referir-me atravessava a praça em frente á minha residencia a viuva Koch e a filha.

Estavão descalças as pobres coitadas e carregavão cestas de batatas, que vinhão vender.

E' uma familia que sabe o que é trabalhar, e á qual o seu compatriota Dr. Lallemant imprimiu desapiedadamente o ferrete da infamia.

*A viuva Koch é a unica protegida, porque tem filha namoradeira!* E no dia em que sahiu de Philadelphia para Santa Clara, a uma legua de viagem, o doutor perguntou de quem era aquella roça a um feitor e alguns pretos da companhia que abrião uma derrubada e fazião uma choupana?

— E' da viuva Schults, lhe respondeu o feitor, e é roça que o director está mandando fazer por obra de caridade.

E no dia em que sahi com o doutor para visitar S. Jacintho mostrei-lhe na rua do Augusto uma casa de telha que doei á viuva Reitcher, cujo marido falleceu ao chegar ao Mucury.

Qualquer das duas (podia mencionar outras) tem recebido da companhia muito mais favores do que a viuva Koch.

O unico favor que fiz á viuva Koch foi o seguinte:

Esta viuva tinha casa em Philadelphia quando lhe morreu o marido mas, querendo mudar-se para a roça em S. Jacintho, me mandou pedir; e ordenei que se lhe fizesse um emprestimo igual ao valor da casa na povoação, para se lhe fazer outra casa na roça. Fizerão a casa na roça por

rio com o contrato na mão, que só lhe tinha dado 5 braças, quando tinha direito a 10.

Soffri pacientemente o interrogatorio que o doutor me fez em presença do colono. Expuz lhe o caso, que é claro, mas offereci a Verckler outro prazo de 10 braças, ficando elle com o de 5, ou abandonando o. Verckler, porém, apoiado no doutor, que, só para contrariar me e tirar me a força moral, dava razão ao colono, insistia em querer sómente o prazo do visinho, que estava aforado, e que eu não podia dar

Do livro dos registros dos terrenos aforados consta que os dous prazos contiguos estão aforados a dous annos, um a Verckler, e outro a Trost, sendo o de Verckler limitrophe tambem com a rua do Baptistinha. Se, pois, eu tinha a resposta obvia para arredar a pretenção, isto é, que não havia ali terreno vago, quem acreditará que, em vez dessa resposta, désse eu a que me empresta o doutor: « Ha terreno vago; *o contrato lhe garante* 10 *braças, mas eu não dou porque não quero.* » Isso não tem senso commum.

Pag 40 — Diz Lallemant que, apparecendo um suisso a pedir passagem para o Rio, eu neguei lhe uma vez que a não pagasse, e que, offerecendo me o suisso milho para pagamento, recusei comprar.

Neste ponto desculpo o doutor por não dizer a verdade inteira; *nemo tenetur seipsum prodere*, e menos a entregar-se á risota do proximo.

Ahi vai a verdadeira versão do caso qual o referi immediatamente ao governo imperial em meu ofício de março do anno passado.

Por uma jurisprudencia eminentemente liberal e talvez não aceita em outra alguma colonia do Brasil, eu não me julgo com direito a reter no Mucury o colono que não tem contrato de serviços.

Assim, muitos peraltas devedores de adiantamento de viveres e de passagem da Europa apresentão-se muito frescos no escriptorio, pagão sua passagem para o Rio, e ferrão-me o calote da mais divida.

E aos que estão gravemente doentes e insistem em retirar-se exonero da divida e dou passagem gratuita.

E' o que me pedia o tal suisso doente.

Mas as prediças do Dr Lallemant, a philaucia com que se ostentava commissario do governo imperial, a solemnidade das audiencias que dava em minha propria casa, assim como o desembaraço com que na presença dos colonos me interrogava, tudo estava agitando convulsivamente a minha pacifica Philadelphia.

Quanto mais vadios e viciosos erão os colonos mais altanados se hião tornando, e os mendigos vinhão pedir esmola como Diogenes — *non peto sed repeto.*

Tal se me apresentou o suisso doente, reclamando passagem gratuita para si e para sua mulher, sem nem ao menos dar uma satisfação pela divida em que estava para com a companhia.



— Este colono, diz-me o doutor em tom de autoridade, deve ir para o Rio de Janeiro.

— Não vai, respondi friamente, sem pagar a sua passagem.

— Declaro, como medico, que este colono deve sahir de Philadelphia.

— Ha medico em Philadelphia, e o colono não sahe senão pagando.

— Dou 100$ para libertar esta familia.

— Bastão 80$, Sr. doutor, que é o preço de duas passagens ida e volta.

— Está bem, eu vou recommenda-lo á sociedade de Beneficencia Suissa!

Tal foi em fé de homem de bem o dialogo entre mim e o doutor. E suisso, vendo que o doutor se arrependêra da esmola dos 100$, offereceu-me uma roça de milho que disse ter, e que eu não quiz comprar.

Pag. 41. — A viuva Koch, diz o Dr. Roberto Lallemant, *é a unica viuva que tem tido protecção, e isto porque tem filha namoradeira.* A esta infamia o doutor pretendeu dar corpo inserindo á pag. 54 uma supposta carta que diz ter recebido, e que pelo seu conteudo se reconhece ser invenção do libellista.

Quando eu lia as insinuações infames a que acabo de referir-me atravessava a praça em frente á minha residencia a viuva Koch e a filha.

Estavão descalças as pobres coitadas e carregavão cestas de batatas, que vinhão vender.

E' uma familia que sabe o que é trabalhar, e á qual o seu compatriota Dr. Lallemant imprimiu desapiedadamente o ferrete da infamia.

*A viuva Koch é a unica protegida, porque tem filha namoradeira!* E no dia em que sahiu de Philadelphia para Santa Clara, a uma legua de viagem, o doutor perguntou de quem era aquella roça a um feitor e alguns pretos da companhia que abrião uma derrubada e fazião uma choupana?

— E' da viuva Schults, lhe respondeu o feitor, e é roça que o director está mandando fazer por obra de caridade.

E no dia em que sahi com o doutor para visitar S. Jacintho mostrei-lhe na rua do Augusto uma casa de telha que doei á viuva Reitcher, cujo marido falleceu ao chegar ao Mucury.

Qualquer das duas (podia mencionar outras) tem recebido da companhia muito mais favores do que a viuva Koch.

O unico favor que fiz á viuva Koch foi o seguinte:

Esta viuva tinha casa em Philadelphia quando lhe morreu o marido mas, querendo mudar-se para a roça em S. Jacintho, me mandou pedir; e ordenei que se lhe fizesse um emprestimo igual ao valor da casa na povoação, para se lhe fazer outra casa na roça. Fizerão a casa na roça por

150$ os colonos Kunert e Lindner; a da povoação foi vendida ao colono Kirstein por 140$, fiado por um anno, ficando a viuva a dever do emprestimo 10$ sómente.

Visitando a viuva Koch, o doutor lá viu a pobre moça, e parece que a viu com olhos de concupiscencia. A mãi disse ao doutor, sem mais explicações, que era eu que lhe tinha mandado fazer aquella casinha, mal pensando que esta confidencia ia sellar perante o mundo a deshonra de sua filha. Eis a origem da infame insinuação que do alto da minha consciencia e da minha dignidade repillo com o mais soberano desprezo.

E o publico allemão e brasileiro avaliará o caracter do chefe de familia que assim baratea a reputação e boa fama de pobres mulheres que não teem pai nem irmãos para pedir lhe satisfação.

A' pag. 19, escarnecendo dos esforços que o Brasil ha certo tempo fez para obter colonisação, o doutor lembrou se dos artiguinhos que em 1854 escreveu acerca da importação de chins, e repete ironicamente que para marcar a nova era *ministro houve que mandou vir chins.*

Falla seguidamente nos chins que eu trouxe para o Mucury, e em uma revolução que diz ter havido durante a sua estada em Philadelphia, asseverando ter ouvido que em consequencia dessa revolução eu mandei espancar os chins. Diz que um delles veiu chumbado, e que eu mesmo suspeitei ter sido o feitor da colonia quem dera o tiro que chumbára o chim.

Na vespera da partida do Dr. Lallemant appareceu em Philadelphia o feitor que trabalhava com os chins, a 14 leguas de distancia, na estrada de Santa Clara.

Declarou que os chins o tinhão assaltado, e que, além de outras offensas physicas, lhe havião disparado um tiro, que se empregára em um chim que o cercava pelo lado opposto ao do assalto do maior numero.

No primeiro momento effectivamente acreditei que o tiro tinha sido dado pelo feitor, bem que em sua defesa.

No dia seguinte, quando eu reunia força para ir sobre os amotinados, chegárão elles com o ferido, e vinhão tambem appellar para mim, queixando-se do feitor principalmente, porque lhes vendia gallinhas muito caras.

Dei parte de todo o occorrido ao subdelegado, José Caetano Charpentier, a cuja disposição ficárão chins e feitor para ás averiguações legaes.

O facto que por confissão dos chins ficou provado ás primeiras perguntas do interrogatorio é que só elles tinhão armas de fogo no serviço, uma espingarda e diversas pistolas. Este facto desvaneceu toda a suspeita que houve a principio contra o feitor.



O subdelegado prendeu diversos indiciados no momento em que chegárão, e os entregou immediatamente á guarda do digno commandante do destacamento de Philadelphia, que os teve presos dous dias no quartel, e de ordem do subdelegado os soltou, por ter sido impossivel descobrir qual delles dera o tiro. O tiro não teve a menor consequencia, e tres dias depois os chins trabalhavão sob a direcção dos mesmos feitores, tendo estes tido a recommendação de que se quizessem negociar em gallinhas devião vende las mais baratas.

No acto da chegada e prisão dos chins o Dr. Lallemant conversava em casa do engenheiro Schlobach, cathequisando-o para trahir os barbaros em nome da patria allemã.

Os trabalhos que a companhia do Mucury tem conseguido realizar com o braço dos chins depoem significativamente em favor do criterio da sua administração.

Contratei os serviços de cerca de 100 chins ha tres para quatro annos. Foi uma excellente acquisição, de que tenho tirado vantagem. O segredo que dá este resultado é simples,—pontualidade no pagamento do salario estipulado e exactidão no fornecimento dos viveres, na fórma do contrato.

A mortalidade dos chins tem sido insignificante no Mucury: só fallecêrão tres. Trinta fazendo economias sobre os salarios que recebem no principio de cada mez teem reembolsado á companhia os adiantamentos feitos, e, libertando se por esse modo do contrato de serviços por cinco annos, hoje trabalhão alugados a melhor jornal na povoação e nas roças dos allemães.

A importação dos trabalhadores chins foi considerada um grande erro do governo, e não foi só o Dr. Lallemant que a censurou.

E, quando a censura parecia passar em julgado, porque os outros contratadores pela maior parte não souberão obter dos chins trabalho util, a companhia do Mucury, cuja administração é tão vilipendiada pelo Dr. Lallemant, póde apontar com orgulho para os resultados que alcançou.

*Os meus parentes.*— A guerra que me declarou o Dr. Lallemant é de exterminio, e involve toda a minha familia.

A' pag. 26 diz o doutor: « *Cheguei ao Tamonhech, propriedade do Dr. Manoel Esteves Ottoni; bonitas casas, tudo aqui respira riqueza, conforto e abundancia; mas como não ha de ser assim se o Dr. Esteves é proximo parente do director da companhia?* »

Pag. 27.: — « *Depois de uma pequena cavalgata, chegámos a outra linda fazenda, a de Monte-Christo. Tambem fôra difficil comprehender tanta grandeza e magnificencia no meio da angustia dos colonos, não se sa-*

*bendo que o senhor de Monte-Christo é casado com uma irmã do director Ottoni.* »

As insinuações do malvado não podem ser mais transparentes. Enriqueci os proprietarios do Tamonhech e Monte-Christo, porque são meus parentes, com o dinheiro destinado para os colonos, com o dinheiro da companhia.

Antes de chegar ao Tamonhech viu o Dr. Lallemant outras fazendas, que, comparadas com as dos colonos allemães, fazem o mesmo contraste que as do Monte-Christo e Tamonhech.

A do tenente-coronel Antonio José Velloso Soares, legua e meia abaixo do Tamonhech, devia despertar-lhe identica observação. A fortuna e escravatura do tenente-coronel Velloso não ficão somenos ás do seu vizinho do Tamonhech, bem como ha na colonia outros fazendeiros tão importantes como o do Monte Christo.

Mas não são meus parentes, e a enumeração delles não arredondava a calumnia.

O Dr. Manoel Esteves Ottoni, além do que tem ganho pela sua clinica, recebeu de herança materna uma boa somma de contos de réis, e tem sido auxiliado na abertura da fazenda do Tamonhech por seu pai, o coronel Honorio Esteves Ottoni.

Só recebeu da companhia o honorario de medico e agente em Santa Clara por espaço de dous annos, tendo-se despedido do serviço da comapanhia, com grande pezar meu, ha cinco annos, para vir fundar a fazenda do Tamonhech.

Em nome do Dr. Esteves declaro ao Dr. Lallemant que é falso tudo quanto o doutor escreveu de confidencias que se lhe fizessem no Tamonhech acerca do máo trato dos colonos.

Meu cunhado Joaquim José de Araujo Maia, o senhor de Monte-Christo, em 1852 era fazendeiro no municipio de Valença, provincia do Rio de Janeiro, exportou esse anno 2,500 arrobas de café, e não devia um vintem a quem quer quer que fosse.

Estava abrindo outra fazenda no municipio de Itapemirim, na provincia do Espirito-Santo.

Ambos os estabelecimentos vendeu para vir se afazendar no Mucury.

Antes de abrir a sua fazenda, por attenção para comigo, encarregou-se de fazer por administração nos annos de 1853 a 1854 as primeiras sete leguas de estrada, a partir de Santa Clara para aqui.

Trabalhou com meu cunhado um distincto engenheiro brasileiro, Dr. José Carlos de Carvalho, o qual em relatorio que deve existir nos archivos do governo provincial de Minas declarou *serem aquellas sete leguas a estrada mais barata que se havia construido no Brasil.*

Do copiador da companhia consta que em 1851 eu escrevi uma



circular a diversos fazendeiros que desejava attrahir para o Mucury, offerecendo-lhes da parte da companhia uma sesmaria de meia legua de terras se quizessem vir afazendar-se nas vizinhanças da estrada; e alguns se aproveitárão desta offerta, e estão estabelecidos no Mucury, em terras de que a companhia lhes fez doação.

Não havia que reparar que os meus parentes se aproveitassem dessa concessão; mas eu já sabia que havião Lallemants pelo mundo, e os meus parentes se quizerão terras comprárão com o seu dinheiro, e não as obtiverão, como outros, por doação da companhia.

O Dr. Esteves comprou essa invejada fazenda do Tamonhech por 4:400$ ao engenheiro Roberto Schlobach, a quem a companhia dcára a posse que tinha no logar em remuneração dos seus bons serviços.

Meu cunhado Maia, no momento em que a companhia abria em 1852 suas posses em Philadelphia, contratava de empreitada com um fazendeiro de Minas-Novas de nome João Barbosa os primeiros trabalhos da fazenda de Monte-Christo.

Este escripto não será publicado sómente na Allemanha, e os factos que não forem acompanhados das provas ficão ao alcance do exame publico brasileiro e dos accionistas da companhia, que continuão a honrar-me com a sua confiança, e que sabem que não sou um miseravel como esses que batem moeda sobre a difamação e a calumnia.

Os accionistas da companhia e o publico brasileiro sabem que Theophilo Benedicto Ottoni, negociante estabelecido no Rio de Janeiro, presidente da praça do commercio e da principal companhia de Seguros Maritimos e Terrestres alli existente, director do Banco do Brasil, tinha uma bella posição e uma fortuna ganha honradamente, e que sacrificou a posição e comprometteu a fortuna para fazer triumphar uma idéa,—a empreza do Mucury.

Quanto aos leitores d'além do Atlantico, esses pela exageração do libello aquilatarão devidamente as asserções do libellista.

Não forão os fazendeiros do Tamonhech e Monte-Christo os unicos meus parentes comigo atassalhados pelo Dr. Lallemant.

Nem por espirito de classe passou incolume o Dr. Ernesto Benedicto Ottoni, que é medico, e que o Dr. Lallemant encontrou em Santa Clara occupado com o tratamento dos doentes.

Ao contrario, é com o collega que mais virulento mostrou-se o Dr. Lallemant. O teu inimigo é o official do teu officio.

Demora-se em referir que o Dr. Ernesto Ottoni comprou 600 mulas em S. Paulo, diz que vendeu algumas, muito caro, em caminho, tudo na manifesta intenção de fazer crer que tambem a este eu estou enriquecendo, como aos fazendeiros do Tamonhech e Monte-Christo, com o dinheiro da companhia

O Dr. Ernesto Ottoni, tendo de mudar-se de S. Paulo para o Mucury, foi encarregado de trazer bestas para a companhia, que delle recebeu 200 ao preço de 84$, quando ellas se vendião nos mercados vizinhos a 110$ e 120$; são destes os onus provenientes da intervenção dos meus parentes nos negocios da companhia.

Diz que os colonos se lhe queixárão de que o Dr. Ernesto Ottoni levava-lhes muito dinheiro e não se occupava com elles.

Nos primeiros tempos da colonia a assistencia medica era gratuita. Crescendo os colonos em numero, não era possivel ficasse ao colono a liberdade de chamar o medico gratuito pelos pretextos mais futeis. Arbitrei, pois, para quando o medico tivesse de ir á casa delles lançar-se em conta ao doente 1$ por visita, sendo a casa na povoação, aliás o colono tinha de appellar para o agente afim mandar o medico. O Sr. Dr. Ernesto Ottoni recebe da companhia a modesta retribuição de 600$ por anno, e o preço das visitas é haver da companhia. A totalidade desta verba em dous annos monta apenas a 180$, como qualquer póde verificar pelos livros da companhia; de visitas fóra da povoação não ha um vintem em conta de colono. Ora, eis-ahi o muito dinheiro que a medicina do Dr. Ernesto Ottoni tem arrancado aos colonos.

Dos livros da companhia se póde verificar que a regra dos 1$ por visita vigora desde que o Dr. Ernesto Ottoni chegou de S. Paulo em 1857; mas o Dr. Lallemant tem o desembaraço de asseverar que foi por intervenção sua, e depois de varias discussões com o director, que a regra se estabeleceu.

Com um homem tal, em divorcio eterno com a verdade, não ha discussão possivel.

O Dr. Ernesto Ottoni na opinião do Dr. Lallemant não se importa com os colonos e leva muito dinheiro!

O Dr. Ernesto Ottoni felizmente não é um homem desconhecido ao paiz.

Estava em S. Paulo na occasião das epidemias da febre amarella e cholera-morbus, elá deixou valiosos abonos do seu desinteresse e de sua humanidade.

Durante aquellas crises nefastas, em vez de especular com a miseria publica, como outros, offereceu-se ao presidente da provincia para tratar gratuitamente dos doentes.

Sem a menor retribuição, occupou-se sériamente das medidas preventivas da epidemia, sendo disso encarregado pelo governo, que no discurso de abertura da assembléa provincial em 1856 deu publico testemunho de agradecimento ao Dr. Ernesto Ottoni pelos serviços desinteressados e gratuitos que havia prestado.

Consulte o Dr. Lallemant esse importante documento, e aprenderá



com o Dr. Ernesto Ottoni como se deve comportar o medico que tem alma durante essas crises afflictivas.

E não são os serviços gratuitos prestados por occasião da febre amarella e da cholera os unicos vestigios de seus sentimentos humanitarios que o Sr. Dr. Ernesto Ottoni deixou em S. Paulo.

Lá está a irmandade de Nossa Senhora da Consolação e S. João Baptista, fundada pelo Dr. Ernesto Ottoni em 1855, com o fim de erigir um hospital para os lazaros, que existem em grande numero na provincia de S Paulo.

Essa irmandade não custou ao Dr. Ernesto Ottoni sómente as fadigas da intelligencia, o labor das solicitações e o peso dos compromettimentos, que são nestes casos a paga ordinaria dos benemeritos.

A irmandade de Nossa Senhora da Consolação e S. João Baptista custou tambem ao Dr. Ernesto Ottoni sacrificios pecuniarios superiores á sua modica fortuna.

Mas o Dr. Ernesto Ottoni não quiz nem pediu outra recompensa senão a que lhe dava a satisfação de uma consciencia pura.

Contentou-se de ver medrar a idéa caritativa de que se fizera apostolo.

Contentou-se vendo sua filha abrigar-se sob a protecção de Sua Magestade o Imperador, a cujas expensas ainda este anno se festejou o anniversario de tão pia instituição.

Nomeado pela misericordia de S. Paulo medico dos lazaros, tratou-os emquanto alli residiu, não exigindo um vintem pelo seu trabalho.

Compare o Dr. Lallemant a vida de abnegação do Dr. Ernesto Ottoni com a do especulador que, medico de um estabelecimento pio, aproveita uma epidemia para duplicar os seus honorarios; que cobra em fitas dos governos estrangeiros serviços equivocos que havia vendido a peso de ouro ao pio estabelecimento de que era empregado, e que, tendo recebido do governo do Brasil uma condecoração immerecida e considerando-a abaixo da sua fatuidade, reitera as queixas e importunações até melhorar de condecoração.

Mas emfim o Dr. Ernesto Ottoni não cahiu em graça ao Dr. Lallemant tambem porque, segundo diz o libello á pag 17. *viajárão juntos e o Sr. Ernesto é de uma lentidão insipida*. Talvez o Dr. Ernesto Ottoni galopasse menos porque viajava em besta que custou o seu dinheiro, e o Dr. Lallemant podia correr, como correu, porque, embora matasse as bestas, como matou, quem perdia era a companhia, que estava quebrada

Commemorei ha pouco que o engenheiro da companhia, Roberto Schlobach, tendo recebido da companhia em premio dos seus serviços um lote de terras no Tamonhech, as vendêra por 4:400$ ao meu parente Dr. Esteves Ottoni. Só esta venda extraordinaria sobra para explicar a acquisição da casa que Schlobach tem em Philadelphia, e que póde

ter-lhe custado 4:000$. Demais, Schlobach é engenheiro da companhia ha sete annos; homem de costumes sobrios e economicos, póde, sem ser pesado a ninguem e sem excitar o menor reparo dos homens honrados, ostentar a modesta abastança que se nota em sua casa. Mas Schlobach fez-se desentendido ás meias palavras com que o doutor o incitava a atraiçoar a companhia. O doutor não se contentára com as praticas verbaes e tambem escrevêra a Schlobach em nome da patria allemã, para o auxiliar a tirar do Mucury para o Rio-Grande todos os colonos, declarando nessa carta que eu tinha deixado levar as cousas a um ponto em que não havia mais *accommodação possivel*. (Sempre sou muito desageitado.) Como emfim Schlobach se recusou a ser instrumento ou complice do doutor, elle o envolve tambem nas suas insinuações calumniosas. Menciona a casa bonita que tem Schlobach, promette explicar como ella se fez, e depois remette-se ao silencio.

De pag. 50 a pag. 53 o doutor publica a carta de um colono de Philadelphia que se queixa especialmente da escassez das rações e da má qualidade dos viveres.

Para excitar a compaixão dos leitores, o doutor diz que o colono tem nove pessoas de familia, e com a maior hypocrisia e perfidia accrescenta que não menciona o nome do queixoso para evitar que elle seja castigado pela directoria.

Antes de tudo. Havendo em Philadelphia uma só familia de colonos com nove individuos, ficou averiguado que o autor da carta era o colono Gerlach.

Este, bem como muitos outros, segundo se vê do relatorio do ultimo commissario, havia suspendido todo o trabalho, á espera das cebolas do Rio-Grande que o doutor lhe garantira.

O prazo do fornecimento de viveres a credito estava passado, e o pobre diabo achava-se por culpa do Dr. Lallemant nos maiores apuros justamente quando aqui chegava o libello Lallemant.

E o castigo que soffreu foi abrir-se-lhe novo credito para obter viveres por mais tres mezes.

Coitado do pobre velho! bem sei que os seus actos não teem imputação, e que foi, como outros, mero instrumento das intrigas do doutor.

E demais, como havia eu de ficar enfadado com Gerlach se a sua carta é mais um valioso documento para desmentir o Dr. Lallemant?!

E se não, leiamos novamente a carta:

Diz Gerlach: « *Ha dias o caixeiro do armazem* (é o allemão Frantz) *me olha de revés, porque vendo uma parte dos viveres que recebo da companhia para comprar café e assucar.* »

Se os viveres fossem insufficientes para a alimentação da familia,



Gerlach não venderia uma parte delles para comprar café e assucar, que, segundo o que o doutor informa no seu libello, aqui se vendem por preços extraordinarios.

A asserção de Gerlach é, pois, contraproducente, e mais uma vez o doutor mostrou inhabilidade, fornecendo na propria accusação as minhas melhores armas de defesa.

Gerlach recebe viveres de sobra e vende boa parte delles, não só para comprar café e assucar, como elle confessa, mas tambem vinho, que é genero caro aqui e de primeira necessidade em casa de Gerlach.

Este colono tem muitos filhos de um primeiro matrimonio e passou a segundas nupcias.

Queixão-se os filhos do primeiro matrimonio que o café, assucar, vinho e bolachas são exclusivamente para a madrasta, que demais os espanca. Por estes motivos as pobres crianças já uma vez abandonárão a casa paterna, para onde os fiz reconduzir por boas maneiras pelo caixeiro Frantz, encarregado de pedir de minha parte aos pais que a todos tratasse como filhos.

A' carta de Gerlach segue-se uma de Herman Hoppe. Ui! E como é que o doutor não temeu, publicando o nome de Hoppe, sacrifica-lo aos *meus furores e castigos?!* Ahi se vê que a suppressão da assignatura de Gerlach era apenas um recurso oratorio.

Hoppe mutilou um boi de carro da companhia, e, provado o facto, o agente deixou-lhe a alternativa, ou de comprar o boi pelo custo, ou de soffrer um processo de damnos.

Hoppe optou pela primeira alternativa, e vendendo o boi para o açougue veiu a carregar com uma perda de 5$ ou 10$.

Foi dos primeiros que tiverão conferencias secretas com Lallemant e o mais activo agente da propaganda revolucionaria do doutor.

No domingo seguinte ao da partida do doutor insultou o caixeiro, e teria sido preso em flagrante a não ser a intervenção pacifica de outros colonos. Até aqui a carta do agente de Lallemant mais ou menos diz a verdade. Affirma contradictoriamente que eu o mandei sahir do Mucury, e que não lhe quiz dar passagem. Pede soccorro ao doutor. Eis Hoppe até a data da sua carta:

Seguindo as instrucções do doutor, provocava os colonos a sahirem todos para o Rio Grande, promettendo-lhes mais do que as propostas de Beaucourt.

Mas os colonos de Philadelphia, como tinhão que perder, não quizerão acreditar de leve no Dr. Lallemant, cotizárão-se, e, com conhecimento e permissão do agente da companhia, mandárão Hoppe ao Rio de Janeiro, na qualidade de seu deputado, para saber do governo se pagava as suas

dividas no Mucury, e que vantagens lhes offerecia para os transferir daqui para o Rio-Grande.

Sabendo na repartição das terras que o Dr. Lallemant não era commissario do governo nem tinha autorisação para fazer tão fallazes promessas, o deputado, que lá estava no Rio de Janeiro livre da minha tyrannia, pagou novamente passagem para Philadelphia, onde não é dos que menos amaldiçoão a fatal viagem do Dr. Lallemant, que, se fez damno á companhia, muito mais o fez aos pobres colonos.

Mas emfim o que prova a carta de Hoppe? Queixava-se de que não o deixasse sahir de Philadelphia e lá foi como deputado dos colonos apresentando-se na repartição das terras e no consulado e legação prussiana. Dizia ser um inferno o Mucury, e pagou nova passagem para o inferno. O que prova a sua carta? Prova tanto como a de Gerlach.

Ora, ahi estão todos os famosos documentos que o Dr. Lallemant publicou contra a companhia do Mucury!

Além desses só ha a carta anonyma, que provei ser da lavra do doutor, e fabricada para robustecer a infame insinuação de que no Mucury só teem protecção as viuvas quando teem filhas bonitas.

E ha mais um recibosinho que eu hei de obrigar o doutor a produzir, e que elle muito se ha de arrepender de haver mencionado.

Tinha ainda muito a dizer acerca do meu hospede em Philadelphia, mas é tempo de acompanha-lo ao theatro de suas principaes façanhas.

Não posso, porém, omittir a scena da nossa ultima visita a S. Jacintho.

Eis o texto segundo a autoridade do doutor copiado *de verbo ad verbum* da pag. 34 do seu libello :

« *Em S. Jacintho occorreu uma scena entre mim e o director. Não pude soffrer mais que todas as reclamações fossem mentiras quando chegavão tantos infelizes, tantas queixas, tantos rostos pallidos, e a todos se despachava com deshumanidade.* »

Eis em seguida a versão do mesmo facto, qual a apresentei ao governo imperial em meu officio de março deste anno :

« Em viagem para S. Jacintho encontrámos um suisso de nome Meyer, que apresentei ao doutor para que o interrogasse, e para deixa-lo mais em liberdade dei de redea ao meu cavallo.

« O Sr. Dr. Lallemant, porém, logo ás primeiras palavras do colono chamou-me. Queixava-se o suisso de se lhe haver faltado com viveres o mez de agosto do anno passado. Eu disse ao Sr. doutor que sobre o facto proceder-se-hia em Philadelphia a convenientes investigações, mas que desde logo podia eu informar a S. S. que, apezar de á estar aquelle individuo na colonia ha mais de um anno, se lhe prolongára o fornecimento de viveres por estar doente. Sendo que



tanto o dito colono Meyer como dous vizinhos seus e as familias parecião opilados, para conhecer-se a causa deste mal no valle de um ribeirão onde todos os outros moradores mostravão o aspecto da mais robusta saude, o agente tinha mandado o medico ao logar, e este opinára que os incommodos daquellas familias nascião de terem as casas quasi debaixo do mato virgem, em razão da insignificante derrubada e descortinamento que havião feito, pelo que o medico receitou alguns remedios para combater a opilação e trabalho de machado contra a causa do mal, que era evidentemente a preguiça. O nenhum serviço na roça deste colono é tanto mais indesculpavel porque, mesmo que tivesse estado sempre doente (o que longe está de ser verdade), tem recebido de um seu socio no Rio de Janeiro repetidas remessas de dinheiro, de que Meyer tem feito pessima applicação. Para que V. Ex. saiba quem é o ruim defunto com que tanta cêra o Sr. Dr Lallemant me fez gastar, envio a V. Ex. uma carta do socio, em que me pede noticias delle, declarando más as que lhe teem chegado sobre a sua conducta.

« E no emtanto tão preoccupado estava o Sr. Dr. Lallemant, tão alheio a todo o sentimento de justiça, que se abalançou a dizer-me ser inutil toda a investigação, porque eu desmentia os queixosos!!

« Acabava eu de ouvir com estoica paciencia as palavras pouco delicadas que acabo de mencionar, quando chegavamos á situação onde reside um dos mais interessantes grupos de colonos de minha Philadelphia. Ahi se avistão defronte uns dos outros diversos chalets e plantações unidas, pertencentes aos seguintes colonos, todos allemães : — Gesnitz, Newman, pai, Newman, filho, Thomaz, Frantz, Baldow, Fricke e Smaye. São oito familias que plantárão este anno 14 alqueires de milho, e por entre a milharada cana, café, mandiocas, inhames, batatas e todas as miunças que fartão a casa do agricultor.

« Alli no semblante dos velhos, mulheres e meninos vê-se pintada a alegria, resultante da abundancia, do conforto e da saude. E no meio destes semblantes risonhos o Sr. Dr. Lallemant só queria discutir o suisso mentiroso, que, depois de exacerbar a bilis de S. S., tinha vindo para Philadelphia e cá recebêra do Sr. Augusto Ottoni ainda mantimentos a credito e o conselho de que fizesse melhor uso do dinheiro que seu socio lhe remettia.

« Minha intenção era reunir naquelle logar os colonos das immediações, que são 48 familias com 165 individuos; mas, estando esgotado o meu provimento de paciencia, roguei ao Sr. commissario do governo que se considerasse em sua casa, para fazer livremente os exames que lhe approuvesse, mas que me dispensasse de o acompanhar a mais casa alguma de colonos; e dispensado me considerei desse momento em diante, regressando dalli para Philadelphia.

« O que acabo de escrever é o fiel transumpto do que se passou an minha excurção que fiz com o Dr. Lallemant. Tenho confiança de que *quanto aos factos* a narração que o Dr. Lallemant tiver de fazer ao governo imperial não discrepará desta. »

Quando assim escrevia ao governo imperial eu tinha a simplicidade de acreditar que, qualquer que fosse a diversidade dos corollarios que deduzissemos, coincidiriamos cabalmente no que toca á narração dos factos.

Mas expuzemos os acontecimentos de modo tão contradictorio que um de nós não póde mais pretender os fóros de homem verdadeiro.

Para auxiliar o leitor em suas pesquizas a respeito eu lhe pedirei que volte á pagina antecedente. E' a pag. 33, de que o doutor já estava esquecido quando escreveu a pag. 34.

A' pag. 33 falla o doutor da nossa primeira visita a S. Jacintho. O doutor commemora os colonos Reis, Huber, e se limita a chasquear, por que melhor do que os colonos estão os meus parentes. Ora, se houvessem lá esses infelizes, essas queixas, esses rostos pallidos, terião apparecido tambem na primeira visita e estarião commemorados á pag. 33.

Logo, a pag. 33 desmente as asserções da pag. 34.

Alguem me dirá: « O Dr. Lallemant é um homem honrado, incapaz de faltar á verdade. »

Creio que salvo todas as conveniencias copiando em resposta as palavras de Shakespeare na tragedia de Julio Cesar, que o doutor teve a amenidade de applicar-me:

*Brutus is an honourable man!*
*So are they all! All honourable men!*

O Dr. Lallemant, o suisso Meyer, o allemão Verner; — o mentiroso sou eu.

Emquanto o doutor agitava Philadelphia todos os elementos se conspiravão para anarchisar Santa Clara.

Primeiramente, a propaganda que em nome das bellas campinas do Rio-Grande o doutor tinha organisado, como se prova do relatorio do Exm. Sr. Dr. Machado Nunes.

Depois, a secca que assolou as provincias do norte, e que até março se estendeu ao Mucury. A ardentia do sol e a ausencia das chuvas mirravão as plantas e fazião desfallecer as esperanças dos melhores colonos.

Por ultimo, o typho, que invadiu Santa Clara depois da passagem do doutor para Philadelphia.

Tinhamos de lutar com a peste, fome e guerra.



Com o pincel da verdade podia o doutor fazer de Santa Clara um lugubre painel.

Mas o quadro lançado conscienciosamente não satisfazia a gratuita animosidade do doutor, e por isso atirou-se elle para as regiões da imaginação e do romance.

No momento em que eu soube em Philadelphia que a epidemia se havia declarado em Santa Clara aceitei a opinião do Dr. Lallemant, de que os doentes devião ir todos para o Rio.

E o doutor quiz encarregar-se de acompanha-los.

A principio hesitei, em vista do procedimento irregular do doutor em Philadelphia, mas ainda ignoro as ignobeis intrigas do doutor, e attribuo a singularidade das suas maneiras e amargor de suas exprobrações a sentimentos de caridade para com os seus compatriotas.

Demais, suppondo-o, como elle se inculcava, commissario do governo imperial, considerei de razão ouvi-lo e attende-lo, sobretudo naquella circumstancia momentosa.

Lá foi, pois, o nosso homem com a carta franca que lhe dei para designar os doentes que o devião acompanhar para o Rio.

« Chegado a Santa Clara, diz á pag. 45, achei na botica as cousas necessarias », e em seguida: « *mas o mais difficil* foi arranjar comedorias para os doentes. Depois de muitas discussões combinámos que os doentes receberião do armazem arroz e farinha de trigo, ficando eu responsavel pelo pagamento. *Comprei para os doentes* gallinhas, manteiga, vinagre, vinho, arroz e farinha de trigo, e os recibos que sobre taes pagamentos possuo são documentos vergonhosos a quem tocar. »

*Audi alteram partem.* A agencia de Santa Clara, emquanto se não constituia definitivamente, estava a cargo de dous allemães, o engenheiro Mauricio Horn e o colono Julius Haucisen; Mauricio Horn é conhecido em Potsdam pela honestidade de seus costumes e seriedade de seu caracter. A respeito deste homem eu já disse em peça official que o seu defeito era ser bom de mais. Vê-se como no appenso junto a esta memoria Horn contesta as asserções do seu compatriota Lallemant.

Julius Haucisen tinha captado a benevolencia dos colonos allemães em Philadelphia, tendo estado lá empregado na distribuição dos mantimentos mais de um anno.

Apezar de que ambos davão bons abonos de si, eu mesmo nos primeiros tempos achei que elles não tinhão estado na altura da situação.

Vai annexa, como já disse, a contestação de Horn. E eis as explicações que dá Haucisen:

O doutor chegára a Santa Clara com as mais estolidas pretenções; exigia os livros para tomar notas na qualidade de commissario do governo imperial; prescrevia dietas a seu talante para sãos e para doentes.

Não era só para os doentes que queria vinho, manteiga e farinha de trigo; era especialmente para os agentes da sua propaganda, que prégavão abertamente contra a companhia e protestavão que não havia de ficar um colono no Mucury.

Aos agentes da propaganda e á lavadeira do doutor, Haucisen só fez distribuição das provisões extraordinarias depois que o doutor se obrigou ao pagamento.

A conta importou em 23$, de que Haucisen não podia ter a menor duvida em passar recibo.

A despeza maior que o doutor fez em Santa Clara foi na tasca do allemão Carlos Frederico Lourenzo. Erão as unicas duas casas em que havia que vender.

Tenho comigo a conta que o doutor pagou na tasca de Lourenzo, que era o logar dos comicios e das libações patrioticas.

Importa a conta de Lourenzo em 50$740, sendo que cerca de 40$ são de vinho, cachaça e genebra, e o mais de vinagre, manteiga e nove gallinhas.

Gastou, pois, o Dr. Lallemant em Santa Clara em vinagre, manteiga, arroz e farinha de trigo 33$740.

Esteve em Santa Clara 20 dias. Os doentes, segundo elle diz, erão aos centos, e o doutor os sustentou por milagre com a modesta somma de 33$740, comprando farinha de trigo e gallinhas por altos preços.

Por honra sua o doutor deve publicar esses recibos que tem. O publico verá que para ninguem são esses documentos mais vergonhosos do que para o Dr. Lallemant.

Pois o Dr. Lallemant, tendo a carteira recheiada para a sua viagem ao Ceará, vê centos de compatriotas seus morrendo á fome, e compra sómente nove gallinhas e algumas libras de farinha de tri g para matar-lhes a fome?

Eu affirmo, sem receio de que o doutor possa provar o contrario, que outras despezas de comestiveis elle não fez em Santa Clara. E nem era preciso que as fizesse, porque os colonos tinhão fartura de mantimentos. Em Santa Clara nunca houve fome! proclama o respeitavel Dr. Sebastião Machado Nunes, que assim confundiu o calumniador.

Conheço as cousas por mim depois que alli cheguei no 1º de março.

Tinha deixado a minha roupa, para trazer nas canastras grande provisão de remedios, felizmente desnecessarios, como confessa o doutor.

Mandei immediatamente comprar todas as gallinhas que houvessem. Na quinta da companhia não havia uma só, porque a companhia não cria gallinhas nem porcos; e o que diz a respeito o doutor é uma fantasia.

Só as havia em casa de allemães, e na tasca de Lourenzo, onde o



doutor já tinha comprado nove; comprei 24 a 2$; comprei outra porção ao colono Pfull.

Por occasião destas compras tive de sorrir-me, porque o doutor alardeou em minha presença ter autorisado o agente da companhia para mandar vir de S. José de Porto-Alegre 50 gallinhas por sua conta.

Sorri-me, porque estavamos esperando o vapor que devia trazer e que não trouxe a caritativa encommenda do Dr. Lallemant, para nos levar e os doentes a S. José de Porto-Alegre. E, como se desce o rio, poucas horas teriamos de reconduzir as gallinhas se viessem com os doentes.

Sorri-me, porque, se o doutor precisava de 50 gallinhas, podia te-las comprado ao seu amigo Lourenzo, que lhe tinha fornecido nove a 1$500, e que apenas houve demanda séria do artigo elevára o preço a 2$.

Sorri-me, e a minha risadinha doeu muito ao Dr. Lallemant.

O certo é que de Santa Clara até Philadelphia, de Philadelphia até Santa Clara, a caridade do Dr. Lallemant ficou restringida á modesta somma de 33$740, e mesmo essa ouvi dizer que o doutor depois que viu escapar-lhe a renovação do contrato de subsidios cobrou da repartição geral das terras publicas. Isso não creio, que tambem é muito.

Estudei muito o Dr. Lallemant. E' essencialmente economico e sobrio nas suas despezas, mas essa qualidade vem-lhe da prudencia e da reflexão.

Nos primeiros impulsos do seu coração se reconhece que, se elle não é prodigo, é de uma caridade evangelica.

Disso tenho mais de um exemplo. O leitor se lembrará que quando eu tive a inqualificavel deshumanidade de negar passagem para o Rio ao suisso doente o primeiro movimento do doutor foi offerecer generosamente 100$ para libertar aquella familia.

Foi sómente depois que declarei bastarem 80$ que veiu a reflexão e aconselhou o doutor a commutar a offerta de 100$ em uma recommendação para a sociedade de Beneficencia Suissa.

Quando viu no Urucú a desgraça dos hollandezes, disse com lagrimas nos olhos ao seu collega Ernesto Ottoni: « *De Philadelphia vou mandar 300$ em viveres para esta pobre gente.* » Mas a noite dá conselho, e no dia seguinte a sua caridade tinha arrefecido 200 por cento. Já fallava só em 100$, que não mandou por saber que eu tinha presenteado os hollandezes com dous bois.

« *Descemos no vapor* Peruipe *pelo S. José de Porto-Alegre, e á chegada,* diz o doutor á pag. 66, *os doentes forão recolhidos á casa da companhia, e custou-se a achar comida para elles; mas o commandante do vapor* Tieté *pôz mantimentos á minha disposição.* »

Quem lendo estas palavras do doutor não se persuadirá que foi este homem philantropo que, chegando a S. José com os doentes, abriu a sua

maravilhosa bolsa, e começou a comprar vinho, vinagre, manteiga e farinha de trigo, como em Santa Clara, até que finalmente o commandante do *Tieté* veiu auxilia-lo na obra pia, pondo mantimentos á sua disposição?

O director da companhia do Mucury, que havia trazido de Santa Clara os doentes e o doutor no vapor *Peruipe*, que havia hospedado os doentes na casa dos passageiros e ao doutor no melhor aposento do armazem, está completamente eliminado de toda a intervenção na hospedagem do doutor e dos doentes.

Mas, graças a Deus, não estamos no mato do Mucury, onde o doutor sob sua honrada palavra, póde levantar-me todos os aleives e préviamente inutilisar a minha defesa, declarando que sou monarcha do Mucury, que lá não ha opposição, e que, sob pena de castigos que mando infligir, dicto as cartas, e portanto os documentos de que tenho precisão.

Graças a Deus! Em S. José já os factos se passão diante de pessoas respeitaveis, e é o doutor que, desmemoriado ou louco, me indica as testemunhas que o devem desmentir. Ahi vai a declaração do commandante do vapor *Tieté*, em que este honrado militar affirma não ter fornecido aos colonos em S. José nem uma bolacha, e que nem vira em S. José casa onde se podessem obter senão no armazem da companhia. E' testemunha do facto tambem o engenheiro francez Charles Bernard, que lá estava.

« Illm. Sr. 1º tenente Caio Pinheiro de Vasconcellos.— Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1859.— Rogo a V. S. que sirva-se responder-me ao pé desta aos seguintes quesitos:

« 1.º Se durante a estada de V. S. no porto de S. José de Porto-Alegre forneceu V. S. do vapor *Tieté*, do seu commando, viveres para os colonos que estavão com o Dr. Lallemant na casa da companhia do Mucury.

« 2.º Se na villa, antes aldêa de Porto-Alegre, havia outra casa onde se encontrassem recursos para sustentar os colonos que alli se achavão na occasião?

« E peço licença a V. S. para fazer de sua resposta o uso que eu julgar conveniente nas publicações que eu fizer no Rio de Janeiro ou na Europa.

« Sou com estima e distincta consideração de V. S., affectuoso e obrigadissimo amigo, *T. B. Ottoni.* »

« Illm. Sr. Theophilo Benedicto Ottoni.— Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1859.—Satisfazendo aos desejos de V. S. para que eu responda aos quesitos desta carta, tenho a dizer: quanto ao 1º, que durante os dias que estive no porto de S. José de Porto-Alegre, commandando o vapor *Tieté*, não forneci viveres alguns para os colonos que estavão com o Sr, Dr. Lallemant, e que forão depois transportados naquelle vapor para esta côrte, por me constar que pelo armazem da companhia se lhes fornecia



os viveres necessarios; quanto ao 2º, que na mesma villa de S José de Porto-Alegre não vi casa alguma que pudesse fornecer os recursos precisos para o sustento dos mesmos colonos. Póde V. S. fazer o uso que julgar conveniente desta minha declaração.

« Sou com particular estima e consideração de V. S., affectuoso amigo e criado.— *Caio Pinheiro de Vasconcellos.* »

Portanto, vê-se que é falso que houvesse difficuldades em achar-se mantimentos em S. José.

A perfida insinuação da pag. 66 é a repetição do seguinte artigo do *Jornal do Commercio* de 18 de março do corrente anno, um dia depois da chegada do doutor e dos doentes ao Rio de Janeiro:

« *Colonos do Mucury.*— A canhoneira a vapor *Tieté*, que sahira do Mucury a 14 do corrente, chegou ao porto do Rio de Janeiro ante-hontem á noite, trazendo a seu bordo 128 colonos doentes, que forão hontem desembarcados, com excepção de um que morreu na viagem e de outro que falleceu na passagem de bordo para terra.

« Estes colonos, cujo desembarque foi por muita gente testemunhado achavão-se no mais lastimoso estado: as molestias e as privações os havião completamente abatido e prostrado: seu aspecto causou dó a quantos os observárão: 84 dentre elles, que mais doentes se achavão, forão recolhidos ao hospital.

« O Sr. Dr. Lallemant, que, tendo chegado ao Mucury, alli encontrára esses infelizes faltos de soccorros e lutando com dolorosas privações, os soccorreu com a maior caridade, não só prestando-se como medico, como facilitando-lhes medicamentos da sua botica e alimentos á sua custa, ou dando o dinheiro necessario para a compra destes, e, emfim, completou a sua obra de caridade acompanhando e tratando os miseros colonos até o nosso porto.

« Hontem o desembarque desses infelizes foi um verdadeiro quadro de miseria e de dôr. »

Ou este artigo foi escripto sob a fé de informações do doutor, que voltára ao Rio no *Tieté*, ou não.

Se foi o doutor quem deu as informações é réo de calumnia confesso e convencido.

Confesso, na parte relativa aos remedios, porque é o mesmo doutor quem, á pag. 15 do seu libello famoso, confessa que achou na botica de Santa Clara *as cousas necessarias.*

Convencido, na parte em que o artigo declara que o doutor matou a fome aos colonos em Santa Clara, porque, mandando o governo imperial instituir exame sobre essa horrorosa accusação, o Exm. Sr. Dr. Machado Nunes, juiz competente, diz na sua sentença: « *Nunca houve fome em Santa Clara.* »

E bem se vê que, se fome houvesse, não era com a somma de 73$740, empregados em vinho, vinagre, manteiga e farinha de trigo, que o doutor havia de matar a fome a mais de 300 colonos que alli estavão.

Supponhamos, porém, que o doutor não foi directa ou indirectamente a origem das noticias que o *Jornal do Commercio* publicou. Em tal caso deu o doutor triste documento dos seus sentimentos de cavalheirismo.

Pois o doutor leu, como á pag. 72 confessa ter lido, no *Jornal do Commercio* uma noticia em que falsamente se lhe attribuião actos de beneficencia, muito meritorios, mas que deslustravão terceira pessoa, e o doutor não se apressa a reclamar contra a inexactidão do facto?...

Retrocedamos a Santa Clara.

A' pag. 46 diz o doutor que os colonos de Santa Clara de 17 a 24 de dezembro só recebêrão farinha de trigo. Do livro do fornecimento de viveres no mez de dezembro tal não consta senão a respeito de um ou outro colono.

Ainda que se désse a respeito de todos não era um caso tão extraordinario para em razão delle julgar-se em perigo a vida dos colonos, explicando-nos o doutor que com gomma só não se vive.

A semana de 17 a 24 de dezembro foi a de maior penuria em Santa Clara, em razão de ter feito explosão a caldeira do vapor *Peruipe*, e subirem as canôas com grande difficuldade, em razão da enchente.

«Com os livros de Haucisen, diz o doutor com a sua usual amenidade de estylo, póde-se provar não só aquelle facto como que os colonos *são roubados de uma maneira inqualificavel.* »

Tenho ouvido que em outras colonias se queixão os colonos de que nos livros estão debitados por mais do que recebêrão. Em Mucury o facto não póde dar-se, porque o colono cada dia póde verificar pela sua caderneta as quantidades e preços do que recebe.

Eis o que diz a respeito o commissario Dr. Machado Nunes:

« Dous caixeiros subordinados aos dous agentes são os encarregados da distribuição dos generos aos colonos; este serviço pareceu-me feito com regularidade, entregando-se ao chefe de cada familia uma caderneta, na qual são lançados no fim de cada mez os generos recebidos e os seus preços. »

A palavra — roubados—, empregada pelo Dr. Lallemant acerca da distribuição de mantimentos no Mucury, serve só para demonstrar a malevolencia do doutor. A companhia não dá; vende viveres a credito aos colonos e no contrato estipulou a quantidade. Consta sem duvida dos livros, bem como da caderneta que tem cada colono, que em um ou outro mez os colonos não recebêrão integralmente um ou outro artigo da ração. Mas, se isso consta dos livros, é porque a companhia sómente



cobra o que vende!.. Poder-se-hia dizer que o contrato não é executado, e haverem as consequencias legaes do facto, como a imposição de multas que estão estipuladas ; mas chamar a isto roubo é a jurisprudencia mais inqualificavel.

Cumpre accrescentar que, se ha artigos da ração em menor quantidade do que a estipulação do contrato, ha em substituição outros que o contrato não obriga a fornecer, como o verificou o inquerito dos ultimos commissarios.

No dia seguinte ao da minha chegada o doutor convidou-me para ir com elle ver os colonos que tinhão representações a fazer me.

Fui avisado que tinha havido na vespera a mais profusa distribuição de vinho na tasca de Lourenzo; que o doutor preparára uma scena que podia ter as mais desgraçadas consequencias.

Mas não hesitei em acompanha-lo. Pensei que era do meu rigoroso dever visitar os meus colonos doentes, e entreguei á Providencia o que houvesse de succeder.

Como a consciencia estava em paz, não admira que eu ostentasse, como o doutor diz á pag. 60 que ostentei, *o sentimento da minha segurança e da inviolabilidade da minha pessoa.* E se, apezar de não ter receio pessoal, estava commovido, como diz o doutor, é porque não tenho esse coração feroz que elle me quer emprestar.

No dia antecedente eu havia viajado só com o meu pagem. Os colonos estavão em tres pontos: S. Matheus, a 3 leguas de Santa Clara; Macaco, a 3/4 de legua, e Bella-Vista, a 1/4 de legua. Eu tinha visitado antes de ver o Dr. Lallemant os tres pontos, tinha procurado animar os doentes e tinha sido recebido por todos como é de presumir que o fosse, á vista da linguagem da representação que o doutor teve a simplicidade de publicar, e sobre que já moralisei.

Fui, porém, percorrer novamente os pontos com o doutor, e, para testemunhar o que lá succedesse, como as unicas pessoas estranhas á companhia que alli se achavão, convidei o engenheiro francez Mr. Charles Bernard e o capitão Castanheda, para me fazerem companhia.

Precedeu-nos a lavadeira do doutor, e quando chegavamos a Bella-Vista (agora quem falla é o Dr. Lallemant na mesma pag. 60 do seu libello): « *O velho Jager e uma mulher moça contavão suas ultimas horas; na cama da segunda pais e irmãos recebêrão o director com maldições vehementes. Eu tambem* (noto-se bem que está fallando o Dr. Lallemant) *apostrophei-o mostrando aquellas desgraças, etc., etc , e minha voz e tom não podião ser tranquillos.* »

Estivesse ou não preparada a scena que o doutor descreve, o que é patente é o perigo que alli corri. E bem se comprehende o que poderia succeder se nos dias de minha estada anterior em Santa Clara eu não

houvesse ganho entre os colonos grande prestigio e força moral, provando-lhes que sinceramente me interessava por elles.

Applaudo-me de que o doutor confesse que emquanto elle esbravejava furioso eu tivesse tido bastante imperio sobre mim mesmo, para com voz fria, como diz o doutor, exigir delle que me guardasse o devido respeito, e fizesse cessar aquella algazarra

Mas não era por mim que eu fallava e exigia a cessação do tumulto; era pela pobre moribunda, que falleceu no meio das vociferações e gritos do doutor. A's testemunhas presentes eu disse na occasião, e ainda hoje estou persuadido, que aquella pobre creatura succumbiu em consequencia da terrivel impressão que lhe devião causar os gritos descompassados do doutor e dos seus acolytos.

Foi durante os dias fataes da estada do doutor em Santa Clara que o typho, os remedios e a agitação revolucionaria de que o doutor era apostolo se derão as mãos para fazer maiores estragos. Mas o que diz o doutor quando affirma á pag. 73 que dos habitantes de Santa Clara e vizinhanças havia fallecido quasi a quarta parte é uma das do nosso romem.

Para a *Illustração* de Leipsic deu o doutor informações as mais horrorosas. Mandou dizer que de 360 colonos que existião em Santa Clara morrêrão 232, muitos de fome, e repetiu a historia de que pagava os mantimentos com o seu dinheiro. Contra a fome e contra o typho, — vinho, cachaça e genebra!!

Para refutar completamente o que diz o Dr. Lallemant, seja-me permittido publicar a relação dos mortos que houve em Santa Clara desde outubro de 1858 até 7 de abril de 1859.

Familia Henn: — o pai 57 annos, 21 de fevereiro.
» Henn: — filha Anna Maria, 27 annos, 20 de fevereiro.
» Henn: — filha Maria, 29 annos, janeiro.
» Henn: — filho Franz Joseph, 1 1/4 annos, janeiro.
» Henn: — sobrinho Franz Karl, 14 dias, janeiro.
» Jung: — o pai 42 annos, janeiro.
» Jung: — um filho menor, 5 mezes, janeiro.
» Mann: — o sobrinho, 28 annos, outubro de 1858.
» Kern: — filha Elizabeth, 2 3/4 annos, dezembro de 1858.
» Schumacher: — filha, 8 dias, janeiro de 1859.
» Backmann: — filho José, 6 annos, janeiro de 1859.
» Steinmetz: — filho Karl, 3 annos, fevereiro de 1859.
» Gass: — filha Elizabeth, 3 annos, fevereiro de 1859.
» Christ: — filho Heinrich, 8 annos, fevereiro de 1859.
» Christ: — filha Catharina, 4 mezes, janeiro de 1859.
» Christ: — mãi, 36 annos, fevereiro de 1859.



amilia Munch: — filho Adam, 6 annos, fevereiro de 1859.
» Andres: — mãi Eva, 32 annos, janeiro de 1859.
» Jaeger: — mãi, Elizabeth, 48 annos, janeiro de 1859.
» Jaeger: — filha, 5 mezes, janeiro de 1859.
» Jaeger: — o pai, 48 annos, março de 1859.
» Wagner: — Antonio, pai, 28 annos, janeiro de 1859.
« Bredow: — Wilhelm, pai, 58 annos, janeiro de 1859.
» Bredow: — filho, 13 annos, março de 1859.
» Falk: — Friedrich, 30 annos, janeiro de 1859.
» Kluge: — filho, 2 annos, janeiro de 1859.
» Kluge: — filha, 4 mezes, dezembro de 1858.
» Procat: — Louis, filho, 1 anno, novembro de 1858.
» Lindner: — filha, 6 annos, janeiro de 1859.
» Lindner: — filha, 1 anno, março de 1859.
» Muller: — filha, 2 annos, janeiro de 1859.
» Muller: — 1 recem-nascido.
Donnamaric, filho, 11 annos, fevereiro de 1859.
Johanes Peter, 22 annos, dezembro de 1858.
Heirich Falk, menor.
Johannes Splinter, 52 annos, fevereiro de 1859.
Nicola Mura, 10 annos, fevereiro de 1859.
A filha de Pfeiffer, 25 annos, março de 1859.
Ernest Heroldt, 21 annos, março de 1859.

Ao todo 38.

Em S. José de Porto-Alegre só morreu o francez Napoleão, sua mulher e uma menina de outra familia.

Uma omissão curiosa nota-se neste ponto do pamphleto do Dr. Lallemant.

O doutor, que menciona palavra por palavra o que eu lhe disse na Bella-Vista, que tomou nota até da côr do meu rosto quando me entregou as ordens do ministro do imperio a sello volante, que commemora as scenas em que se deu comigo em espectaculo em S. Jacintho, porque não havia de referir tambem o que em seguida ao reconhecimento dessas ordens entre nós se passou? Bom commentador, eu vou supprir as lacunas deste texto.

Mal eu soube que havia medico e vapor em Porto-Alegre creei alma nova, porque ficava livre da companhia do doutor, que alli conservava e supportára com angelica paciencia, porque emfim o doutor tem um diploma de medico, e, havendo doentes em Santa Clara, eu não queria carregar com a responsabilidade de o expellir.

Contente, pois, com a noticia, communiquei ao doutor immediatamente que no dia seguinte descerião os doentes. Então deu-se entre

nós o seguinte dialogo, de que podem dar testemunho o allemão Mauricio Horn e o francez Charles Bernard.

— Sr. doutor, amanhã descem os colonos doentes.

— Não consinto. Havemos de esperar aqui o commissario do governo.

— Sr. doutor, V. S. aqui não dá ordens; já temos medico no Mucury, e não estou mais á sua discrição.

— Faço-o responsavel pelos que morrerem na viagem.

— Tambem ha doentes a bordo do vapor *Peruipe*, que nos espera daqui a 4 leguas, e, portanto, vou levar esses doentes e estes para entregar todos ao medico do *Tieté*. E fique sabendo o Sr. Dr. Lallemant que continúa a ser meu hospede contra a minha vontade. Que o tenho tolerado em razão da epidemia, mas que d'ora em diante protesto contra a sua estada aqui, visto que veiu na qualidade de emissario da empreza do Jequetinhonha, que o doutor quer servir procurando suffocar a do Mucury

— Não ha tal, não ha tal!

— Ora, ainda hontem o doutor explicava ao colono Gazzinelli as vantagens da navegação e da colonisação do Jequitinhonha!

O doutor ficou confundido e não teve que responder-me. No dia seguinte colloquei os colonos em uma grande prancha de ferro, afim de os transportar para o vapor *Peruipe*. (*)

Aqui vem a pello uma curiosa observação. No Mucury o Dr. Lallemant era enthusiasta da colonisação do Jequitinhonha; mas, quando chegou ao Rio de Janeiro e viu que o coripheu do Jequitinhonha o tinha enganado, fazendo-lhe crer que a companhia do Mucury e o seu director estavão irrevogavelmente condemnados, voltou-se tambem contra o Jequitinhonha; creou logo a arbitraria doutrina de não haver colonisação possivel senão para o sul do Rio de Janeiro, como se não fosse intuitivo que um districto como Philadelphia, no Alto Mucury, elevado de 1,300 a

(*) Deixo de responder ás injurias que o doutor me atira, fallando da colonia militar do Urucú, chegando a dizer que, se eu officiei para o Rio fallando nos soffrimentos destes colonos, é porque sabia da visita do doutor, e anticipadamente e com a maior hypocrisia preparava a minha defesa. Eu não absolutamente tenho com a administração da colonia militar do Urucú; mas, interessado pela sorte dos colonos, posso provar com documentos existentes na repartição das terras publicas que annos antes da milagrosa viagem do Dr Lallemant apresentei-me alli como orgão de queixas dos colonos contra a administração, e obtive reparação de injustiças semelhantes ás que denunciei, e que o catão da fragata *Novara* suppõe que vierão a publico com medo do seu poder

Não proseguirei. O Dr Lallemant póde vangloriar-se de ter causado enormes perdas á companhia do Mucury, embora ao mesmo tempo pozesse a desgraça de muitos allemães que vivião felizes, e que, na tentativa de mudança aconselhada e promovida pelo doutor, vierão ser victimas da febre amarella no Rio de Janeiro; além do grande prejuizo dado mesmo aos colonos, os quaes, e conforme as informações prestadas ao governo imperial pelos seus commissarios, abandonárão a sua lavoura e os seus interesses, e ficárão muitos mezes de braços cruzados, á espera das cebolas do Rio-Grande que o doutor prometteu, e com que lhes faltou.

Se o doutor é susceptivel de remorsos, serão elles a punição das suas malfeitorias.

Está-me, porém, parecendo que não serão remorsos o que terá dado cuidado ao doutor, porém sim a cessação da subvenção pecuniaria que recebia mensalmente do governo brasileiro em pagamento dos serviços que devia prestar como publicista de colonisação para o Brasil.



2,000 pés sobre a superficie do mar, deve ter um clima mais adaptado ao europeu do que os terrenos baixos, mesmo de Santa Catharina. Mas, emfim, o cruel desapontamento por que o doutor passou quando viu que não se lhe davão, nem mais commendas, nem mais dinheiro pelos serviços que acabava de fazer no Mucury, fe-lo mudar radicalmente de opinião acerca do Jequitinhonha. No Mucury embalava os colonos com o Eldorado do Jequitinhonha, no Rio de Janeiro decretou que não ha colonisação possivel senão ao sul dos tropicos, e não me admirará que na sua segunda publicação vocifere contra a empreza do Jequitinhonha, de que era no Mucury apaixonado apologista.

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI,

director da companhia do Mucury.

Philadelphia, 10 de outubro de 1859.

# APPENSO — C

# RELATORIO

## do Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes sobre as colonias do Mucury

Illm. e Exm. Sr. — Tendo chegado á villa de S. José de Porto-Alegre, na foz do Mucury, no dia 3 de junho proximo findo, como tive a honra de communicar a V. Ex. em meu officio de 5 do referido mez, segui no dia 6 a bordo do vapor *Peruipe* para o porto de Santa Clara, afim de cumprir o aviso de 30 de maio passado do ministerio a cargo de V. Ex., examinando os nucleos coloniaes de Santa Clara e Philadelphia, e as estradas e mais obras e trabalhos effectuados pela companhia do Mucury; e agora, tendo chegado a esta côrte no dia 19 do corrente, passo a dar conta a V. Ex. do que pude observar.

A companhia tem na extremidade sul de S. José de Porto-Alegre um bom armazem com 160 palmos de frente para deposito de generos que são transportados do Rio de Janeiro no vapor *Mucury:* possue além disto no centro da villa uma casa para hospedagem de colonos e passageiros.

O armazem precisa de pequenos reparos, por damnos causados pelas chuvas nas paredes do lado do sul.

O vapor *Peruipe*, conduzindo a reboque uma prancha de ferro com 1,500 a 1,600 arrobas de carga, fez a viagem ao porto de Santa Clara sem obstaculos em 23 horas de marcha, andando sómente de dia tendo sahido de S. José pelas 11 horas do dia 6 de junho foi chegar ao dito porto ás 10 horas da manhã do dia 8.

Isto quer dizer que o vapor *Peruipe* gasta dous dias de viagem pelo rio acima até Santa Clara, conduzindo a dita carga: uma canôa carregada, não podendo levar nem a decima parte daquelle peso, não faria a mesma viagem em menos de 8 dias.

O rio acha-se desobstruido das madeiras para dar livre passagem ao vapor.

São, portanto, importantes para a conducção das cargas, e vantajosos para os passageiros, os meios de navegação fluvial que possue a companhia.

Devo entretanto accrescentar que o vapor *Peruipe* pernoita ordinariamente no meio do rio, onde acontece anoitecer; e que o seu pequeno convés é o unico logar que os passageiros teem para se accommodarem durante a noite, o que é bastante incommodo, principalmente quando o numero de passageiros é crescido.

Este inconveniente póde bem ser evitado fazendo-se pousos em terra nas margens do rio; actualmente não é isto uma necessidade

mas o será logo que avultar o numero de passageiros de ré, que por ora é mui limitado.

Posto que o vapor *Peruipe* tivesse subido até Santa Clara sem obstaculo, comtudo nem sempre assim acontece, porque quando as aguas do rio estão baixas elle não póde lá chegar.

Este inconveniente costuma a apparecer ordinariamente nos mezes de agosto e setembro, quando o anno tem sido secco.

Por este motivo tem a companhia no logar denominado Paredes 5 leguas approximadamente abaixo de Santa Clara, um pequeno armazem para deposito de sal, afim de que este genero nunca falte em Philadelphia.

Tendo chegado ao porto de Santa Clara no dia 8 de junho, segui a 9 pela estrada aberta pela companhia até Philadelphia, onde cheguei a 15 do mesmo mez com 7 dias de viagem: a extenção desta estrada é de 30 leguas approximadamente; alguns lhe dão apenas 28 ½ e outros 29.

Ha em Santa Clara um armazem bem construido, outro em construcção, um rancho para tropas, uma officina de carros e uma tenda de ferreiro, além de outras construcções menores para accommodações dos empregados.

O traço da estrada aberta pela companhia é até Philadelphia bem feito em relação á declividade; até o Ribeirão de S. Domingos, 11 leguas de Santa Clara, corre ella quasi sempre por um terreno plano e enxuto; desse ponto, porém, em diante começão a apparecer os morros, os valles profundos e maior numero de correntes d'agua, e dahi a necessidade de cavas, de aterros e de pontes.

Assim é que depois daquelle ponto começão a apparecer na estrada trabalhos de maior importancia em cavas, aterros e pontes, contando-se grande numero destas e de pontilhões de 20 a 60 palmos, e ás vezes de mais, até a entrada de Philadelphia, além de tres grandes pontes de mais de 100 palmos. Estes trabalhos são executados com intelligencia, sendo as pontes e pontilhões geralmente de madeira de lei e bem construidos.

Entretanto, uma grande parte da estrada não tem a largura conveniente, e ha logares que não podem dar passagem senão a um carro, por se achar o terreno dos lados coberto de capoeiras e ás vezes de mato.

Apezar disto, os carros transitão diariamente entre Santa Clara e Philadelphia.

Um dos trabalhos, portanto, que a companhia deve emprehender sem demora é a reconstrucção da estrada, para dar-lhe maior largura, tornar o seu leito mais solido e evitar, se for possivel, alguns passos



que ainda offerecem alguma difficuldade á passagem de carros carregados, e ouvi dizer que tal é a intenção da administração da companhia, sendo que quando se abriu esta via de communicação só se tratou de dar passagem aos carros (pois era o grande problema a resolver), reservando-se os aperfeiçoamentos para depois que a experiencia de alguns annos tivesse mostrado se havia ou não conveniencia e possibilidade de alguns desvios.

Do que tenho dito facilmente se collige que, segundo minha opinião, a estrada de Santa Clara a Philadelphia póde com pouco trabalho e dispendio vir a ser uma boa estrada de rodagem.

No logar denominado Ribeirão das Pedras, a 6 leguas de Santa Clara, tem a companhia armazens para deposito de fazendas e de sal: tambem tem ahi, bem como em diversos pontos da estrada, ranchos abertos, geralmente bem construidos, para accommodação de tropas.

Tendo chegado a Philadelphia no dia 15 de junho, como disse, ahi me demorei 4 dias, nos quaes examinei a povoação do mesmo nome e os principaes raios da colonia, situados em redor, a meia legua approximadamente, nos Ribeirões S. Jacintho, S. Benedicto e Santo Antonio, tendo examinado o raio situado na estrada durante a viagem, tanto na ida como na volta, bem como o nucleo de Santa Clara.

Ha actualmente no Mucury 591 colonos, sendo em S. Jacintho 175, em Santo Antonio 48, em S. Benedicto 60, para o lado da estrada até o Ribeirão d'Arêa 221, e 87 em Santa Clara até este Ribeirão: não são incluidos neste numero os que habitão a colonia militar do Urucú, os quaes montão a 232, vindo a ser, portanto, a população estrangeira no Mucury 823 pessoas não se incluindo neste numero os menores de 5 annos, os quaes não constão dos livros da companhia, nem estão relacionados na subdelegacia de Philadelphia.

No Ribeirão de S. Jacintho e na estrada é que está a maior parte dos colonos mais antigos (de 2 e 3 annos), os quaes estão bem estabelecidos, com raras excepções. Estas excepções se referem a colonos que, ou por doentes ou por inactivos, não se teem podido arranjar: aos doentes tem a companhia ajudado, mandando fazer derrubadas em suas terras, como tive occasião de observar.

O primeiro colono desta classe a quem visitei foi o de nome Huber, o qual, achando-se vantajosamente situado para poder obter fabricas movidas por agua do Ribeirão de S. Jacintho, tratou logo de o conseguir, e effectivamente já possue um engenho de seis mãos e mais pertences para fabricar farinha de milho, affirmando-me o dito colono que actualmente estava fabricando por dia cinco saccos de farinha, que vendia em Philadelphia por 4$500 cada alqueire, e que não daria por 3.000$ a sua colheita

do ultimo anno. Este colono me declarou que quando viera de sua patria trouxera um peculio apenas de 400$. e que em seus principios não tivera da companhia outros auxilios além dos que ella costumava e actualmente costuma a dar em geral aos seus colonos: informando-me sobre elle em Philadelphia, soube que é um colono muito activo e industrioso, e que tinha contrahido empenhos fóra da companhia para construir a sua fabrica.

Pede comtudo a exactidão que declare que este colono é tão sómente um exemplo do que póde conseguir no Mucury o homem activo e industrioso, mas que o seu estado de prosperidade não deve ser tomado como regra, porque tão bem estabelecido como elle não vi outro, se bem que tivessem affirmado pessoas de confiança que os ha: entretanto os outros colonos desta classe que visitei estão vivendo na abundancia e satisfeitos, colhendo mantimentos sufficientes para sua subsistencia e para venderem, e possuindo pela maior parte uma melhor casa do que a do colono Huber, que apenas agora projecta fazer a sua habitação definitiva. O numero destes colonos é de 200 approximadamente.

Além destes colonos, ha nos tres ribeirões outros que apenas teem de 8 a 18 mezes de residencia no Mucury: destes os que não interrompêrão o seu trabalho, em consequencia dos ultimos successos do Mucury pela esperança de uma melhor posição, estão bem principiados e satisfeitos, tendo já feito uma boa colheita de feijão, e possuindo muitas outras plantações de especies alimenticias, que já os poem acobertos da necessidade.

Neste caso estão, entre outros, os colonos de nomes Carlos Hartevick. Wittich, Loriotz. Lander, Schmidt, Mauricio Kuntze e Alfredo Walker: nas proximidades, porém, destes, e, por assim dizer, a seu lado, estão alguns que quasi nada teem feito, e que ainda se achão fascinados pelos sonhos dourados das campinas do Rio-Grande do Sul, e esperançados que o governo os haide mandar buscar para os estabelecer alli com todas as commodidades da vida.

E' entre estes colonos que estão os queixosos da companhia; queixão-se de tudo, e até da insalubridade do logar: mas, deixando de parte esta queixa, contra a qual protestão o bom estado de saude dos proprios colonos, e dos outros que vivem e prosperão a seu lado, e o facto bem averiguado de ser ao contrario o clima de Philadelphia e seus arredores benigno e salubre, vou dar conta a V. Ex. das queixas que me fizerão, e do que póde haver nellas de procedente

Queixão-se de que a companhia não lhes fornece a porção de carne a que se obrigou pelo contrato, dando-lh'a sómente aos domingos, e mesmo assim cheia de ossos Esta arguição é fundada quanto á quantidade; a companhia obrigou se pelo contrato a adiantar a cada



colono 16 libras de carne secca por mez, mas fornece-lhes muito menor quantidade de carne verde sómente aos domingos. Devo entretanto accrescentar, por amor da exactidão, que aquelles colonos que tinhão recomeçado o trabalho, resignados a permanecer no logar, ainda que desgostosos, não insistião muito nesta queixa.

Pedindo esclarecimentos a este respeito ao agente da companhia, disse-me elle que, sendo difficil conduzir a carne secca até Philadelphia, em consequencia de ter crescido a importação de generos de commercio, a companhia dava carne verde, e que não a fornecia em maior quantidade pela grande difficuldade em obter gado em Philadelphia; mas que por accordo com os colonos lhes fornecia em substituição 1$ mensaes por cada colono, para assucar e café, que a companhia não se obrigou a fornecer, o que verifiquei ser exacto, examinando os contratos e as cadernetas dos colonos.

A' excepção da carne, todos os generos são fornecidos na conformidade dos contratos.

Queixão-se tambem estes colonos da má qualidade dos generos; mas verifiquei, não só em poder delles, como no armazem da companhia, que erão iguaes aos generos do commercio em Philadelphia, excepto o toucinho. Este genero falta ás vezes ahi, por não descerem tropas de cima, e chega então a preços excessivos. Informou-me o agente da companhia que nestas occasiões tem lançado mão dos porcos alli mesmo criados, os quaes não dão tão bom toucinho como o que vem de cima. Esta falta a respeito do toucinho é talvez a maior na opinião do geral dos colonos.

Outra queixa dos colonos modernos, mas que já colhem alguma cousa, é que não podem vender os seus productos, porque na povoação achão mui pouco por elles, e a companhia não os quer comprar, preferindo compra-los aos brasileiros.

Posto que a companhia não tenha contrahido a obrigação de comprar os generos de producção dos colonos, mas sómente transporta-los ao Rio de Janeiro mediante o frete de 800 rs. por arroba, comtudo me parece que, por equidade e por interesse proprio, não deve deixar de preferir compra-los aos colonos estrangeiros, os quaes são seus devedores. Por isso questionei sobre isto o agente, o qual me respondeu dizendo que não era fundada esta queixa, e mostrando-me alguns assentos de pagamentos feitos a colonos por compra de generos; accrescentando que só áquelles que exigião preços exagerados pelos mantimentos é que se tinha recusado a compra los; que o feijão tinha estado em Philadelphia no anno passado muito caro, mas que, tendo baixado de preço este anno em consequencia de ser abundante a colheita, os colonos exigião o preço do anno passado.

Ora, sabendo-se que a companhia tem comprado grandes porções de mantimentos a alguns fazendeiros estabelecidos em Philadelphia, não me tranquillisou de todo a explicação do agente, salvo o credito que elle merece, visto que na apreciação do justo preço de uma cousa póde qualquer enganar-se de boa fé; porém o facto que vou narrar parece decidir a questão em favor do agente.

No Ribeirão de Santo Antonio é que estão collocados os colonos chamados do governo, isto é, aquelles que forão mandados para o Mucury pela Associação Central por ordem do governo: são estes os que estão geralmente mais atrazados, tendo-se já retirado a maior parte. Entretanto o colono Lander, que acima apontei como acoberto de necessidade, é desse numero.

Passando pelo sitio deste colono, observei todos os signaes do homem industrioso e trabalhador: havia uma bella e extensa roça de feijão já em termos de ser colhido, e muita plantação de hortaliças, de legumes e de diversos vegetaes, que são um poderoso auxilio para a alimentação do lavrador.

Pareceu-me, pois, que ia ver um colono satisfeito; mas ao contrario vi um homem quasi desesperado; desatou uma atadura que tinha em um pé, e mostrou-me dous dedo horrivelmente mutilados pelos bichos dos pés, que elle não tem sabido convenientemente tratar, e disse me em duas palavras que tinha muito que comer, mas que nem roupa e nem mais nada tinha; porque na povoação lhe querião dar uma insignificante quantia pelo seu feijão, e que a companhia lh'o não comprava; e, tornando-lhe eu que o fosse levar ao agente, que o compraria, respondeu-me que já lh'o tinha offerecido e que elle lh'o recusára.

No dia seguinte, que foi um domingo, vindo este colono á povoação, appareceu-me já mui tranquillo; e em presença do agente da companhia negou que me tivesse dito que já lhe tinha feito offerta do seu feijão, affirmando que o que me dissera fôra que um colono é que lhe tinha asseverado que a companhia não queria comprar os generos dos colonos estrangeiros.

Se eu tivesse estado só, talvez duvidasse de mim; mas tive o testemunho do Sr. Innocencio de Menezes Vasconcellos de Drummond, que me acompanhára como interprete, e que ouviu tão bem como eu a queixa do colono, o qual se exprimia em francez.

Escusado é dizer que este colono é do numero dos que se querem retirar; pelo menos assim m'o disse na occasião da minha visita; mas estou persuadido que se ha de arranjar, porque é trabalhador e industrioso: o seu estado physico e os rudes trabalhos pelos quaes o colono é obrigado a passar nos primeiros tempos do seu estabelecimento teem certamente influido no seu moral; mas com o restabelecimento da saude



e a cessação dos serviços mais arduos é natural que lhe venha a confiança no seu futuro.

Os colonos tambem se queixão (e esta queixa é quasi geral) de que as suas terras não estão convenientemente medidas e demarcadas, como a companhia lhes prometteu, o que já tem dado logar a questões entre alguns.

Isto é com effeito assim: no Ribeirão de S. Benedicto vi um colono de 8 mezes, novo, muito bem principiado, que já começava a ter duvidas com um seu vizinho por causa dos limites das suas terras.

A companhia se obrigou com effeito a medir e demarcar os prazos dos colonos pelos quatro lados: é uma obrigação que se deve apressar em cumprir emquanto é tempo, pois esta falta póde para o futuro ser origem de inimizades profundas e interminaveis questões entre os colonos, o que deve retardar o progresso da colonia.

Tambem os colonos accusão a falta de um pastor protestante, de mestres de primeiras letras e de medico.

A falta de pastor protestante existe; mas já se acha prompta em Philadelphia uma casa de oração bem decente para os dissidentes da religião catholica. A presença de um pastor protestante é uma necessidade que tem custado a ser provida no Mucury, como em toda a parte.

A falta de mestre de primeiras letras e de medico tambem existe até certo ponto.

Ha em Philadelphia duas escolas de primeiras letras, mas os professores são pagos pelos pais dos alumnos; uma dellas é frequentada por sete e outra por doze discipulos, numero muito abaixo do que deve haver de meninos só dentro da povoação em idade de aprenderem as primeiras letras.

Um dos professores não tem as habilitações necessarias, o outro parece-me possui-las. Estas escolas, mesmo assim, só podem aproveitar aos moradores da povoação. Em Santa Clara nada ha a este respeito; mas a população ahi é ainda fraca (87 pessoas).

Quanto ao medico, direi a V. Ex. o seguinte: ha no districto de Philadelphia dous; um, o Dr. Manoel Esteves Ottoni, que mora em sua fazenda a 2 1/2 leguas da povoação para o lado da estrada, e outro, o Dr. Ernesto Benedicto Ottoni, que reside na povoação. Este ultimo tem um contrato com a companhia para visitar os colonos dentro do povoado mediante 1$ á receita; e consta-me que ambos por humanidade não se recusão a visitar algum colono doente em sua casa, como tive occasião de ver praticar o Dr. Ernesto, prestando-se, a pedido do agente da companhia, a ir visitar a mulher de um colono que lhe noticiei estar doente no Ribeirão de Santo Antonio.

Mas, sendo já crescido o numero de colonos nos arredores de Phi-

ladelphia, e devendo naturalmente augmentar, entendo que o contrato com o Dr. Ernesto não satisfaz a necessidade de acudir ao colono que enferma, principalmente nos primeiros tempos da sua chegada, e que tambem não a póde satisfazer a caridade de ambos aquelles medicos, por maior que possa ser.

Verdade é que a companhia não se tem compromettido a tratar dos colonos nas suas molestias, mas é um compromisso que julgo deve tomar a si, ao menos até um certo tempo.

Não é raro, antes muito commum, que o colono soffra em sua saude nos primeiros tempos de sua chegada só por effeito da mudança de clima, de alimentos e de habitos; e se elle, baldo de recursos pecuniarios e de experiencia acerca da molestia, a qual ás vezes com facilidade se cura applicando-se-lhe os remedios convenientes, é abandonado a si proprio, é facil succumbir.

Entendo, portanto, que é uma necessidade haver em Philadelphia um medico especialmente encarregado de tratar gratuitamente dos colonos doentes, ao menos durante os primeiros dous annos da sua chegada.

Dos ultimos colonos chegados ao Mucury, vindos no *Elisa*, no *Lahore* e no *Christiansund*, e que se forão estabelecer nas immediações de Santa Clara, só ficárão tres familias e um solteiro, os quaes se achão satisfeitos, bem como os outros colonos mais antigos, havendo alguns já bem estabelecidos. Esta localidade não é propria para o estabelecimento de colonos europeus, por ser sujeita a febres intermittentes no tempo das aguas: entretanto as familias que ahi se achão estabelecidas, principalmente as portuguezas, se teem dado bem. Depois de mais descobertas as matas é natural que o clima se torne mais benigno, como geralmente acontece.

Em Santa Clara nenhum colono me manifestou desejos de se ritirar: em Philadelphia, porém, além daquelles de que já tratei, e que se queixárão de tudo, e até da insalubridade do clima, alguns me allegárão que erão officiaes de officios mecanicos, que tinhão vindo na intenção de exerce-los, e que não se entendião no serviço da lavoura: entre elles havia um, homem de 60 e tantos annos, que me affirmou que em toda a sua vida não tinha sido senão veterinario.

No numero de colonos de que tenho tratado não incluo os trabalhadores chins, os quaes se achão na estrada, no logar denominado Caixa de Pedra, e destacados em diversos logares della: vi alguns destes homens occupados no serviço da reparação da estrada, e me parecêrão vigorosos de saude e satisfeitos. Informou-me um dos feitores destes chins que havia muitos dentre elles bons trabalhadores, e que o segredo de obter bons resultados do serviço desta gente consistia em não se contrariar muito os seus habitos, tolerando-os mesmo até certo ponto no eu defeituoso methodo de trabalho.



Tendo até aqui exposto a V. Ex. as principaes queixas dos colonos e o que me pareceu haver nellas de verdadeiro e procedente, vou dizer com franqueza a minha opinião acerca da colonisação do Mucury, e é que o colono que se estabelecer nas immediações de Philadelphia até o Ribeirão d'Arêa, donde começão as terras de melhor qualidade, e for trabalhador e industrioso, ha de conquistar uma posição e fazer fortuna; não posso deixar de formar esta opinião quando observei entre os colonso modernos (de oito mezes) ao lado de um que quasi nada tinha feito, outro que apresentava resultados taes que me sorprendêrão, accusando todos as mesmas faltas; e nem póde demover-me desta opinião a defecção por que acabava de passar a colonisação no Mucury, em consequencia da retirada de muitos colonos no principio deste anno.

A retirada desses colonos começou em Santa Clara, onde se derão causas especiaes para isso, sendo a principal dellas que forão ahi estabelecidos já de má vontade, por não haver a companhia podido accommoda-los em Philadelphia, em consequencia de ter recebido um excesso de colonos com que não contava. A esta causa já bem poderosa se vierão juntar outras, como seja a má qualidade dos colonos, que em grande parte não erão lavradores, e terem chegado ao Mucury no rigor do verão, em um anno em que a secca foi extraordinaria, e o erro commettido em consentirem que elles fizessem suas habitações e lavoura a beira da estrada, e não ao lado dos ribeirões que correm em suas terras; occasionando assim que muitos não podião obter agua senão buscando-a na distancia de 200 a 400 braças nos ditos ribeirões.

A difficuldade em obter agua no rigor de um verão extraordinario, cujos effeitos se fazião sentir ainda mais por ser geralmente secco e arenoso o terreno em que os colonos estavão estabelecidos, seria por si só sufficiente para desanimar a qualquer, se alli mesmo e tão perto não tivessem o meio de sahir desse embaraço, mudando-se para perto d'agua; o que não fizerão, obstinando-se antes em se agglomerar no rancho commum e em uma pequena casa no logar chamado Bella-Vista, convertendo esses dous logares em dous focos de infecção.

Com taes elementos, a epidemia que houve, fazendo degenerar em typhos as febres intermittentes, proprias do logar, é um facto que naturalmente se explica.

A outras causas não posso eu attribuir a defecção dos colonos de Santa Clara, sendo certo que nunca lhes faltou o alimento, pois alguns generos, de que houve falta por pouco tempo, forão substituidos po outros, de que havia abundancia no armazem da companhia, como farinha de trigo, que lhes foi distribuida com profusão, bacalháo, etc.

Se os colonos tivessem procurado conjurar a crise, muito provavelmente o terião conseguido; e a prova está em que os mais antigos, que

vivião em suas casas, fóra dos focos de infecção creados por aquelles, a atravessárão quasi incolumes, não tendo succumbido um só.

Se em Santa Clara se derão as causas que ficão apontadas para a defecção dos colonos, outro tanto não succedeu em Philadelphia, onde o clima é benigno, e não houve epidemia e nem falta de mantimentos, estando todos situados em logares convenientes nas margens dos ribeirões. Estes colonos forão evidentemente arrastados pela torrente que se desprendeu em Santa Clara, e seduzidos com promessas fallazes, que imprudentemente lhes fez alguem servindo-se do nome do governo.

Com os successos do Mucury, dos quaes V. Ex. tem perfeito conhecimento, a colonisação estrangeira soffreu muito ahi, e os seus effeitos terão ainda de durar por algum tempo; mas estou que se hão de extinguir, applicados que sejão os meios convenientes.

Um destes meios é, segundo minha opinião, pelo que vi e ouvi, entregar-se ao colono o seu lote de terra com uma pequena derrubada que chegue para a sua primeira plantação. Deste modo o colono, que tem de lutar a principio com todos os inconvenientes da mudança de clima, de alimentos e de habitos, não terá de começar logo pelo trabalho mais arduo, e além disto desconhecido para elle, qual é a derrubada, evitando-se assim que possa succumbir a essa rude prova, como a alguns tem acontecido. Além disto, a satisfação de obter a sua primeira colheita sem muito esforço o deve animar e preparar para no segundo anno, já meio aclimatado, poder emprehender o pesado serviço de abater as nossas matas. E' uma despeza de mais, é verdade, e que terá de augmentar a divida do colono, mas despeza que terá de ser muito productiva, tanto para este como para o emprezario.

Tendo manifestado a V. Ex. com franqueza a minha opinião acerca do estado actual da colonisação no Mucury e das causas a que se póde attribuir a crise por que acaba de passar, passo a outros pontos que teem relação com o futuro successo da empreza daquelle nome.

A administração geral da companhia é exercida por um director, que reside nesta côrte: no Mucury ella se divide em duas agencias, tendo uma o centro em Philadelphia e outra em Santa Clara; o Ribeirão d'Aréa é o logar onde se faz a divisão destas duas agencias, de modo que toda a estrada desde esse ribeirão até o seu ultimo limite para o centro pertence á agencia de Philadelphia, e para o mar até S. José de Porto-Alegre á de Santa Clara.

Dous caixeiros subordinados aos dous agentes são os encarregados da distribuição dos generos aos colonos; este serviço pareceu-me feito com regularidade, entregando-se ao chefe de cada familia uma caderneta, na qual são lançados no fim de cada mez os generos recebidos e os seus preços.



Sobre os recursos medicos já disse alguma cousa; agora accrescentarei que ha em Philadelphia uma botica pertencente a um particular, a qual me pareceu sufficientemente provida. E' nesta botica que são fornecidos os remedios para os colonos, lançando-se a sua importancia nas suas contas, para ser paga com a dos viveres no fim de quatro annos. Em Santa Clara os recursos medicos se limitão a uma botica, a qual se acha a cargo do agente. Esta botica pareceu-me bem provida; mas achei-a em desordem, como é natural, visto não ser o agente pessoa habilitada para a tratar.

Tambem accrescentarei acerca do culto publico que, assim como não ha pastor protestante, tambem não ha em Philadelphia um padre catholico. A igreja catholica acha-se em construcção, tendo todo ou a maior parte do madeiramento em seus logares: esta obra está sendo feita de empreitada; as suas dimensões parecêrão-me grandes de mais para o primeiro templo de uma povoação que começa; uma igreja menor ficaria prompta em menos tempo, não exigiria tanta despeza, conservar-se-hia mais facilmente, e seria sufficiente por muito tempo para as necessidades da população. Porém no estado em que se acha hoje a igreja o mais economico é acaba-la. O capellão da colonia do Urucú é que tem soccorrido os habitantes de Philadelphia com o pasto espiritual nas occasiões em que a tem visitado.

Além da população estrangeira, ha em Philadelphia muito maior numero de brasileiros estabelecidos, existindo entre estes alguns fazendeiros. Os Srs. Dr. Manoel Esteves Ottoni, Joaquim José de Araujo Maia e F. Velloso são fazendeiros de grande força: o Sr. José Ferreira dos Reis tambem possue a tres quartos de legua de Philadelphia uma bella fazenda, onde, além de muitas plantações, tem um excellente engenho de serrar movido por agua do Ribeirão Todos os Santos.

O subdelegado avalia em 4,000 almas toda a população do districto de Philadelphia: acho exagerado este numero; mas, pelos dados que me apresentou, e que parecêrão exactos, me parece que todo o districto não tem menos de 3,000 almas.

A lavoura em todo o districto de Philadelphia está ainda limitada ao milho, feijão, arroz e outros generos alimenticios, que a terra produz em abundancia, e a criação é quasi nulla; alguns fazendeiros, porém, crião algum gado vaccum, fabricão algum assucar e aguardente, e teem grandes plantações de café, que ainda não dão fructo.

Ha em Philadelphia doze casas de negocios que commercião em generos do Rio de Janeiro e da terra, além de algumas tavernas, que limitão o seu commercio aos segundos.

O commercio de exportação é por ora nullo, e o de transporte se limita aos generos que do Rio de Janeiro vão para o interior, donde só

desce algum toucinho, que se consome mesmo em Philadelphia, e algum gado.

Esta frouxidão do commercio do interior é geralmente attribuida á falta de boas estradas para fóra de Philadelphia.

A companhia transporta os generos do commercio desde o Rio de Janeiro até o Ribeirão da Pedra a 1$500 por arroba; dahi por diante ella franqueou a estrada aos particulares, os quaes os transportão em seus carros até Philadelphia a 3$ por arroba, vindo assim cada arroba de carga a chegar alli com 4$500 de frete. Não havendo generos de commercio a exportar, o frete para o Rio de Janeiro não tem preço certo.

Em 1852 é que se começárão a abrir as primeiras picadas para communicar o municipio de Minas-Novas e outros do norte da provincia de Minas-Geraes com o litoral pelo rio Mucury. Este arduo trabalho foi emprehendido em pessoa pelo Sr. Theophilo Benedicto Ottoni, actual director da companhia do Mucury, e pelos Srs. Joaquim José de Araujo Maia, Dr. Manoel Esteves Ottoni, Augusto Benedicto Ottoni e outros, os quaes se achão hoje estabelecidos como fazendeiros nas immediações de Philadelphia.

Portanto, muito posteriormente áquella época de 1852 é que a povoação de Philadelphia começou a ter existencia; entretanto já contém ella actualmente 129 casas habitadas, todas cobertas de telha, sendo 48 bem construidas e espaçosas e 81 pequenas e mal edificadas: além destas tem mais 36 em construcção, mas já cobertas, além de outras apenas começadas. Não entrão neste numero um bom armazem que a companhia ahi possue, com dous ranchos espaçosos em cada lado, e a casa que serve de officina de carros e ferraria. A população de Philadelphia póde ser calculada em 500 a 600 almas.

Não pude verificar o valor das propriedades, porque algumas compras e vendas que teem havido de terrenos e casas teem sido feitas por escriptos particulares ou por escriptura nos cartorios dos tabelliães em Minas-Novas, em consequencia de não se achar ainda installado e provido de escrivão o juizado de paz de Philadelphia.

Do que tenho dito não se deve inferir que a empreza do Mucury possa ser deixada ás suas proprias forças; os seus 3,000 habitantes são um poderoso nucleo de população, que tende a desenvolver-se, mas para isto precisa ainda da assistencia da companhia e da protecção do governo imperial.

Assim é que me parece urgente que se trate quanto antes da reonstrucção da estrada de Santa Clara até Philadelphia e dahi para Minas-Novas; que se emprehenda a abertura de outras directamente para os pontos mais importantes do centro ao norte da provincia de Minas; realizando-se assim a esperança de ficarem mais baratos os gastos de



transporte, e que se promova a vinda de novos emigrantes trabalhadores e morigerados.

Com taes meios estou que a empreza do Mucury se ha de desenvolver com rapidez, podendo mutuamente auxiliarem-se a colonisação e o commercio do interior que se encaminhar por esta nova via de communicação aberta pelo rio Mucury: tal é a minha opinião.

Não concluirei esta exposição sem dizer a V. Ex. que muito convém tratar-se quanto antes da catechese dos indios no Mucury: vagão pelas suas matas grande numero destes infelizes, os quaes, supposto não tenhão por costume exercer actos de violencia contra as pessoas, estão frequentemente praticando depredações nas plantações dos lavradores que lhes ficão mais proximos, tendo muito soffrido com isto varios fazendeiros e alguns colonos estabelecidos na colonia militar do Urucú. Parece-me, portanto, de urgente necessidade a creação de dous aldeamentos um pouco acima da colonia militar, e outro mais abaixo, como meios efficazes para a catechese.

Tambem julgo conveniente accrescentar a esta exposição que os terrenos das margens do Mucury de um e de outro lado passão por muito ferteis, principalmente para a producção dos generos alimenticios, e, portanto, muito proprios para a colonisação de brasileiros. Estes terrenos achão-se em mato virgem: entretanto, pelo que se diz geralmente, quasi que não ha ponto que não pertença a antigos posseiros, o que obsta a que pessoas de fóra se possão estabelecer ahi.

A navegação frequente do vapor *Peruipe* de S. José de Porto-Alegre para Santa Clara e vice-versa deve facilitar o estabelecimento de lavradores brasileiros nas margens do Mucury, e, segundo ouvi geralmente dizer, alguns lotes de terras que fossem ahi medidos acharião facilmente compradores. Esta providencia traria além disto a vantagem de extremar o dominio publico do particular nas margens do rio, cujos terrenos devem augmentar de valor em uma época não muito remota se essa providencia fôr tomada, e, se, como é possivel, a navegação fluvial a vapor continuar.

A camara municipal de Porto-Alegre possue de seu patrimonio quatro leguas em quadro de terras na margem do rio do lado do norte, as quaes se achão medidas e demarcadas.

Todas estas terras, que ficão á margem do rio, estão aforadas, porém mui poucos são os lotes cultivados, constando-me que os foreiros que não cultivão os seus teem exigido por elles preços exhorbitantes a algumas pessoas de fóra que os teem procurado.

São estas as informações que me occorre dar a V. Ex., em desempenho da commissão com que me honrou. Se não tive a fortuna de attingir as vistas do governo imperial, espero ser desculpado, em attenção

á minha boa vontade, achando-me prompto a prestar quaesquer outras informações que V. Ex. exigir, e que estiverem a meu alcance.

Deus guarde a V. Ex. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1859.— Illm. e Exm. Sr. conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio.

SEBASTIÃO MACHADO NUNES.

---

# APPENSO — D

## OFFICIOS

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de apresentar a V. Ex. a inclusa nota das despezas feitas com os colonos da Associação Central de Colonisação enviados para o Mucury de ordem do governo imperial.

Tres são as categorias dos colonos da Associação Central a que se refere a conta: 1ª, colonos que continuão a residir no Mucury; 2ª, ditos que fugirão; 3ª, ditos que forão retirados do Mucury por ordem dos diversos commissarios que o governo alli mandou no anno de 1859.

Vão tambem incluidas na conta as dividas dos colonos da companhia que forão retirados do Mucury por ordem dos commissarios do governo imperial. A quasi totalidade dos colonos desta categoria pertence ao numero dos importados no navio *Christiansund*, dos quaes o commissario do governo, o fallecido F. A. Lachmund, trouxe parte em sua companhia no vapor *Tieté* e parte ordenou que viesse o mez seguinte no vapor *Mucury*, allegando o dito commissario que estes colonos havião sido enganados na Europa, promettendo-lhes o agente, o Dr. Schmidt, em Hamburgo, envia-los para o Rio-Grande, e mandando-os para o Mucury sendo que foi com estas razões que o sobredito Lachmund justificou perante o governo imperial a mudança dos colonos do *Christiansund* do Mucury para o Rio-Grande. E, bem que tal allegação não fosse senão um dos ardis com que o Dr. Lallemant, inculcando-se commissario do governo imperial, procurou anarchisar os colonos do Mucury, não havendo os colonos feito queixa alguma, e tendo Lachmund apenas repetido o que ouviu ao Dr. Lallemant, no emtanto, eu, apenas alli appareceu o referido Lachmund no caracter de commissão do governo imperial, como foi communicado em aviso da repartição geral das terras publicas, deixei-o no Mucury com ampla liberdade de acção, retirando-me e dando ordem aos meus agentes que em tudo e por tudo obedecessem ao commissario do governo imperial, e assim opportunamente o communiquei por escripto ao digno antecessor de V. Ex.

O commissario mandou sahir os colonos que bem lhe pareceu, sem que eu tivesse os meios de evita-lo. Que a tal allegação de mudança de destino para os colonos do *Christiansund* era uma pura invenção se prova pelo contrato que todos assignárão em Hamburgo. Nesses contratos se declara expressamente que os colonos se engajão para as colonias do Mucury. Todos os contratos em que vem especificada a divida de cada colono existem no escriptorio da companhia, e serei prompto a fazer entrega delles a quem V. Ex. determinar.

Devo informar a V. Ex. que, sem excepção de um só, os colonos mencionados nas diversas categorias como tendo sido retirados do Mucury por ordem dos commissarios entrárão para a hospedaria da Asso-

ciação Central, de cujos archivos consta que são procedentes do Mucury.

Da conta geral, na importancia de 34:314$342, deve ser abatida a somma de 12:000$, que o governo havia adiantado á companhia para fornecimento dos viveres aos colonos, vindo a ser o saldo devido á companhia de 22:314$342, que rogo a V. Ex. se sirva mandar pagar.

Deus guarde a V. Ex. Escriptorio da companhia do Mucury, em 10 de janeiro de 1860. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, muito digno presidente do conselho e ministro interino do imperio.

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI,

director da companhia do Mucury.

---

Illm. e Exm. Sr. — Regressando de uma viagem que acabo de fazer ao Mucury, tive conhecimento do aviso de 23 de janeiro passado, em que V. Ex. determina que eu diga o que se me offerecer sobre uma representação que alguns colonos do Mucury (46) dirigirão ao governo imperial em data de 31 de dezembro findo. Esta representação vem assignada por Augusto Hirle e Henrich Frick, commissionados pelos outros 44 colonos, que pedem ao governo imperial as seguintes graças: 1ª, que os generos produzidos pelos colonos durante 10 annos sejão comprados pela companhia do Mucury; 2ª, que lhes seja concedido um mestre de primeiras letras allemão, um cura tambem allemão e uma parteira allemã; 3ª, que se lhes vertão para o allemão as leis do imperio; 4ª, que o meio circulante da colonia seja sómente composto de notas do thesouro; 5ª, que se lhes entregue os documentos respectivos das terras por elles possuidas, importando a plena propriedade das mesmas; 6ª, que se lhes especifique o *quantum* do juro que teem a pagar pelos adiantamentos a elles feitos pela companhia.

Quanto á primeira pretenção, cumpre informar primeiro que tudo a V. Ex. que os colonos até o anno passado muito pouco levárão ao mercado de Philadelphia de productos de sua industria; mas que a companhia lhes deu sempre preferencia, comprando-lhes pelo preço do mercado e ás vezes por mais.

Que este anno os colonos em geral tiverão uma boa colheita de milho, e que a companhia se offereceu a comprar toda, á razão de 2$500 ao alqueire, e que os colonos recusárão aceitar, esperando obter no mercado maior preço.

Que os mesmos colonos podem exportar para o Rio de Janeiro, pa-



gando sómente 800 rs. de frete, todos os generos de sua lavoura; e, bem que não lhes convenha exportar milho, podem converter este genero em toucinho e exporta-lo para o Rio, como o fazem muitos districtos de Minas, sendo de notar que não ha na provincia de Minas-Geraes uma só povoação que não diste da costa muito mais do que Philadelphia.

Que actualmente não convém aos colonos exportar toucinho, porque para o pouco que ora preparão é Philadelphia um mercado muito melhor que o Rio de Janeiro, porque os colonos lá teem obtido 20$ por arroba, sendo este preço excepcional consequencia da fome que reina nas lavras de Sincorá, para onde se teem remettido dos terrenos adjacentes ao Mucury grandes porções de toucinho.

Que é certo que todos os outros generos de primeira necessidade estão por baixo preço, em razão de se haverem retirado do Mucury, por motivos que o governo imperial póde apreciar melhor do que ninguem, grande numero de colonos estrangeiros, para os quaes a companhia teria de comprar viveres, e de colonos nacionaes, que os estavão comprando emquanto se estabelecião, e que se retirárão do Mucury assustados com as noticias que lá foi propagar um homem perverso, assoalhando que a companhia estava quebrada e que o governo imperial lhe havia retirado sua protecção.

Que, finalmente, esta primeira reclamação nasce das suggestões desleaes do Dr. Lallemant, que, apparecendo naquella colonia e inculcando-se commissario do governo imperial, convidou os colonos para se mudarem todos para o Rio-Grande, exaltando-lhes a fantasia com as vantagens que podião obter naquella provincia e com os favores que lhes promettia em nome do mesmo governo imperial. Estas allegações estão comprovadas pelo respeitavel testemunho do ultimo commissario que foi á colonia do Mucury de ordem do governo imperial, o Exm. Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes, para cujo imparcial relatorio, impresso na parte official do *Jornal do Commercio* de 21 do mez de outubro do anno passado, eu tomo a liberdade de chamar a attenção de V. Ex.

Emquanto á segunda, são os proprios queixosos que se encarregão de justificar a injustiça de suas queixas, porquanto no protocollo ou quer que seja que vem annexo á sua representação confessão por estas formaes palavras terem escola de primeiras letras: « Possuimos na verdade uma escola elementar, mas isto não é sufficiente, pois não podemos muitas vezes mandar nossos filhos atravez de duas leguas de mato virgem. » O certo é que estabeleci em Philadelphia uma escola gratuita para os filhos dos colonos, de que é professor o colono Bagges, que falla não só o allemão como o inglez e o francez, sendo que Philadelphia estando no centro da colonia, a grande maioria dos meninos tem de andar

menos de meia legua para virem á escola, e isto não por mato virgem, mas por estradas boas e povoadas, sendo tambem certo que alguns poucos colonos que morão não só a 2 como a 4 e mais leguas de distancia não podem mandar seus filhos á escola, o qual inconveniente os pais procurarão remediar como Deus lhes ajudar. Quanto ao cura, tambem confessão os queixosos já se estar preparando o templo para o receber, e eu devo accrescentar que, em vez dos 400$ que o governo imperial consignou para gratificação do cura, mandei offerecer 600$ e outras vantagens, e espero obter um cura para a igreja de Philadelphia. Mas eu podia responder simplesmente aos signatarios, que tanto fallão em contrato, que não me compromettí nos meus contratos com os colonos e nos programmas que se publicárão na Europa a dar gratificação alguma aos seus curas. Quanto á pretenção de parteira, acho-a ridicula.

Quanto á terceira, não estou resolvido a estabelecer no Mucury uma aula de direito patrio para os meus colonos, mas confessarei a V. Ex. que me parece uma idéa aproveitavel, e que fôra de vantagem que o governo imperial mandasse traduzir em alle não a constituição e o codigo criminal, bem como alguma lei mais, e as mandasse distribuir pelas colonias. Em alguns estados do oeste da União-Americana as leis publicão-se em inglez e allemão simultaneamente.

Emquanto ao quarto, não comprehendo o seu alcance. O meio circulante da colonia é a moeda legal do imperio; mas, como a companhia tem os seus fundos no Banco Rural e Hypothecario, paga muitas vezes o que deve em Philadelphia em *cheques* de diversos valores, que o Banco Rural nunca deixou de honrar; mas mesmo esses *cheques* os dá a companhia sómente a quem não exige moeda legal.

Emquanto ao quinto, os colonos estão estabelecidos em geral ao longo dos rios e ribeirões, e cada lote de terras, que deve ter 150,000 braças quadradas, tem 100 braças de frente demarcadas na linha geral do rio e 100 braças marcadas perpendicularmente. Por convenção com os colonos, cada um se obrigou a prestar se ao engenheiro da companhia para completar a medição dos lotes pelo preço de 25$, e o engenheiro da companhia, Roberto Schlobach, está actualmente encarregado desse trabalho, sem o qual é impossivel passar um titulo regular de cada lote. Mas todos os colonos teem consciencia de que estão na sua propriedade, e dá-se a cada momento o facto de venderem alguns colonos os lotes que occupão pelo quadruplo e por mais do que o preço por que os comprão á companhia.

Emquanto á sexta, para provar a V. Ex. que esta representação de colonos não é originaria da colonia, mas em grande parte invenção de intrigantes da côrte, bastará ponderar a V. Ex. que nos contratos



feitos com os colonos, contratos de que elles teem um exemplar assignado por mim ou pelos meus agentes na Europa, se estabelece terminantemente que os adiantamentos e todas as dividas dos colonos teem de ser pagas á companhia em 3 e 4 annos sem premio algum, tendo o colono direito a um respiro de mais dous annos com o modico juro de 6 %. Ora, tendo cada colono o seu contrato, não se tendo ainda exigido de nenhum o pagamento de principal e menos de juros, está claro que da parte dos colonos seria inteiramente extravagante uma tal reclamação, que por isso eu supponho redigida aqui na côrte por intrigantes que são agentes da propaganda Lallemant.

Tendo informado acerca dos capitulos assignados pelos commissarios dos queixosos, eu podia deixar á margem o *embroglio* que acompanha o referido documento, e que vem a ser uma especie de acta da reunião que em Philadelphia fizerão os queixosos; mas desejo fazer algumas observações a respeito.

Teem os queixosos o desembaraço de affirmar que todos, sem excepção, estão doentes.

A esta asserção opporei simplesmente as palavras do relatorio do Exm. Sr. Dr. Machado Nunes, para o qual chamo novamente a attenção de V. Ex.

Diz o Sr. Dr. Machado Nunes: « E' entre estes colonos que estão os queixosos da companhia; queixão-se de tudo, até da insalubridade do logar; mas, deixando de parte esta queixa, contra a qual protesta o bom estado de saude dos proprios colonos e de outros que vivem ao seu lado, e o facto bem averiguado de ser ao contrario o clima de Philadelphia e seus arredores vizinhos benignos e salubres, vou, etc., etc. »

Acerca da qualidade dos mantimentos eu podia limitar-me á declaração de que nenhum colono de Philadelphia tem direito actualmente a receber viveres da companhia; que se alguns se fornecem é mero favor: mas folgo de poder desmentir esta cavilosa accusação com o mesmo testemunho do Exm. Sr. Dr. Machado Nunes, cuja respeitavel autoridade invoco novamente, e que foi no relatorio muito explicito acerca desta queixa.

Devo accrescentar que no principio deste anno publiquei no Mucury em portuguez, francez e allemão uma declaração assignada por mim, na qual concedo a todos os colonos, quaesquer que tenhão sido os prazos estipulados nos contratos para pagamento das dividas dos mesmos, seis annos livres de juros e mais dous annos de respiro com o modico juro de 6 %.

Diversas outras concessões garanti aos colonos, declarando, porém, que tudo sómente teria vigor em favor daquelles que no fim do anno de 1861 existissem no Mucury occupados com a sua lavoura.

Dessas concessões a mais importante é relativa ao premio de 37$500 por adulto e 22$500 por menor.

No protocollo da reunião dos queixosos vem articulada a accusação de que a companhia recebeu um premio do governo imperial e não o tem distribuido aos colonos, ou sómente tem contemplado a alguns, abatendo nas suas contas o premio recebido. Estas accusações apparecêrão, como as outras, depois da fatal viagem do Dr. Lallemant, que não poupou embustes ou calumnias para desacreditar a companhia.

V Ex póde verificar pelos contratos e pelas contas da repartição geral das terras publicas que a companhia não pôde obter do governo imperial o favor da subvenção senão em 1858, e para os colonos que chegassem depois de agosto do mesmo anno. V. Ex. póde verificar pela mesma repartição que effectivamente só recebi a subvenção para os colonos da expedição do navio *Christiansund* e do *Elise*, e para mais alguns poucos isolados que importei no anno de 1859. E, como pelo contrato com os colonos a companhia não tinha contrahido obrigação alguma de dar lhes subvenção, e demais a grande maioria dos importados de agosto de 1858 por diante, contra minhas terminantes ordens, havião recebido na Europa um adiantamento muito superior ao que as instrucções autorisavão os agentes a conceder, por isso a estes colonos annunciei simplesmente o favor que havia alcançado em seu beneficio, mas abati a importancia da subvenção na divida delles, e sómente recebêrão a subvenção em dinheiro aquelles que chegárão com suas passagens pagas. E' um favor com que nenhum dos que o recebêrão no Mucury contava na Europa.

Mas o facto de receberem subvenção alguns dos recem-chegados e de fazer-se nas dividas de outros a reducção correspondente excitou desconfianças no animo dos antigos colonos. Bem podia ser que alguma vez fallasse verdade o Dr. Lallemant, pensárão alguns, e muitos tratárão de reclamar a subvenção, como se a companhia a tivesse recebido. O carvão da calumnia quando não queima negreja, bem o sabia o commissario Lallemant. A maioria aceitou as minhas explicações, mas pela minha parte, para cortar todos os motivos de desintelligencia com os colonos, e como lhes declarei, em signal de gratidão para os que não se tinhão deixado seduzir pelas calumnias do doutor, garanti que no ajuste de contas abateria a todos os que permanecessem no Mucury a importancia da subvenção, como se a tivesse recebido do governo imperial, na esperança de que o governo na liquidação do emprestimo que fez á companhia levaria em conta esse abatimento que prometti.

Aos colonos de S. Jacintho, visto haverem umas 20 ou 30 familias que estão a mais de uma legua de Philadelphia, garanti tambem uma gratificação de 300$ annuaes para mais um mestre de primeiras letras.



Se V. Ex. ler com attenção o que se escreveu no protocollo acerca do medico conhecerá o valor das diatribes sobre esse objecto. Primeiramente é notavel que, sendo o medico da colonia tão invectivado no protocollo, os deputados na sua representação final (a que já respondi) suprimissem qualquer pedido a respeito. Os colonos de Philadelphia só pela mais negra ingratidão podem articular queixas contra o Dr. Ernesto Benedicto Ottoni, medico que ha tres annos os trata com exemplar caridade; mas, coitados! não são elles os culpados, mas sim o charlatão, que, não podendo fazer fortuna no Rio de Janeiro, assentou de viver vida folgada á custa do thesouro do Brasil, e que especula e bate moeda sobre a diffamação e a calumnia.

Permitta-me V. Ex. que eu aqui transcreva o que mandei publicar no jornal *Brazilia*, de Petropolis, em resposta a um libello famoso que acerca do Mucury publicou na Europa o Dr. Lallemant, na parte em que procurei desaggravar a reputação do Dr. Ottoni, abocanhada torpemente pelo mesmo Lallemant. *(Vide pag. 37 do appenso B)*

Eis a resposta que dei ás diatribes do Dr. Lallemant contra o Dr. Ernesto Ottoni, diatriabes ora reproduzidas no protocollo dos colonos. E permitta V. Ex. que eu ainda commemore um facto que consta da repartição das terras.

O anno passado lavrou uma epidemia na colonia militar, e, o governo não tendo medico alli, o Dr. Ernesto Ottoni veiu de Philadelphia tratar dos colonos da colonia. V. Ex. achará na repartição geral o aviso do director da colonia participando a viagem do Dr. Ottoni e os seus fins, mas não achará nas contas da colonia despeza alguma com os honorarios do doutor, que nem ao menos recebeu por este favor um simples agradecimento.

Nem veiu elle soccorrer os colonos com a mira em qualquer recompensa.

A rectidão de V. Ex. facilmente reconhecerá que um medico que faz espontaneamente uma viagem de 12 leguas para vir soccorrer doentes que o não chamárão não póde ser remisso em acudir áquelles por cujo tratamento recebe uma remuneração, por pequena que seja.

Como ha diversos colonos que teem escripto para a Europa protestando contra o libello do Dr. Lallemant, e que não teem querido fazer causa commum com as exigencias de uma minoria turbulenta, não admira que sejão elles atassalhados no protocollo dos desordeiros.

Assim, o colono Kern, boticario e fazendeiro em Philadelphia, e que na falta do Dr. Ernesto Ottoni se prestou a tratar gratuitamente dos seus patricios, é apresentado como homem falsario.

Igual imputação lanção os signatarios contra o colono Kerstein, que tem casa de negocio de fazendas, e ousão assacar lhe a calumnia de que

vive embriagado, que é idiota, e que está comprado pela companhia por 1:000$.

Esta quantia, segundo diz o protocollo, deve sahir do emprestimo dos 1,200:000$, que ao principio exaltou a phantasia e depois desafiou a *atra bilis*, se não a inveja, do Dr. Lallemant.

Veja-se a respeito o que diz este doutor no celebre libello publicado na Allemanha.

Não escapou tambem da furia dos queixosos o colono Huber, de que faz especial menção no seu relatorio o Exm. Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes, apresentando-o como typo dos colonos intelligentes e laboriosos.

Estes tres colonos, assim atassalhados pelos queixosos, chegárão ao Mucury como colonos espontaneos, com suas passagens pagas, e não recebêrão da companhia senão o adiantamento de viveres por tempo de um anno.

Não pertencem á classe dos vagabundos e criminosos de que se descartou geitosamente a policia de Potsdam, nem forão recrutados nos lupanares e tavernas de Antuerpia, como os miseraveis que dalli nos forão mandados pelos agentes da Associação Central de Colonisação.

Por ultimo, tenho a pedir a V. Ex. que tome nota das ameaças que a mim, aos meus agentes e, o que é mais, ao proprio governo imperial tiverão a insolencia de fazer os miseraveis rabiscadores do papel a que respondo. A mim e aos meus agentes elles ousão ameaçar de que, se o governo imperial não attender aos seus pedidos, sobre nós farão descarregar suas iras, ousando declarar desde já perante o governo imperial que depois hão de pedir perdão dos attentados que meditão. Ao governo imperial tratão elles com bem pouca deferencia quando lhe intimão que appellarão para os inglezes se o governo não acceder ás suas estultas reclamações.

Esta tirada tem a seguinte explicação:

Era natural que, se os colonos allemães se julgassem desprotegidos pelo governo do Brasil, recorressem para os agentes consulares e diplomaticos allemães.

Assim o fizerão elles a principio, e esta representação, que foi ultimamente presente a V. Ex., tinha sido primeiramente apresentada ao consul geral da Prussia, o Sr. Heymann, o qual, ouvindo de mim as explicações que ficão expostas, e confrontando-as com as declarações dos commissarios, que estavão presentes, gabou a minha paciencia, bem como a generosidade da companhia do Mucury, e declarou impertinentes as queixas de seus compatriotas.

Em vista desta solução, os commissarios Hirrl e Frick voltarão tranquillamente para o Mucury, como já por identico motivo tinha regressado ha mezes o colono Hoppe, que viera encarregado de identica commissão, e que teve no consulado prussiano igual indeferimento; mas os commissarios Hirrl e Frick tiverão a infelicidade de encontrar-se com agentes da propaganda Lallemant, que são os seus advogados e conselheiros, e forão estes os que os induzirão a apresentar ao governo imperial as insolentes reclamações, que só pela deferencia que devo ao governo imperial tive de tomar em consideração.



Deus guarde a V. Ex. Escriptorio da companhia do Mucury, em 9 de março de 1860.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro João de Almeida Pereira Filho, muito digno ministro e secretario de estado dos negocios do imperio.

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI,

director da companhia do Mucury.

*P. S.* Julgo dever reenviar a V. Ex. a representação a que tive a honra de responder neste officio.

---

Illm. e Exm. Sr. – Em additamento ao meu officio da data de hontem, em que informei a V. Ex. do contexto de uma celebre representação e queixa de 46 colonos do Mucury, tenho a honra de offerecer á illustrada consideração de V. Ex. um documento importante com que hoje deparei, datado de 7 de agosto do anno passado, e por consequencia só tres mezes anterior ao protocollo dos queixosos.

Este documento, escripto em allemão e traduzido em portuguez por um dos signatarios, é uma clara manifestação do contentamento em que estavão no mez de agosto os colonos de S. Jacintho. E' a participação que ao agente de Philadelphia fez uma commissão de cinco colonos que havião sido nomeados pelos outros para servirem como intermediarios em todos os negocios daquella interessante secção da colonia, que já tomava ares de emancipação, acclamando-se « freguezia Jacintho. » Esta acclamação no entender dos colonos significava que ião ter um districto de paz exclusivamente seu.

Tenha V. Ex. a bondade de ler o documento, e verá que os colonos, além do tal estabelecimento da freguezia Jacintha, nada mais reclamavão senão que fossem naturalisados cidadãos brasileiros, e que a companhia tratasse da introducção de novos colonos, mostrando-se cheios de confiança, porque entendião que o governo imperial protegia a companhia.

Sem fazer mais reclamação alguma, promette a commissão Jacintha esclarecer a opinião publica na Allemanha, no tocante ás calumnias que espiritos mal intencionados lá espalhavão contra o Mucury, e effectivamente a commissão muito escreveu para a Europa a respeito.

E note V. Ex. que desta commissão, nomeada por todos os colonos de S. Jacintho, fazia parte o colono Hirrl, que é um dos dous commissarios portadores do insolente protocollo e impertinente petição a que respondi. Este bom homem cedeu ás suggestões da propaganda infernal que o Dr. Lallemant deixou nesta côrte, e, na phrase singela e verdadeira do relatorio do Exm. Sr. Dr. Machado Nunes, foi tambem *arrastado pela torrente que se desprendeu de Santa Clara e seduzido com promessas fallazes que imprudentemente lhe fez alguem* (o Dr. Lallemant) *serviudo-se do nome do governo.*

E por esta occasião permitta V. Ex. que eu chame a sua attenção para o seguinte facto. O Exm. antecessor de V. Ex., querendo verificar o que pudesse haver de exacto nas horrorosas accusações que contra a companhia do Mucury havião feito o Dr. Lallemant e o seu cyreneu, o fallecido Lachmund, antes da viagem do Exm. Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes mandou ao Mucury tambem como commissario o actual director da colonia militar do Urucú, o Sr. tenente José Feliciano Bueno Mamoré.

E, tendo eu solicitado do Sr. Mamoré que me désse conhecimento das queixas que chegassem ao seu conhecimento acerca dos recentes acontecimentos de Santa Clara, o Sr. Mamoré, escrevendo-me a respeito logo depois de sua chegada ao Mucury, quando a memoria de todos estava ainda fresca sobre os acontecimentos havidos, com franqueza talvez rude, mas em todo caso louvavel, consignou em seu officio de abril as seguintes palavras: « Tendo ouvido a pessoas desinteressadas, posso asseverar que a maior epidemia que tem reinado nesta colonia e na de Santa Clara foi o Dr. Lallemant. »

Ora, escrevendo-me em taes termos este honrado militar, de certo terá communicado ao governo imperial curiosos detalhes, que devem habilitar a V. Ex. para aquilatar com a sua conhecida rectidão o criterio e moralidade do procedimento do Dr. Roberto Avé Lallemant na sua viagem ao Mucury, e a boa consciencia com que elle recebeu dinheiro do thesouro do Brasil para auxiliar o movimento de colonisação allemã.

Mas, voltando ao documento que motivou este meu officio, permitta V. Ex. que eu moralise cada um dos nomes dos signatarios. São os membros da commissão Jacintha, como elles se intitulão.

Dous já no meu officio de hontem e no relatorio do Exm. Sr. Dr. Machado Nunes forão mencionados honrosamente, e são os colonos



Huber e Kern. Os outros são Jessnitzer, Fridolino Böhler e A Hirrl, portador do insolente protocollo.

Jessnitzer está no Mucury ha cinco annos, comprou o lote de terras n. 2, proximo de Philadelphia, pelo preço taxado (300$), e, tendo vendido este seu lote de terras a um brasileiro por 1:600$, foi abrir nova fazenda no Ribeirão de S. Jacintho, comprando á companhia tres por 900$, unica quantia que deve á companhia.

O colono Böhler é suisso e está no Mucury desde 1856. Póde-se dizer que tem feito fortuna.

Em fevereiro do anno passado o Dr. Lallemant, visitou este colono em minha companhia. A primeira pergunta que lhe fez foi:

— « Não tem saudades das bellas montanhas da Suissa?

— « Nenhumas, respondeu o colono: nunca lá tive os commodos de que gozo aqui.

— « Quanto vendeu você o anno passado?

— « Só em batatas e arroz apurei mais de 300$.

— « Porém ha de dever muito á companhia.

— « Posso pagar minhas dividas no prazo do contrato; mas, ainda que não possa, a companhia é generosa. (*)

No dia seguinte este colono me entregou uma carta, aberta, que anteriomente á chegada do Dr. Lallemant havia escripto aos seus parentes na Europa, referindo-lhes o bem estar de que gozava, e convidando-os a emigrar para o Brasil, — mas tinha esta carta um *post-criptum* curioso. « Depois de escripta esta carta, ouvi por aqui muitos boatos de que esta companhia está quebrada; seja verdade ou não, venhão, que, em todo o caso, ficaremos debaixo da protecção do imperador. »

O colono Hirrl é, como já disse, um bom homem, mas foi o unico dos membros da commissão que se deixou seduzir, ao ponto de ser portador e orgão das calumnias que intrigantes mandárão escrever.

(*) Em março do anno passado, em um longo relatorio que dirigi ao digno antecessor de V. Ex acerca da fatal viagem do Dr. Lallemant, eu referi pelo miudo as perguntas insidiosas que fazia o doutor a cada colono, evocando-lhes as doces reminiscencias da terra natal e exagerando as privações indeclinaveis nos primeiros tempos de residencia em terra estranha e clima novo. Informei que o doutor terminava sempre as suas predicas com a intimação aos colonos de que a emigração era um crime e até um parricidio, e que por consequinte os seus soffrimentos erão o justo castigo que a providencia lhes infligia por terem desprezado a patria allemã. Quando isto escrevi ao digno antecessor de V. Ex. estava longe de pensar que o viajante subvencionado pela repartição das terras publicas tivesse o desembaraço de ir continuar publicamente na Europa a sua propaganda contra a emigração; mas o seu folheto sobre o Mucury contém logo na 1ª pag. as seguintes notaveis palavras: « Se eu tivesse de escrever um cathecismo de emigração o meu primeiro mandamento seria — não emigrarás. »

E o mais curioso é que o doutor se exime de toda a censura que parecia caber-lhe pelo seu excentrico proceder, declarando no prefacio do 1º vol. de suas *Viagens* recentemente publicado na Allemanha que não recebêra da repartição geral das terras publicas outras instrucções (*) senão uma carta do digno director geral, o Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello, em que lhe recommendava que se divertisse e não adoecesse.

(*) Devo crer que estas erão as ostensivas.

Do autor.

Os outros estão firmes em não se afastar do Mucury, mas o temor de todos é que se realizem os annuncios que para lá teem feito os intrigantes; isto é, que o governo imperial procura embaraçar a continuação da entrada de colonos no Mucury.

Para este ponto eu invoco a benevola attenção de V. Ex.

Deus guarde a V. Ex. Escriptorio da companhia do Mucury, em 10 de março de 1860. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro João de Almeida Pereira Filho, muito digno ministro e secretario de estado dos negocios do imperio.

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI, director da companhia.

# APPENSO — E

## CARTA DO SR. HERCULANO V. FERREIRA PENNA

Illm. e Exm. Sr. Theophilo Benedicto Ottoni.—Recebi a carta de V. Ex. de 23 do corrente, em que, referindo-se á minha recente viagem pelo Mucury, V. Ex. pede-me as minhas impressões de viagens acerca dos seguintes topicos:

1.º O estado geral das estradas de Santa Clara a Philadelphia e de Philadelphia para o Alto dos Bois. Se tem-se feito ultimamente obra nova nas mesmas estradas, o seu estado quanto á conservação, os declives, a natureza do solo, os meios de transporte usados nas duas estradas, e tudo quanto possa convir para dar um verdadeiro juizo do estado actual das mesmas estradas.

2.º O estado dos armazens de S. José, Paredes, Santa Clara, Ribeirão da Pedra e Philadelphia.

Comquanto o pouco tempo de que podia dispôr para a minha viagem a Minas não me permittisse ter no Mucury uma demora sufficiente para habilitar-me, por meio de exames minuciosos, a dar uma resposta satisfactoria á carta de V. Ex., procurarei comtudo satisfazer, ainda que incompletamente, os desejos de V. Ex, communicando-lhe as ligeiras observações que de passagem pude fazer.

*Estrada de Santa Clara a Philadelphia.* — Sinto muita satisfação em declarar a V. Ex. que esta estrada, em vista do seu estado geral, deve ser considerada, se não como uma verdadeira estrada de rodagem, ao menos como uma das melhores que tem hoje a provincia de Minas.

Quando em dezembro passado, indo desta côrte para Minas, passei pela primeira vez por esta estrada, muito tinha ella soffrido com as copiosas chuvas que houve naquelle mez. Grande numero de arvores gigantescas, derribadas pelo vento, atravessárão completamente a estrada, e, pela difficuldade de sua immediata remoção, tornavão necessaria a abertura de picadas lateraes que possibilitassem o transito. Além disto, alguns atoleiros, e os desmoronamentos e excavações occasionados pelas chuvas, concorrião para tornar penosas as communicações entre Santa Clara e Philadelphia.

Quando, porém, em principio de março do corrente anno regressei a esta côrte, passando ainda pelo Mucury, fui agradavelmente sorprendido pelos trabalhos de reparação a que se tinha procedido ultimamente.

Removidas as arvores que a obstruião, aterrada e consolidada em todos os pontos onde era isto preciso, tendo soffrido finalmente todos os necessarios trabalhos de reparação, offerecia a estrada facillimo transito, não só aos viajantes como aos carros puxados por bestas ou bois, e empregados quasi exclusivamente como meio de transporte entre Santa Clara e Philadelphia.

A largura desta estrada posto que esteja longe da que convém a uma estrada de primeira ordem, é comtudo sufficiente para as necessidades actuaes do logar. Os declives são, em geral, fracos, e apenas em alguns pontos excedem o limite estabelecido para os das estradas de rodagem. O solo é em geral formado de argila arenosa, circumstancia muito favoravel á conservação da estrada.

Em toda a extensão desta estrada não se encontra a falta de uma ponte, pontilhão ou boeiro, ainda nos menores cursos d'agua que a atravessão; de sorte que não ha a receiar a interrupção das communicações nas estações chuvosas, como acontece frequentemente na maior parte das estradas de Minas.

Resta-me fazer menção de um trabalho, em minha opinião muito importante, com que se tem occupado e continúa a occupar-se a companhia, e que consiste na derrubada e plantação de gramma em uma larga zona de que a estrada fórma eixo. As principaes vantagens desta medida são: 1ª, facilitar a conservação da estrada, expondo-a mais efficazmente aos raios do sol; 2ª, tornar menos frequente a sua obstrucção pela quéda das grandes arvores; 3ª, remediar a quasi absoluta falta de pastos que havia nesta estrada nos primeiros annos depois de sua abertura. (*)

***Estrada de Philadelphia para o Alto dos Bois.*** — No que diz respeito aos trabalhos recentes de reparação e ao estado de conservação desta estrada, refiro-me ao que já disse acerca da de Santa Clara a Philadelphia, devendo accrescentar que foi ultimamente aberta cerca de meia legua de estrada nova, substituindo uma parte proximamente igual da que já existia e tendo por fim evitar um grande morro que se encontrava nesta ultima.

Assim, no seu estado actual, esta estrada presta-se ao transito dos viajantes e das tropas de bestas, empregadas exclusivamente como meio de transporte de Philadelphia para cima.

Cumpre-me, porém, declarar com toda a franqueza a V. Ex. que o traçado desta estrada não me parece o mais conveniente, e que elle deve ser antes considerado como uma via provisoria de communicação entre Philadelphia e o interior de Minas do que como uma estrada definitiva. (**)

(*) Hoje já se encontrão em muitos pontos da estrada excellentes pastos, obtidos pela plantação de gramma a que me refiro.

(**) Devo aqui notar que a grande difficuldade de um perfeito reconhecimento para a construcção de uma estrada em uma mata virgem, cujas circumstancias topographicas erão totalmente desconhecidas, o tempo consideravel necessario para esse reconhecimento, as grandes despezas que elle acarretaria, talvez em desproporção com as que a companhia podia fazer para este trabalho, e finalmente a urgencia de estabelecer communicações entre o Mucury e o interior da provincia, são circumstancias que muito podem ter influido ou talvez forçado a adopção do traçado da actual estrada.



Os declives são em geral fortes e nunca admittirão o emprego de carros como meio de transporte. O solo, em geral de natureza argilosa, presta-se com a maior facilidade á formação de atoleiros nas estações chuvosas, o que torna mais difficil e dispendiosa a conservação da estrada, principalmente nos logares baixos.

No que tenho dito acerca desta estrada refiro me sómente á parte aberta pela companhia do Mucury.

*Armazens.*— Os armazens de S. José, Santa Clara, Ribeirão da Pedra e Philadelphia achão-se bem conservados e em condição de satisfazerem plenamente o fim para que forão construidos, merecendo o ultimo especial mensão, pois, além de espaçoso e bem construido, torna, por sua situação e elegancia, summamente agradavel a vista que offerece á entrada da povoação.

Quanto ao estado do armazem situado no logar denominado Paredes, nada posso dizer, por não ter desembarcado nesse ponto.

Acerca dos topicos a que V. Ex. se refere em sua carta, são estas as ligeiras e incompletas observações que pude fazer na minha rapida passagem pelo Mucury, e, communicando-as a V. Ex., nenhuma duvida tenho de que ellas sejão inseridas no seu relatorio.

Sou com verdadeira consideração e estima, de V. Ex. patricio, amigo, obrigado e criado

HERCULANO V. FERREIRA PENNA.

Rio, 26 abril de 1860.

Typ. do CORREIO MERCANTIL.